Editora ABRIL
edição 2806 - ano 55 - nº 36
14 de setembro de 2022

veja

www.veja.com

★ 1926 - † 2022

UM NOBRE LEGADO

Ao longo de setenta anos, a rainha Elizabeth II alimentou e ampliou a charmosa popularidade da monarquia britânica em todo o mundo. O desafio do rei Charles III, seu sucessor, é manter vivo esse fascínio entre os súditos

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

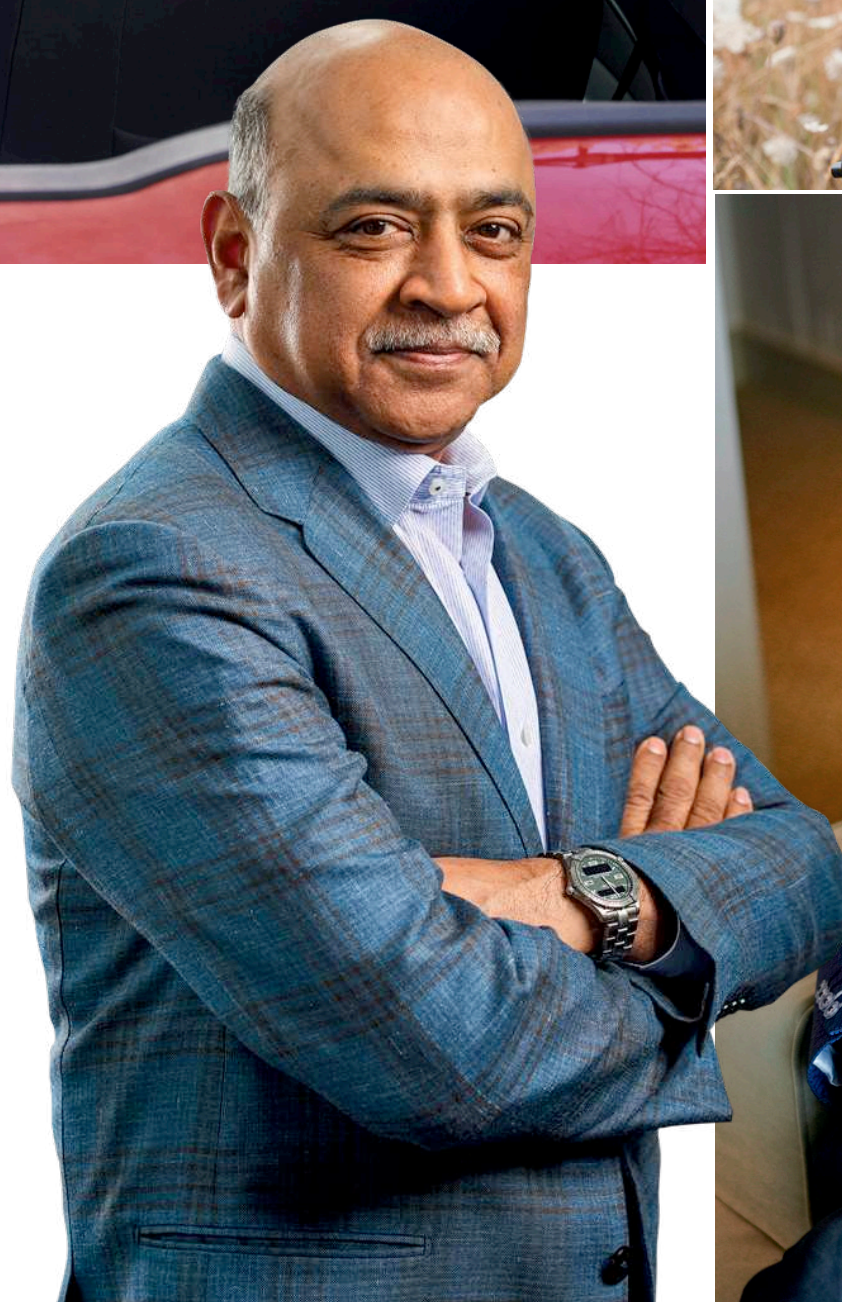
DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 806 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 36. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

GALERIA Chelsea e Hillary *(acima)*, Arvind Krishna, da IBM, o diretor J.A. Bayona e Stéphane Lefebvre, do Cirque du Soleil: entrevistados por VEJA

O TEMPO PRESENTE

EM PERÍODOS TÃO ÁSPEROS, de polarização política como combustível para informações falsas e exageradas, invariavelmente nos perdemos na velocidade das redes sociais, dos comentários sem embasamento, da postura permanente de recalque e confronto. Sim, a superficialidade e a agressividade são as marcas do momento atual, chagas que atrapalham a comunicação entre as pessoas. Mas existe um

FOTOS APPLE TV+; BILL WADMAN/IBM; ENRIC FONTCUBERTA/EFE; AMAZON STUDIOS

modo de combatê-las: acompanhar o jornalismo profissional, cuidadoso e atento, avesso ao histrionismo, ao ódio e às inverdades. É o que VEJA tem feito desde seu início, em setembro de 1968, nas páginas a seguir e, mais recentemente, também na internet. Nossa intenção é informar e transmitir conhecimento aos nossos leitores, oferecendo a história enquanto ela ocorre. Vale beber de um belo verso de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para compreender essa missão: "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente".

Não há modo mais adequado de tentar enxergar o mundo no qual vivemos do que correr atrás da notícia, testemunhando os mais importantes acontecimentos da humanidade e tendo acesso direto às principais fontes de informação. Extraem-se daí lições poderosas. E, nesse aspecto, a revista que você lê agora é um excelente exemplo do trabalho de VEJA em sua incessante busca por estar sempre à procura de quem tem algo relevante a dizer ou a ensinar — tanto brasileiros como celebridades internacionais. Nesta edição, o entrevistado das Páginas Amarelas é o executivo Arvind Krishna, CEO da IBM desde 2020, que nos conta sobre a inteligência artificial e seu impacto no mundo do trabalho. Na reportagem que começa na página 84, a ex-secretária de Estado americana Hillary Clinton fala a respeito da série *Gente de Coragem*, da Apple TV+, que ela e sua filha, Chelsea, estrelam. Hillary, na entrevista à repórter Kelly Miyashiro, não se furtou a tratar com franqueza a

respeito da decisão de continuar casada com o presidente Bill Clinton mesmo depois das revelações do escândalo com Monica Lewinsky, em 1998.

Entre outras histórias interessantes, trazemos também neste número deliciosas conversas com o canadense Stéphane Lefebvre, CEO do Cirque du Soleil, que enfrentou dificuldades com o aparecimento do coronavírus, mas conseguiu superá-las, e com o cineasta espanhol J.A. Bayona, diretor da série *O Senhor dos Anéis: os Anéis de Poder*, megasucesso que acaba de chegar ao streaming da Amazon Prime Video. O quarteto, acessado por nossos repórteres por Zoom, que os tempos de pandemia consagraram, tem um ponto em comum: todos são protagonistas fundamentais em suas áreas de atuação, figuras públicas que nos ajudam a revelar com acuidade a atual aventura da civilização, um período desafiador e de mudanças aceleradas. VEJA acompanha esse momento de perto, porque a melhor maneira de vislumbrarmos o futuro é observarmos com inteligência e equilíbrio o nosso tempo: o tempo presente de Drummond. ■

MONITORAMENTO INTELIGENTE PROTEGE O PANTANAL

PROJETO PRETENDE PRESERVAR 2,5 MILHÕES DE HECTARES DE ÁREAS NATIVAS DA REGIÃO, QUE ABRIGA UM DOS BIOMAS MAIS IMPORTANTES DO MUNDO

Um dos maiores projetos do mundo de preservação ambiental por meio da detecção rápida e do combate eficiente de incêndios, o Abrace o Pantanal, acaba de ser lançado. O objetivo é preservar 2,5 milhões de hectares de áreas nativas desse que é um dos biomas mais importantes do mundo. Para isso, a iniciativa concilia o uso de câmeras de monitoramento, inteligência artificial e brigadas de incêndio.

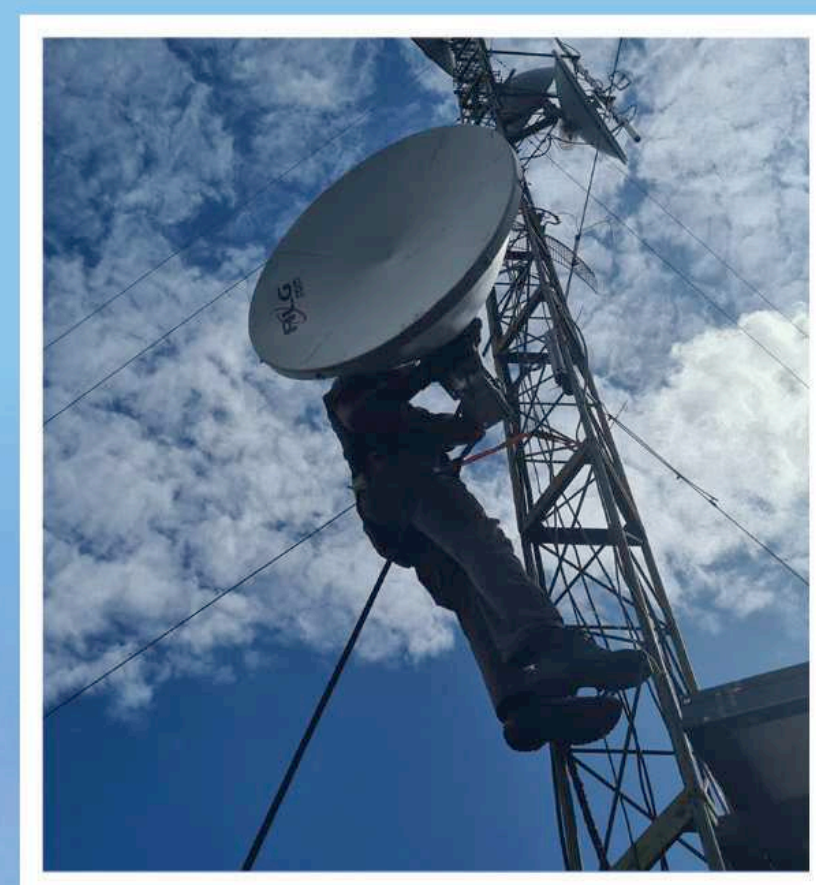
Resultado da união de forças de organizações de diferentes frentes, o que deu origem ao nome, a ação conta com a parceria da startup Um Grau e Meio e participação da Brigada Aliança, do Instituto Homem Pantaneiro (IHP), do Polo Socioambiental Sesc Pantanal e da JBS, a maior empresa de alimentos do mundo.

"Em 2020, foi inquietante ver 26% do Pantanal, uma das principais reservas mundiais da biosfera da Unesco, ser consumido pelo fogo", lembra o chief innovability officer (CIO) e cofundador da startup Um Grau e Meio, Osmar Bambini.

AÇÃO CONSISTENTE

A Um Grau e Meio disponibiliza o sistema de detecção instantânea de focos de incêndio, realizada por meio do software Pantera, que utiliza câmeras de alta resolução instaladas no topo de torres de comunicação, com capacidade de detectar focos de incêndio em questão de segundos.

As centrais de gestão independentes Brigada Aliança, IHP e Polo Socioambiental Sesc Pantanal reforçam a capacidade de comunicação, mobilização e planejamento. "O investimento em equipamentos vai permitir aumentar a capacidade de preservação contra os incêndios no Pantanal", afirma Angelo Rabelo, presidente fundador do IHP. "O projeto é uma oportunidade de somar esforços no sentido de assumir um compromisso com a preservação do bioma."

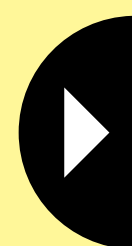
E o financiamento da JBS custeia a aquisição e a instalação dos equipamentos e o apoio às brigadas de incêndio, gerenciadas pela Aliança da Terra, que ficam espalhadas pela região, inclusive em unidades da empresa, com a capacidade de conter os focos no início. "Esses recursos e as informações via satélite propiciam grandes ganhos para a detecção de focos de incêndio", afirma Liège Correia, diretora de Sustentabilidade da Friboi. "Ações como essa beneficiam toda a cadeia de valor da pecuária, já que os incêndios devastam o ecossistema, prejudicam seriamente as propriedades rurais e lançam à atmosfera gases poluidores que provocam o aquecimento global."

FOTOS: ISTOCKPHOTO / JBS

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

DIVULGAÇÃO/IBM

O FUTURO CHEGOU

O presidente mundial da IBM examina a revolução tecnológica trazida pela pandemia e explica por que nunca mais seremos os mesmos após o avanço irrefreável da inteligência artificial

SABRINA BRITO

O ENGENHEIRO elétrico indiano Arvind Krishna assumiu o posto de CEO global da IBM, uma das maiores empresas de tecnologia do mundo, em abril 2020. Não era um período qualquer. Depois de trinta anos atuando em diversas áreas da companhia, ele ficaria incumbido de liderar o desenvolvimento de computadores quânticos, a próxima revolução tecnológica que está prestes a bater à porta da humanidade. Krishna, contudo, deparou com um desafio mais complexo: comandar, em plena pandemia, um gigante com presença em mais de 170 países e quase meio milhão de funcionários. Para sua sorte — e de sua empresa, obviamente —, nunca as pessoas estiveram tão dispostas a desfrutar novas tecnologias. Na entrevista a seguir, Krishna fala sobre as mudanças trazidas de forma compulsória pela grande crise dos últimos dois anos e esmiúça a revolução digital da nova era.

A pandemia levou a inúmeras transformações na sociedade. Na área da tecnologia, o que mudou? Antes da crise, a maior preocupação era se a tecnologia deveria ser usada em escala tão vasta. Depois da pandemia, passamos a discutir a confiabilidade dos novos recursos tecnológicos e o risco de serem utilizados para fins escusos. Quando se fala sobre isso, a legislação e a regulação têm grande importância. Muitos países estão trabalhando nesse sentido, inclusive o Brasil.

A crise sanitária, portanto, alterou a forma como o público enxerga a tecnologia? Em 2020, pela primeira vez em

muito tempo, o PIB global caiu sem que houvesse falta de mão de obra. A tecnologia mostrou que é possível manter o trabalho intelectual até nesses momentos. Na história, nunca tivemos uma vacina que foi criada, testada e liberada para uso em nove meses. Houve muita tecnologia computacional usada para o desenvolvimento da vacina.

A tecnologia pode ajudar a evitar a próxima pandemia? Certamente. Tomemos como exemplo a crise de Covid-19. Ao ajudar na criação da vacina, a tecnologia diminuiu os impactos negativos da pandemia. Ainda assim, levou nove meses. Será que conseguiremos reduzir esse tempo? Levar a vacina a outros países de modo mais eficiente? Juntar, monitorar e analisar dados suficientes para prever a

> **“Na inteligência artificial, os algoritmos aprendem a partir de exemplos que nós fornecemos. A sociedade só será bem replicada dentro dos computadores se tivermos times diversos cuidando deles”**

próxima pandemia? Talvez possamos encurtar o ciclo da próxima vez, tornando a pandemia menos invasiva.

A demanda por tecnologia continuará a crescer com a volta da normalidade? A população do Sudeste Asiático e da África está aumentando. Com isso, será preciso desenvolver mais serviços, ampliar os sistemas de saúde. Contudo, não há mão de obra suficiente. A única resposta para essa realidade é a tecnologia. Neste momento, com a inflação elevada e as altas taxas de juros no mundo, a tecnologia é ainda mais importante, pois ela impulsiona a economia.

Qual é a relação entre o crescimento econômico de um país e o seu grau de sofisticação tecnológica? Historicamente, a tecnologia sempre acompanhou o crescimento do PIB. Hoje em dia, porém, ela está de 3% a 4% à frente. Quando converso com governantes de vários países, eles estimam que a tecnologia represente de 2% a 3% do PIB. Agora, querem que o número chegue a 6% ou 7%. Ou seja, a tecnologia terá papel mais vital no futuro. Na verdade, está chegando a um ponto de relevância equivalente ao de serviços financeiros. Trata-se de uma grande transformação.

O avanço tecnológico levará a um cenário em que o trabalho do homem se tornará desnecessário? Não. Sei que sou minoria quando digo isso, mas tenho certeza de que estou certo. Se voltarmos ao ano 1900, mais de

50% do mundo trabalhava com agricultura. Atualmente, a taxa é 3%. Os outros 47% não estão parados: eles trabalham em outras indústrias que criamos, como o varejo ou o sistema de saúde. Nós temos necessidades demais para chegar a um mundo onde o homem não precisará mais trabalhar.

Mas algumas funções deverão desaparecer, certo? Neste momento, aeroportos precisam de centenas de milhares de trabalhadores. O mercado de fibras necessita de milhões de pessoas. A saúde também. Há inúmeros exemplos de ramos que demandam seres humanos. Conforme a tecnologia se desenvolve e automatiza os processos produtivos, liberamos as pessoas para realizar outras atividades, provavelmente mais intelectuais. Mas isso, claro, é trabalho também.

Há quem diga que a tecnologia nos afasta uns dos outros. O senhor concorda? É preciso usar a tecnologia da forma correta. Não podemos esquecer que a democracia depende de nossa habilidade para transmitir informação. Nesse sentido, a tecnologia é essencial, pois ela dissemina informações e permite que as pessoas tomem melhores decisões. Precisamos observar o que George Orwell propôs em *1984:* a tecnologia será usada para criar uma sociedade moderna ou para mudar o nosso comportamento de forma negativa? É esse o ponto-chave.

Muitas pessoas reclamam que nossos smartphones nos impedem de conversar à mesa. Antes, diziam que os jornais faziam a mesma coisa. Não é só a tecnologia que exerce esse papel. Precisamos ter regras sociais que, de certa forma, regulem a maneira como usamos as tecnologias. Acredito que 90% da tecnologia existe para nos ajudar, e não inibir. Precisamos apenas nos certificar de que ela não está nos enterrando em uma bolha.

Devemos temer o uso da inteligência artificial? Chegará o dia em que poderá ameaçar a humanidade? A inteligência artificial é uma ferramenta que, se desenvolvida e utilizada com responsabilidade, tem o poder de trazer enormes benefícios à humanidade. Seu uso, por si só, deverá liberar 16 trilhões de dólares em benefícios econômicos até 2030. Mas esses benefícios só podem ser realizados se garantirmos que ela seja confiável. As empresas devem ter clareza sobre quem treina seus sistemas de IA, quais dados são usados nesse treinamento e, o mais importante, o que foi incluído nas recomendações de seus algoritmos.

Os sistemas de inteligência artificial são alimentados com informações transmitidas por humanos. Nesse sentido, eles vão replicar nossos erros e deficiências? Quando falamos de inteligência artificial, os algoritmos aprendem a partir de exemplos que nós fornecemos. Isso significa que a sociedade só poderá ser replicada perfeitamente

dentro dos computadores se tivermos times diversos cuidando deles. É necessário, portanto, que os criadores de tecnologia sejam diversos. Sem isso, teremos homogeneidade, reproduziremos estereótipos e padrões. É impossível ter uma representação perfeita de todos que existem no planeta, mas é preciso ter representantes de todo grande grupo que existe.

A IBM pretende colocar no mercado, até 2025, um computador quântico. Como seu uso afetaria as nossas vidas? Trata-se da maior mudança de plataforma tecnológica em décadas. Com a computação quântica, poderemos simular o comportamento da matéria até o nível atômico, em vez de fazer suposições. Isso nos permitirá resolver problemas que até mesmo os supercomputadores mais rápidos do mundo não conseguem. Os exemplos incluem a redu-

"Nos últimos séculos, trabalhamos de forma parecida com a rotina empregada na Revolução Industrial. O ano de 2020 foi o primeiro em que priorizamos o nosso próprio tempo"

ção do tempo necessário para desenvolver novos medicamentos ou materiais, a criação de modelos climáticos mais precisos e até baterias mais eficientes e potentes.

Como o futuro verá a tecnologia que temos atualmente? O ano de 2020 será visto como um ponto de inflexão para o uso de tecnologia. Digo isso porque, nos últimos séculos, vivemos e trabalhamos de forma parecida com a rotina que era empregada na Revolução Industrial. Um sino tocava e os trabalhadores saíam de casa para trabalhar e só voltavam quando era permitido. Ainda fazemos isso: saímos, pelo menos a maioria de nós, às 9 horas e voltamos às 17 horas. O ano de 2020 foi o primeiro em que não precisamos agir assim, em que priorizamos o nosso próprio tempo.

Qual foi o impacto dessa revolução para o mundo do trabalho? Fomos igualmente produtivos em 99% dos casos. É uma mudança enorme, e que seria impossível sem a tecnologia, principalmente no sentido de comunicação. O ano de 2020 será visto como o primeiro de uma nova era, mais flexível em termos de trabalho, sobretudo quanto à localização e ao tempo que dedicamos às nossas atividades profissionais. Estamos vivendo uma grande experimentação.

O que seria essa exatamente isso? Agora, diferentemente de qualquer outra época da história humana, podemos tra-

balhar de outro país, em escala global. Praticamente qualquer um pode fazer isso. Os melhores talentos de uma empresa podem estar espalhados pelo mundo. A tecnologia permite que eles colaborem com os negócios tanto quanto quem está presente fisicamente.

A IBM adotou o modelo de home office em seus escritórios no mundo? A atual discussão se concentra demais onde as pessoas trabalham e não quando. Na IBM, projetamos o trabalho com base nos resultados que as equipes estão alcançando, não em suas atividades. Não acreditamos em uma única solução que diga que as pessoas devam estar no escritório em determinados dias e em determinados horários. As equipes podem vir em determinados dias ou uma semana inteira para trabalhar em um projeto específico ou definir horas de colaboração quando todos estão juntos. Uma cultura de confiança permite que as equipes trabalhem de maneira flexível, desde que atinjam seus objetivos.

Qual seria a vantagem desse modelo? A flexibilidade é importante para trazer mais mulheres de volta ao mercado de trabalho, considerando que elas foram desproporcionalmente afetadas pela pandemia. No futuro, acredito que o local de trabalho físico será muito mais sobre colaboração e menos sobre escritórios e mesas onde as pessoas realizem trabalhos rotineiros.

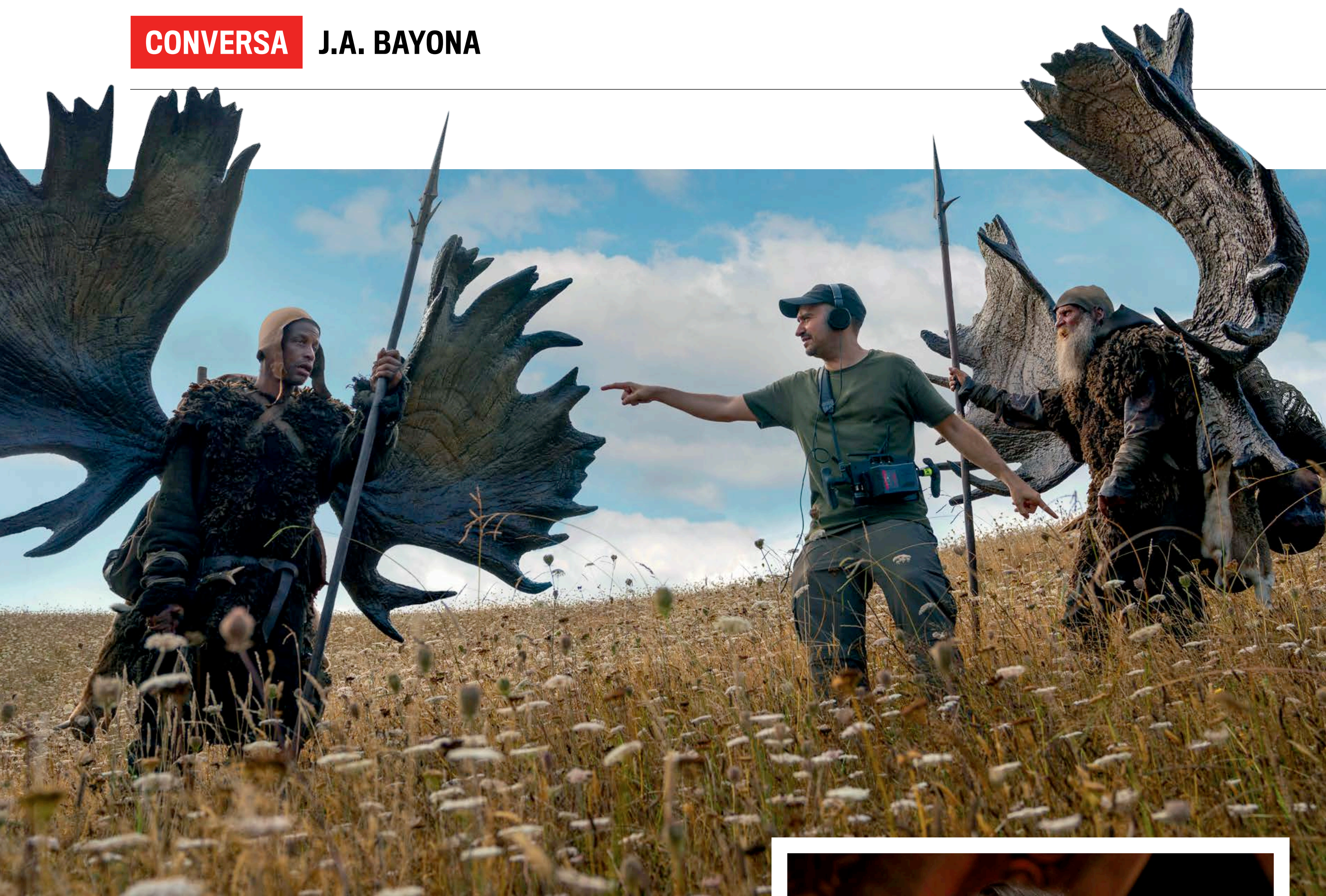
Qual será a próxima revolução tecnológica? Tenho certeza de que será a computação quântica. Essas máquinas poderão responder a perguntas cujas respostas desconhecemos. Como reduziremos o consumo de energia? Como sequestraremos carbono de modo mais eficiente? Como criaremos a próxima vacina? Essas respostas exigem conhecimentos que não concebemos ainda, e não podem ser obtidos com a tecnologia atual. Estamos a poucos anos de distância do ponto em que a computação quântica começará a gerar essas respostas. ■

UM GRITO CONTRA A VIOLÊNCIA

Em rara manifestação de união nacional, a Praça de Maio, em Buenos Aires, foi tomada por **uma multidão que gritava e portava cartazes contra "o ódio e a violência",** chocada com a inacreditável cena gravada em vídeo e divulgada em toda parte: um homem postou-se em frente à vice-presidente Cristina Kirchner, 69 anos, apontou uma pistola para seu rosto e puxou o gatilho.

EMILIANO LASALVIA/AFP

A arma falhou. A polícia prendeu Fernando Sabag Montiel, 35 anos, motorista de aplicativo nascido no Brasil e criado na Argentina — um “lobo solitário” cuja motivação é investigada. “Esse atentado merece o mais enérgico repúdio de toda a sociedade argentina”, disse o presidente Alberto Fernández, que decretou feriado e visitou Kirchner. Foi atendido: até Mauricio Macri, o principal rival do governo, e Javier Milei, o “Bolsonaro argentino”, se solidarizaram com a vice. O ataque ocorreu em um momento crítico da eterna crise do país. Fernández e Kirchner, em pé de guerra, não se falavam havia meses. No vazio de poder, a inflação deve chegar a 90% e a miséria se aprofunda. Enrolada em processos por corrupção e outros crimes, Kirchner é alvo do Ministério Público, que acaba de pedir doze anos de prisão por seus atos — foi aproveitando a presença diária de apoiadores em volta de seu prédio, em reação ao MP, que o atirador se aproximou dela. Em um gesto de maturidade cívica, os argentinos puseram os problemas de lado e foram às ruas colocar a paz e a democracia em seu merecido lugar, pelo menos por uma tarde. ■

Caio Saad

“TOLKIEN É ATEMPORAL”

O cineasta espanhol de 47 anos fala da experiência de dirigir a bilionária série *O Senhor dos Anéis: os Anéis de Poder*, da Amazon, e celebra a força do autor inglês e da fantasia no mundo atual

MARIO GUZMÁN/EFE

NOVO OLHAR Bayona *(acima)* e no set da superprodução: “Bom roteiro é essencial, seja lá qual for o orçamento”

BEN ROTHSTEIN/AMAZON STUDIOS

***Os Anéis de Poder*, nova superprodução do Prime Video, da Amazon, retrata um mundo baseado nos apêndices da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Quais os desafios para dar forma a esse universo de um jeito original, mas fiel à visão do autor?** Esse desafio foi parte do que me atraiu no projeto. A base deixada por Tolkien é muito sólida e consistente, pois o conteúdo dos apêndices de *O Senhor dos Anéis* deu início aos eventos principais da série. Como fã, foi uma delícia retratar cenários visualmente inéditos. É o caso do Khazad-dûm, lar dos anões no interior de uma montanha. Ele estava em ruínas na trilogia adaptada nos cinemas por Peter Jackson, mas na série surge em seu ápice.

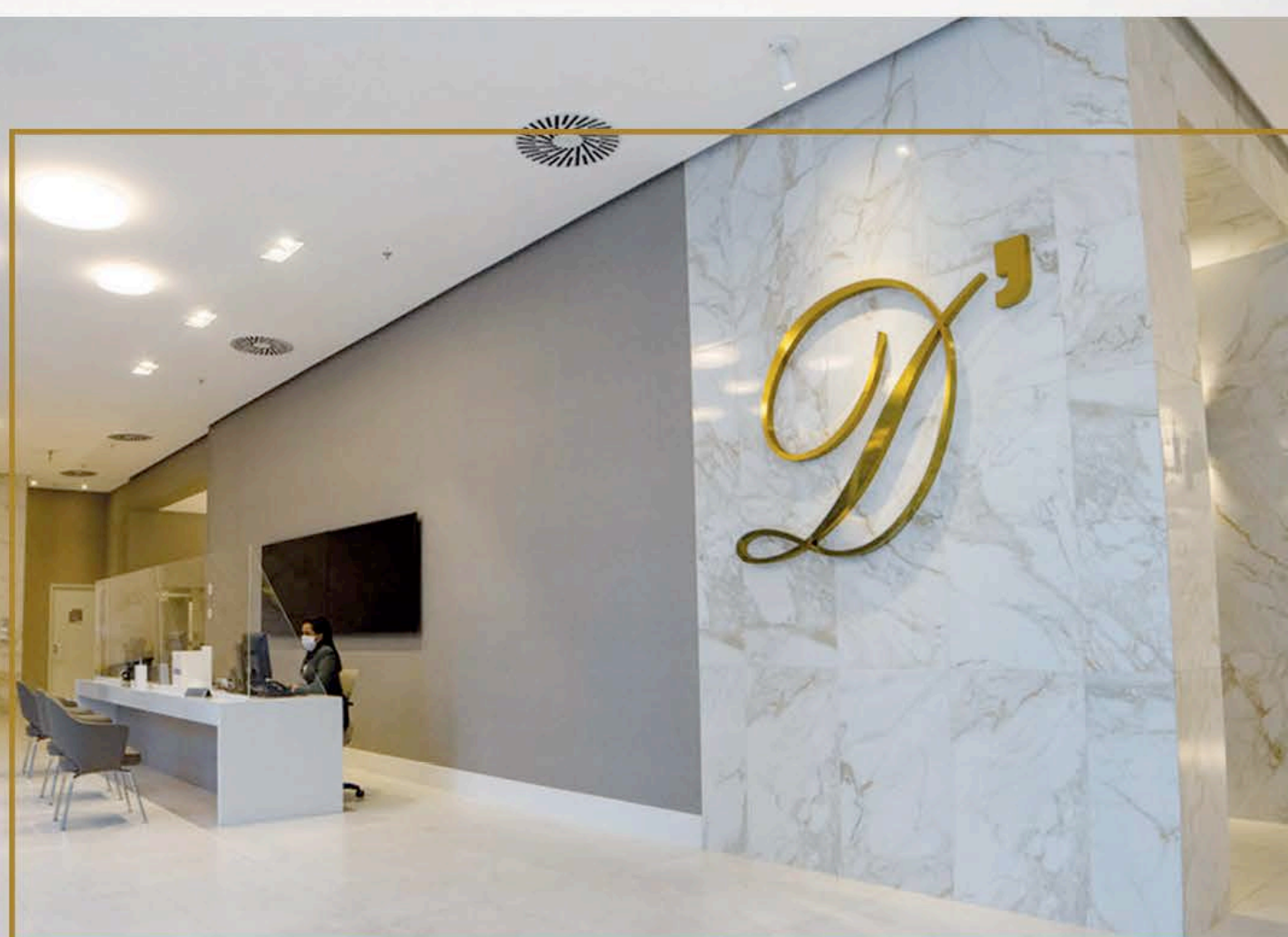
Seu currículo tem desde terror sobrenatural, caso do ótimo *O Orfanato*, até superproduções hollywoodianas como *Jurassic World*, todos com um pé na fantasia. Por que o interesse pelo gênero? A fantasia é uma lente eficaz para retratar a realidade. Ela funciona como um espelho no qual podemos enxergar nossa humanidade e a sociedade de forma mais clara. Tolkien foi uma inspiração que me fez gostar desse gênero e, agora, vejo que minhas experiências anteriores me prepararam para essa série.

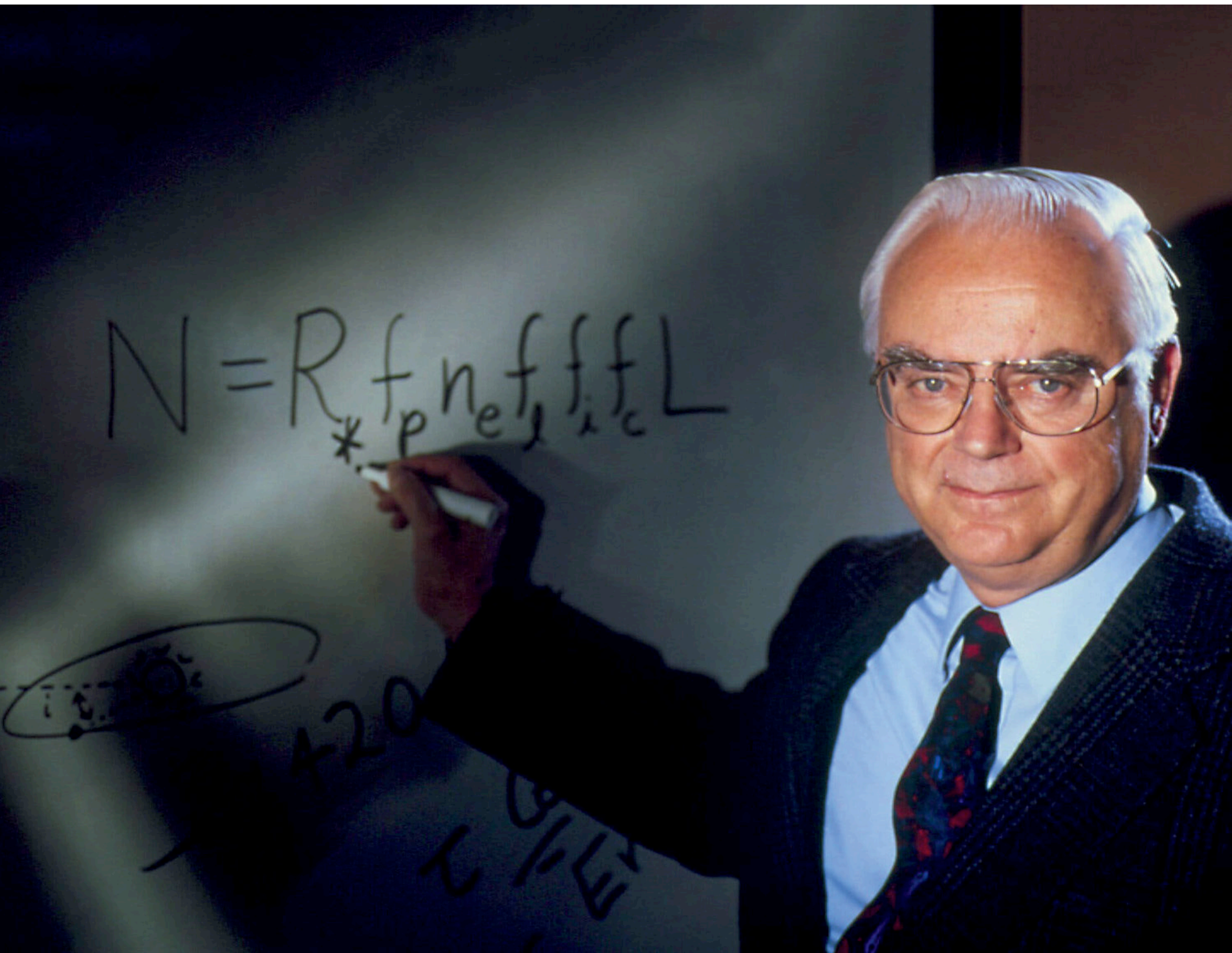
Ter um orçamento de 1 bilhão de dólares deve facilitar o trabalho, não? É muito bacana ter cenários enormes e uma estrutura invejável, mas, no fim das contas, a pressão vem da qualidade da narrativa. Uma história bem construída e

um bom roteiro são essenciais seja lá qual for o orçamento.

Ao contrário dos filmes de Peter Jackson, o elenco da série é bem diverso. Foi uma escolha feita para atender à correção política? Nós escolhemos os atores certos para cada personagem, não estávamos procurando por uma cor ou nacionalidade específica. O processo de testes foi muito longo e os escolhidos se encaixaram bem no que os personagens exigiam.

Como responde aos ataques racistas sofridos por atores do elenco, vindos de fãs ferrenhos de Tolkien? Quem lê Tolkien, de fato, nota que ele celebra a diversidade. No final da história, a paz foi uma celebração de todas as raças se unindo para combater o mal. A mensagem do autor é sobre os sacrifícios feitos para combater a ascensão do mal, do autoritarismo e da repressão. E isso se relaciona com nosso tempo hoje — e com esses ataques, por exemplo. Mesmo escrita há mais de setenta anos, a obra de Tolkien é atemporal. ■

Raquel Carneiro

AFINAL, ESTAMOS SÓS?

DR. SETH SHOSTAK/SCIENCE SOURCE

CAÇADOR DE VIDAS Drake: carta de apresentação da humanidade ao cosmos

O astrônomo e astrofísico americano **Frank Drake** teve um único objetivo em setenta anos de carreira profissional: encontrar vida em outros planetas. Foi ele quem transformou uma ideia risível em atividade séria, compartilhada com

pesquisadores renomados como Carl Sagan. No fim da década de 50, quando trabalhava no Observatório Nacional de Radioastronomia, em Green Bank, nos Estados Unidos, Drake começou a se indagar sobre que tipo de utilidade teria a gigantesca antena, um panelão de 25 metros de largura que acabara de ser construído. Depois de uma sucessão de cálculos, intuiu que, se outra geringonça semelhante existisse em um sistema a alguns anos-luz de nós, ambos os equipamentos poderiam se comunicar por meio de sinais de rádio. A ideia culminaria, em 1974, numa mensagem enviada ao cosmos, uma "carta de apresentação da humanidade" com informações como a constituição de um DNA, uma representação pictórica do sistema solar, os números de 1 a 10 etc. Não se sabe, ao menos até hoje, de contato estabelecido.

Drake, contudo, nunca abandonou o otimismo em sua busca permanente — que, se ainda não alcançou a meta primordial, a identificação de seres alienígenas, ao menos colaborou para o desenvolvimento de pesquisas astronômicas e o fascínio pelo tema. Ele transformou a ficção científica em ciência. No livro *Vida Inteligente no Espaço*, de 1962, escreveu: "Nesse exato minuto, com certeza absoluta, ondas de rádio enviadas por outras civilizações estão caindo na Terra. Algum dia, de algum lugar entre as estrelas, virão as respostas para algumas das perguntas mais antigas, relevantes e emocionantes que nos fazemos". Drake morreu em 2 de setembro, aos 92 anos, em Aptos, na Califórnia, de causas não reveladas.

MARY ALTAFFER/AP/IMAGEPLUS

PRIMEIRA LEITURA Sterling Lord: quatro anos para vender a uma editora o clássico de Jack Kerouac

PÉ NA ESTRADA

Foi um encontro improvável, em um escritório nova-iorquino. O ano: 1952. De um lado, um jovem urbano de 31 anos, de fala pausada, sóbrio, quase sempre de terno e camisa branca, **Sterling Lord,** agente literário que começava a procurar escritores. De outro, um andarilho beberrão, Jack Kerouac, de 29 anos, que tirou da mochila surrada um imenso manuscrito. Era *Pé na Estrada,* que Lord demorou quatro anos para conseguir vender a um editora, e por meros 1 000 dólares.

O livro, clássico da geração beat, venderia mais de 5 milhões de exemplares desde 1957, o relato de uma viagem pelos Estados Unidos de dois amigos, Sal Paradise e Dean Moriarty, repleta de sexo, drogas e liberdade. Depois da largada com Kerouac, Lord se transformaria em um dos mais reputados agentes literários americanos, promotor de nomes como Ken Kesey *(Um Estranho no Ninho)* e Howard Fast *(Espártaco).* Ele morreu aos 102 anos, em 3 de setembro, em Nova York.

VITTORIO ZUNINO CELOTTO/GETTY IMAGES

ESTRELA JOVEM Charlbi Dean: a assassina Syonide da série *Raio Negro,* exibida na Netflix

MORTE PRECOCE

A atriz e modelo sul-africana **Charlbi Dean** ficou conhecida pelo papel da assassina Syonide, da série *Raio Negro,* exibida pela Netflix. Ela faz parte do elenco do filme *Triangle of Sadness,* do diretor sueco Ruben Östlund, vencedor da Palma de Ouro em Cannes, ainda sem título em português. No longa, um casal de celebridades do mundo da moda é convidado para um cruzeiro de luxo exclusivo para pessoas muito ricas. Charlbi morreu em 29 de agosto, aos 32 anos, em Nova York, de causas não reveladas. ■

FERNANDO SCHÜLER

AS LIÇÕES DO CHILE

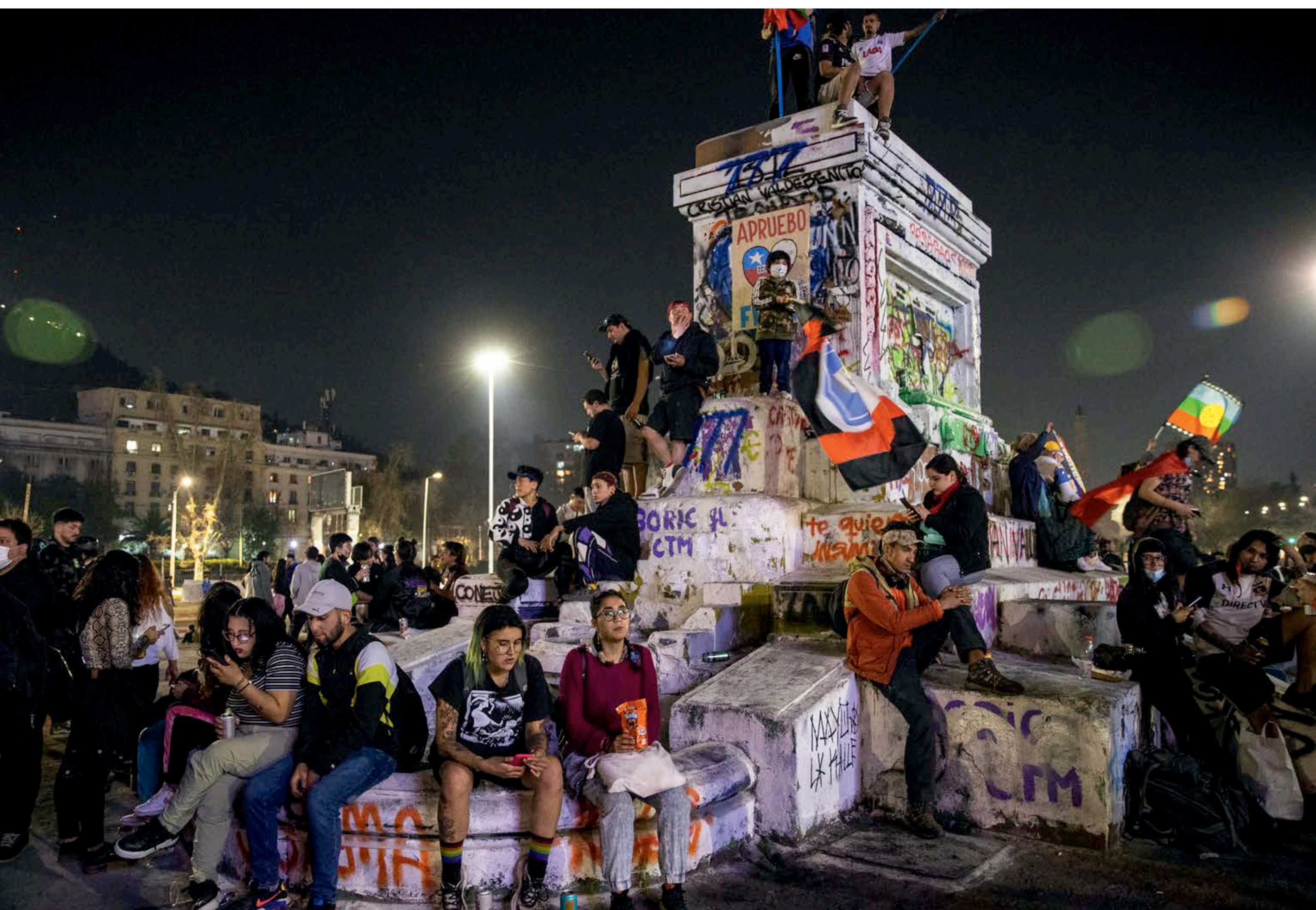
O ***RECHAZO*** ganhou no Chile e o que seria a fantástica nova Constituição da América Latina foi parar em uma gaveta. Mas ficará na história. Será lembrada como a primeira Constituição ativista. Identitária, progressista, ambientalista, antissexista, antipatriarcal, indigenista, animalista. E feita do amor às palavras. São exatas 49 637, seis vezes mais do que na Constituição dos Estados Unidos. Não há problema com os ativistas. Eu mesmo já fui um deles, lá pelos meus 20 anos. O problema é o "ativista fora do lugar". O sujeito que se põe a formatar a sociedade a partir de sua visão de mundo muito particular. A fazer "engenharia social", ou ainda, como nesse caso, uma superengenharia social. Regulando as palavras que devemos usar, definindo as "identidades" merecedoras de mais ou menos direitos, o padrão correto de desigualdades econômicas, e mesmo coisas mais sublimes, como reconhecer "a espiritualidade como um elemento essencial do ser humano", como se lia no projeto chileno.

Lendo aquele texto quase infinito, tive a sensação de me perder no paraíso. "Direito à moradia", ao "ar limpo", à "alimentação saudável e culturalmente pertinente", ao acesso à internet, à "educação sexual integral", ao uso de "sementes tradicionais", a uma "morte digna. E à "igualdade substantiva", con-

ceito que não faço ideia de como será interpretado pelos juízes chilenos. Apreciei o "direito à cosmovisão", talvez posto lá por uma minoria "filosófica". A palavra direito/direitos aparece 422 vezes. Recorde mundial, entre todas as constituições do planeta, segundo o Comparative Constitutions Project.

Os economistas, com sua mania xarope de perguntar sobre o custo das coisas, foram estragar a festa. Disseram que o novo texto iria custar entre 9% e 14% do PIB chileno. *The Economist* chamou o projeto de "lista fantasiosa e fiscalmente irresponsável da esquerda", vocacionada a dar marcha a ré no progresso que o Chile conquistou ao longo das últimas quatro décadas. O Chile é o primeiro colocado, na América Latina, em virtualmente todos os indicadores relevantes. Melhor IDH, maior PIB per capita, melhor educação, medida pelo Pisa, menores taxas de pobreza e mortalidade infantil. Tudo culpa do "modelo neoliberal", que, segundo se lê por aí, era urgente que fosse posto abaixo no país.

Muita gente achou paradoxal que as pessoas tenham apoiado, em 2020, a realização do processo constituinte, e no frigir dos ovos tenham votado contra o texto final. Não há paradoxo nenhum. No primeiro referendo, facultativo, votaram 50% dos eleitores; no segundo, obrigatório, foram 86%. "A maioria silenciosa entrou em campo", me diz um colega chileno, e "muitos eleitores imaginavam corrigir falhas da atual Constituição, não colocar o edifício inteiro abaixo. "Houve também uma interpretação equivocada sobre o significado dos protestos de 2019", ele diz. Não houve uma revolução, e tampouco havia ali

ALBERTO VALDÉS/EFE

"NÃO" A tristeza: uma democracia não é boa só quando ganham progressistas

algum programa de mudanças minimamente estruturado. Havia um descontentamento difuso, conduzido por grupos muito à esquerda do pensamento médio da sociedade chilena. Seu resultado mais objetivo foi o impulso dado à eleição de Gabriel Boric. Me lembrei das lições de Hannah Arendt: a guerra de libertação é sempre mais fácil do que a construção da liberdade. Daí sua admiração pela moderação e o senso prático dos revolucionários americanos, e seu ceticismo com a eloquência vazia dos revolucionários franceses.

“Há tensão entre a minoria ativista e a maioria dos homens comuns”

De minha parte, lembrei dos protestos de rua do Brasil em 2013. Há traço comum aí das democracias atuais. O súbito aparecimento do “quinto poder”, feito da multidão aglutinada via redes digitais, ao estilo *flashmob*. Manuel Castells radiografou isso com precisão, observando que se tratam, em regra, de movimentos desordenados, nascidos de algum “gatilho” (como foi o aumento do metrô, no Chile) com um apelo difuso à “dignidade”, e efêmeros. Diferentemente do que ocorreu no Brasil, o “estalido social” chileno foi violento. Trinta mortes e vandalização generalizada de bens públicos. E que aprovou um processo constituinte, que abriu a caixa de pandora e resultou no texto agora rechaçado.

O engraçado é ler algumas explicações. De uma analista, leio que a população não “compreendeu” o significado da nova Carta, e a culpa seria das *fake news* sobre a relativização dos direitos à propriedade, abertura das fronteiras aos imigrantes e coisas do tipo. É curioso. Parecemos imaginar que a ignorância anda sempre do “outro lado”. Em uma manifestação do “Aprovo”, o grupo Las Indetectables realizou uma performance extraindo uma bandeira chilena do ânus de um per-

former, representando o que seria o "aborto do velho Chile". Tudo avançado demais para "essa gente" entender. Vai aí uma marca das democracias atuais: a tensão permanente entre a minoria ativista e a maioria formada pelos homens comuns. O conservador, o "gado", que não entende, que gosta de música ruim, piadas de mau gosto, usa as palavras erradas e não reconhece os avanços do progressismo.

O que ninguém admite é que as pessoas possam ter votado "não" porque acharam o projeto ruim, e é assim nas democracias. Uma democracia não é boa apenas quando ganham as posições progressistas, mas também quando ganha o outro lado. Difícil entender? Outro ponto é fazer distinção entre o que é matéria constitucional e o que é matéria de política pública. A Constituição trata das regras do jogo. Direitos fundamentais, organização da República e temas de grande consenso. Liberdade de expressão é matéria constitucional; lutar contra a mudança climática (como se lê no projeto chileno) é política pública. Temas de política pública são transitórios, sujeitos a consensos provisórios, numa sociedade aberta. Nossa Constituição é um exemplo dessa confusão. Por que consideramos que é matéria constitucional proteger a Zona Franca de Manaus? Ou que determinada categoria profissional tenha um piso salarial, diferentemente das demais, igualmente dignas? Um colega cáustico me definiu o problema: põe isso lá quem tem lobby no Congresso, e isso vale para piso, benefícios fiscais ou aposentadorias especiais. Temos uma Constituição marcada a ferro pelo lobby no mundo político. Não deveria ser assim.

É esta a lição chilena. Que nenhum grupo em particular, nenhuma minoria ideológica, deve pretender fixar as regras do jogo em uma sociedade plural. Que as constituições demandam consensos amplos e limitados, e servem fundamentalmente para proteger a liberdade e a igualdade de todos diante da lei. Aqueles direitos elementares que, de geração em geração, forjaram o melhor do mundo moderno, e dos quais não deveríamos abrir mão. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

JOÃO DORIA

O ex-governador paulista comandou o excepcional trabalho de restauração do Museu do Ipiranga, que foi reinaugurado no 7 de Setembro.

MARTE UM

O longa produzido em Minas Gerais e dirigido por Gabriel Martins representará o Brasil na briga por uma vaga no Oscar.

LUIZ FELIPE SCOLARI

Ao vencer o Palmeiras na semifinal da Taça Libertadores, o técnico do Athletico Paranaense se tornou o treinador brasileiro com o maior número de participações na decisão da competição sul-americana.

DESCE

SERGIO MORO

O ex-juiz foi alvo de operação de busca e apreensão por suspeita de uso de material de campanha irregular e segue atrás de Alvaro Dias nas pesquisas para o Senado no Paraná.

DANIEL SILVEIRA

Por 6 votos a 1, o TRE-RJ decidiu que o deputado federal não poderá concorrer ao Senado. Ele ainda pode recorrer ao TSE.

APPLE

Por decisão do Ministério da Justiça, foram suspensas no país as vendas de iPhone sem carregador. A empresa terá ainda de pagar uma multa de 12,2 milhões de reais.

Edição: **LIZIA BYDLOWSKI**

CHRISTIAN GAUL

“Na linha da vida, os mais velhos vão primeiro. Quando você pega uma inversão da linha da vida, um pai perdendo um filho, é muito duro. Eu jamais poderia imaginar que houvesse uma dor tão grande.”

ABILIO DINIZ, 85 anos, empresário, ao comentar pela primeira vez a morte do filho João Paulo Diniz, aos 58 anos

“Ela nunca vai virar onça porque ela não passa de uma amiga da onça. Ninguém sabia nem da sua existência. Ela enganou o povo do nosso estado ao dizer que era bolsonarista.”

RODOLFO NOGUEIRA, suplente da senadora Soraya Thronicke, do União Brasil de Mato Grosso do Sul, candidata à Presidência, que afirma que ela traiu Jair Bolsonaro

“O inimigo do Estado é ele e os que o cercam.”

DONALD TRUMP, ex-presidente dos Estados Unidos, em resposta a Joe Biden, que o acusou de ser uma permanente ameaça à democracia

“Lutar contra Putin é como estrangular uma enorme anaconda, leva tempo, pode ser muito tempo, mas vamos conseguir.”

VLADIMIR MILOV, conselheiro econômico do mais conhecido opositor do presidente russo, Alexei Navalny

O PRECONCEITO VAI ÀS URNAS

"A gente quer que a nossa mulher seja respeitada. A gente quer que o nosso companheiro homem, quando a sua companheira trabalha, ele tenha dignidade de ir para a cozinha ajudar no serviço da mulher, que assim ele vai ser parceiro."

LULA, em frase criticada por supor que forno e fogão sejam espaços apenas femininos – e não são, definitivamente

"Quando precisar trocar um pneu sozinha na rua e vier pessoas na sua direção, prefere ter na bolsa uma Lei Maria da Penha ou uma pistola?"

JAIR BOLSONARO, que não perde a chance de perder o tom

"Aí fizeram a Constituição *(no Chile)* cheia de peculiaridades identitárias, uma série de baboseiras desse esquerdismo que vem dos Estados Unidos para substituir a falta de compromisso popular verdadeiro das esquerdas."

CIRO GOMES, sem nenhum compromisso com a diversidade

“A arte serve para
livrar a gente da
mediocridade dos dias.”

DENISE FRAGA, atriz

“Apesar de tudo neste
governo estar contra a cultura,
o cinema nacional tem um vigor,
uma pujança, uma criatividade
lindos de ver e que eles não
vão conseguir deter.”

MARIETA SEVERO, atriz

“Depois de muita prática,
acho que escrevo boas
frases em inglês.”

J.M. COETZEE, escritor sul-africano,
em laivo de modéstia

ANA BRANCO/AG. O GLOBO

“Quero viver até depois dos 100. Ainda tenho muitas coisas para experimentar.”

MAITÊ PROENÇA, atriz, 64 anos

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

A razão venceu

Alvo de ameaças de aloprados, o STF se preparou para uma guerra no 7 de Setembro. Felizmente, os ataques não se concretizaram, mas **Luiz Fux** não deixou de estar fisicamente presente no Supremo na quarta. "Não tivemos ocorrências. Foi calmo", diz.

Retrato de família

Com a maioria dos colegas em locais distantes do tribunal, Fux foi ao Supremo na quarta e, de lá, acompanhou os momentos derradeiros do feriado da Independência. Tirou foto e agradeceu pessoalmente a cada um dos policiais que fizeram a segurança da Corte.

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

NO FRONT Luiz Fux: ele estava no STF durante as manifestações do 7 de Setembro

Longe do "zap"

Diferentemente do ocorrido em 2021, os ministros não chegaram a se mobilizar para analisar os atos bolsonaristas. "O trabalho maior neste ano, creio eu, ficou para o TSE", diz um ministro.

Isso pode?

A campanha de Jair Bolsonaro não economizou para documentar o comício presidencial na Esplanada. Com aval do GSI, equipes filmaram do alto dos prédios e até dois drones puderam sobrevoar o ato. Todo o material, claro, vai para o horário eleitoral.

Ufa!

Ciro Nogueira e seus colegas de Planalto respiraram aliviados quando a festa na Esplanada terminou sem o registro de atos violentos. "Passamos por essa", disse o ministro palaciano.

À flor da pele

Apesar do sucesso de público, Bolsonaro estava bem irritado no 7 de Setembro. Começou o dia batendo boca com Michelle, ainda no Alvorada, gritou com Luciano Hang para que ele só usasse o microfone por um minuto e impediu Bia Kicis de discursar.

Na luta

Ana Cristina Valle, ex-mulher de Bolsonaro e mãe de Jair Renan, torrou no sol distribuindo santinhos na Esplanada. Ela é candidata a deputada no DF.

Todo cuidado é pouco

Bolsonaro usou um colete

discreto na Esplanada, para calibres menores. No Rio, trocou por um bem mais pesado.

Ovelhas perdidas

Resgatar arrependidos. Eis o grande objetivo do 7 de Setembro para a campanha de Bolsonaro. "Esses votos do Ciro Gomes e Simone Tebet vão voltar", diz um auxiliar de Bolsonaro.

Apoio camuflado

No grupo de "zap" do primeiro escalão do governo, ministros compartilharam fotos e posts de grandes empresários presentes no meio da multidão.

Já vi esse filme

Para Carlos Lupi, o 7 de Setembro foi o último ato do governo Bolsonaro. "Já vi grandes mobilizações da sociedade na véspera da derrota. Afirmar apoio com povo na rua é sempre prenúncio de derrota", diz.

Melhor ficar em casa

A campanha até preparou agendas, mas Lula preferiu ficar na sombra no 7 de Setembro. As opções oferecidas ao petista eram visitar o novo Museu do Ipiranga, em São Paulo, ou a Catedral de Aparecida do Norte. Nada feito.

Baita apetite

Com 66,7 milhões de reais já liberados, a campanha de Lula tem reclamado de falta de... dinheiro.

Batalha final

Lula e Bolsonaro concordam: a batalha final da eleição será em São Paulo. Para Bolsonaro, a meta é abrir 10 pontos no estado. Lula já corre para evitar.

Os opostos se atraem

Sergio Moro ironiza o PT por tentar vetar o uso do termo “juiz” na sua campanha: “É que, com o ‘juiz’, as pessoas lembram quem é o ‘ex-presidiário’”.

Que fase

Aécio Neves vibrou recentemente com a aprovação de um projeto dele, na Câmara, que torna Lagoa Dourada (MG) a “Capital Nacional do Rocambole”.

Loteria abençoada

A bancada evangélica mudou de humor, no Congresso, sobre os jogos de azar. Aprovou em peso duas novas loterias (Saúde e Turismo).

Correria

Paulo Guedes diz que o risco de vitória de Lula tem ajudado a acelerar os acordos na OCDE. Os europeus temem o retrocesso nas negociações. “Até o fim do ano vamos assinar tudo”, diz.

Só assinar

Está praticamente encaminhado na OCDE, por exemplo, o acordo que dificulta a evasão de divisas de empresas do Brasil para paraísos fiscais europeus.

Torneira aberta

Em plena campanha, a gestão Bolsonaro vai romper nos próximos dias a barreira dos 50 milhões de reais torrados neste ano no cartão corporativo.

Sem crise

Gigante dos sucos naturais, a Natural One faturou 219 milhões de reais no primeiro semestre, um crescimento de 50% nas vendas no país.

DIVULGAÇÃO

REFRESCO Sousa: na passagem por Brasília, o presidente português curtiu a apresentação do grupo Choro Livre

Sopro de normalidade

A Maple Bear, do brasileiro Chaim Zhaer, acaba de reabrir sua escola em Kiev, na Ucrânia. A capital da guerra tem só quatro escolas em atividade.

Choro de alegria

Tratado com frieza por Bolsonaro no sonolento desfile de 7 de Setembro, o presidente de Portugal, **Marcelo Rebelo de Sousa,** deu um jeito de curtir sua passagem por Brasília. Ele se esbaldou numa apresentação do grupo **Choro Livre:** "O choro amenizou as grosserias a Portugal", diz Henrique Filho, o **Reco do Bandolim.**

TELONA Bethânia: filme sobre a diva está em 32 salas de cinema no país

Um recomeço

As juízas afegãs que fugiram do Talibã há um ano já atuam como advogadas em oito estados no país.

A força da palavra

A Record lança em novembro a obra *Do Fim ao Princípio: Poesia Completa de Adalgisa Nery,* sobre a famosa poetisa modernista falecida em 1980.

A nossa rainha

O filme *Maria — Ninguém Sabe Quem Sou Eu*, de Carlos Jardim, foi visto por mais de 8 000 pessoas em 32 salas de cinema no país. A produção homenageia a diva **Maria Bethânia.** ■

LEO BAHIA/FOTOARENA

ERA DE ESCÂNDALOS Bolsonaro: o presidente aposta que passado de Lula vai ajudar a reverter a desvantagem em relação ao rival

A TEMPERATURA SUBIU

Os candidatos redefinem as estratégias, partem para o confronto e a corrupção volta ao centro do debate na reta final do primeiro turno

MARCELA MATTOS E **HUGO MARQUES**

RICARDO STUCKERT

CONSTRANGIMENTO Lula: o ex-presidente tentou, sem êxito, fugir do tema

Um dos grandes dilemas do ex-presidente Lula antes de oficializar a candidatura ao Palácio do Planalto era sobre como reagir caso fosse chamado de ladrão durante a campanha. O constrangimento seria inevitável. Para evitá-lo, os estrategistas do PT tentaram concentrar o embate em temas como inflação, desemprego e pobreza. Além de fustigar Jair Bolsonaro (PL), o seu principal adversário, a pauta econômica permitiria ao ex-presidente ressaltar as realizações de seus

oito anos de mandato e deixar de lado assuntos incômodos como corrupção. O imponderável, no entanto, colocou a tática por terra. O país cresceu mais do que se previa, a inflação recuou, o desemprego diminuiu e os programas sociais atenuaram até certo ponto os efeitos da miséria. E o que os petistas mais temiam aconteceu. No primeiro debate entre os presidenciáveis, Lula foi chamado de ex-presidiário e instado a responder sobre os escândalos de seu governo. Ele titubeou, tentou desconversar, mas só conseguiu deixar evidente o tamanho da dificuldade em enfrentar o assunto. O seu ponto fraco havia sido exposto.

Ato contínuo, as redes sociais foram inundadas de peças publicitárias associando o PT e o ex-presidente à corrupção. Na mais agressiva delas, produzida pela equipe de campanha de Bolsonaro, eleitores aparecem falando sobre o medo que têm de ladrões. O nome de Lula não é citado diretamente, mas uma legenda se encarrega de fazer a conexão: “Nunca votaria num ladrão! Em outra inserção com o mesmo objetivo, os bolsonaristas resgataram antigas declarações do atual vice de Lula, o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, para quem a eleição do seu hoje companheiro de chapa seria “voltar à cena do crime” — uma referência aos casos de corrupção em que Lula e o PT estiveram envolvidos. E é só o começo. As peças publicitárias que exploram casos de corrupção do adversário representam 20% de todo o material de campanha que o PL já preparou. Os esquetes, antes de ir ao ar, estão passando pelo crivo do general Braga Neto, can-

REPRODUÇÃO

ATAQUE Propaganda de Bolsonaro: petista é chamado de "ladrão", "quadrilheiro", "ex-presidiário" e "descondenado"

didato a vice-presidente na chapa do ex-capitão. O tema também foi explorado no discurso de Bolsonaro durante as comemorações do 7 de Setembro. O presidente chamou o petista de "quadrilheiro", enquanto a plateia respondia em coro "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão".

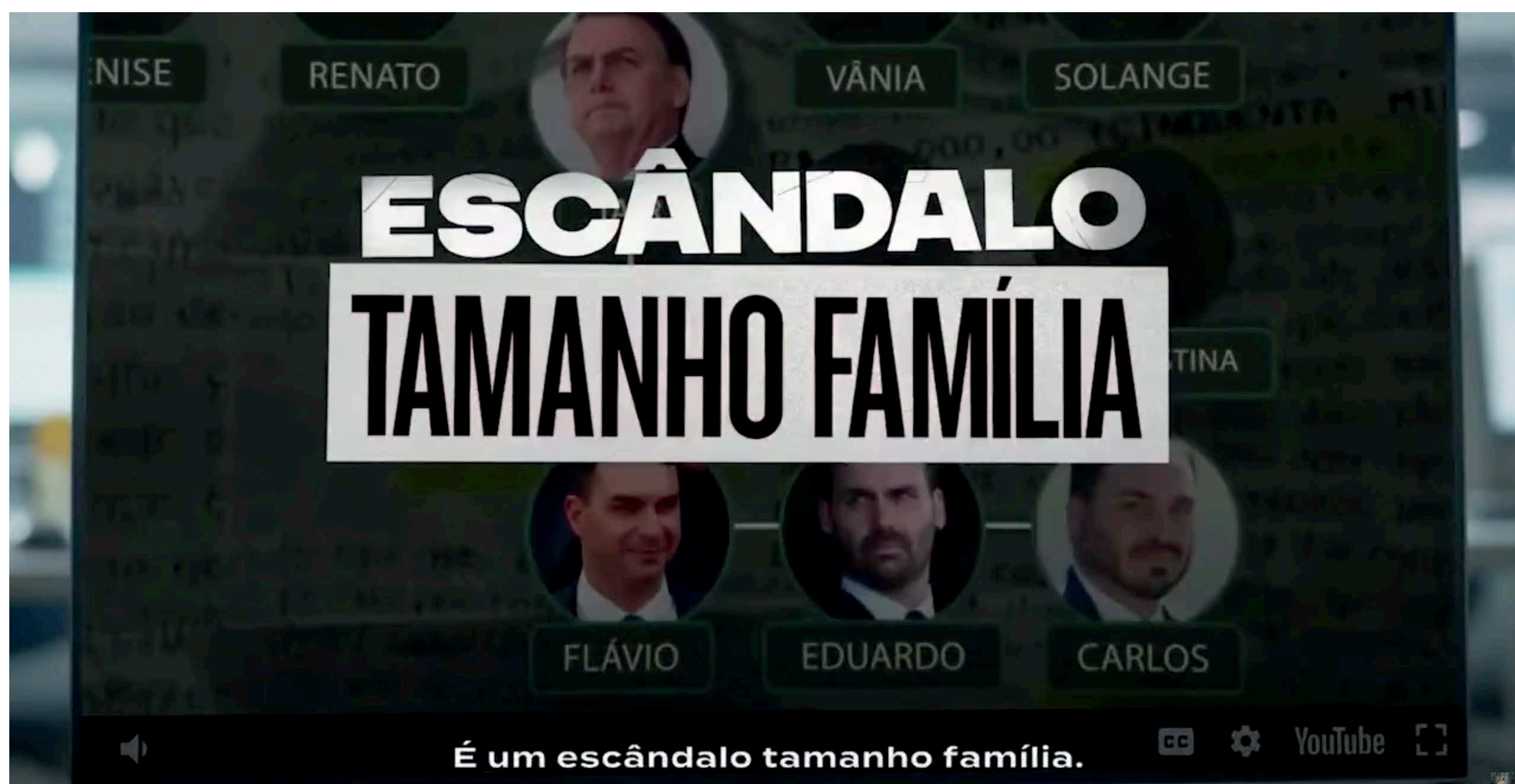
DAVID FERNÁNDEZ/EFE

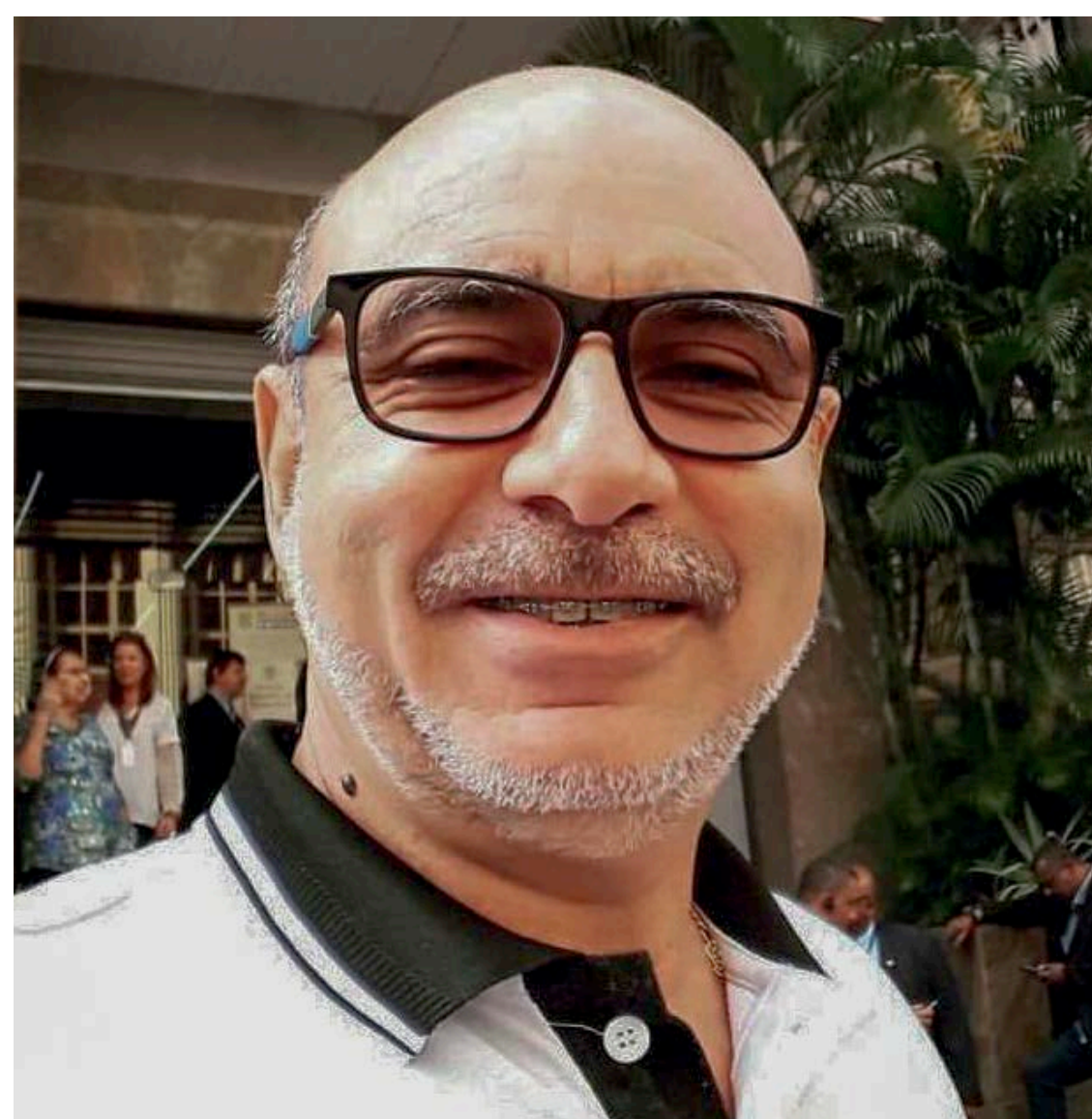
MANOBRA Cristiano Zanin: recurso para anular multa milionária de Lula

E a temperatura tende a subir ainda mais. Na terça-feira 6, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região manteve vivo um processo que cria mais embaraços ao candidato petista. Em 2018, a Justiça condenou o Instituto Lula (IL) e a LILS Palestras, a empresa do ex-presi-

dente, a pagar uma dívida de 18 milhões de reais à Receita Federal. Segundo a Procuradoria da Fazenda Nacional, tanto o Instituto como a empresa foram usados para captar dinheiro e repassar ao ex-presidente de maneira ilegal. Através da LILS (iniciais de Luiz Inácio Lula da Silva), Lula foi contratado para ministrar palestras que lhe renderam 27 milhões de reais. Detalhe: a maioria das palestras foi paga por empreiteiras envolvidas em escândalos de corrupção nos governos petistas e que também fizeram "doações" ao Instituto. O Fisco cobra do ex-presidente os impostos que não foram recolhidos nessas operações. A defesa do petista tentou anular o processo, mas os desembargadores do tribunal negaram a ação por unanimidade. Cristiano Zanin, advogado do ex-presidente, informou que vai ingressar com um novo recurso. Esse processo fornece munição pesada contra o candidato. Além da acusação de corrupção, ele revela que o ex-presidente ganhou muito dinheiro após deixar o governo — coincidência ou não, das mesmas fontes que também ganharam muito dinheiro desviando recursos dos cofres públicos durante os governos do PT.

Premido por pesquisas que mostram que a corrupção ainda é o principal problema do país para 22% de seus eleitores, o petista se viu obrigado a sair das cordas e reviu a estratégia de negligenciar um tema tão incômodo a seu partido. Num primeiro momento, a decisão foi contra-atacar. O revide envolveu a propagação pelas redes sociais de uma denúncia, publicada pelo portal UOL, de que a família presi-

REPRODUÇÃO

CONTRA-ATAQUE Propaganda de Lula: destaque para a compra de imóveis com dinheiro vivo pela família Bolsonaro

dencial teria comprado mais de 100 imóveis desde a entrada dos Bolsonaro na política, metade deles paga total ou parcialmente com dinheiro vivo. "Um escândalo tamanho família", diz a propaganda, lembrando também das suspeitas de prática de rachadinha que pairam sobre o primogênito do presidente, Flávio Bolsonaro, e seu ex-assessor Fabrício Queiroz. Na quinta-feira 8, a campanha bolsonarista levou ao ar uma propaganda dizendo que as informações publicadas não são verdadeiras. "Lula tem respondido à criminosa bateria de

INSTAGRAM @EU_SOUQUEIROZOFICIAL

NA MIRA Queiroz: o operador da rachadinha é alvo no horário eleitoral

acusações, mas a nossa prioridade são problemas do povo brasileiro que o Bolsonaro quer esconder. A campanha não pode deixar nada sem resposta, mas vamos focar realmente na grave crise econômica e social", diz o ex-governador do Piauí Wellington Dias (PT).

Apesar de não figurar nesta campanha entre as principais preocupações do eleitorado, que prioriza a economia e as questões sociais, a corrupção ganhou importância nos últimos dias diante do quadro de estabilidade nas pesquisas. Bolsonaro até recuperou terreno desde o início do ano, mas não conseguiu empatar com Lula com o lançamento de seu pacote bilionário de bondades e com as sucessivas reduções no preço dos combustíveis. Nos levantamentos dos institutos, a desvantagem do presidente para o antecessor ainda gira em torno de 10 pontos porcentuais. Essa não é a única dificuldade de Bolsonaro, que ainda ostenta um nível de rejeição muito maior do que o de Lula. A retomada das denúncias de corrupção é uma aposta do ex-capitão não só para melhorar seus índices de intenção de voto, mas principalmente para insuflar o antipetismo e aumentar a rejeição a Lula. A lógica é a seguinte: se está cada vez mais difícil crescer nas pesquisas, resta ao mandatário a alternativa de fazer o rival perder pontos, desgastando-o com os escândalos do mensalão e do petrolão. O plano, portanto, é lançar mão do arsenal reunido e intensificar os ataques ao "descondenado".

A estratégia faz sentido. Segundo pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 7, Bolsonaro tem 46% de intenção

TON MOLINA/FOTOARENA

ARSENAL Braga Netto: chapa tem denúncias engatilhadas contra os petistas

de voto entre os eleitores que consideram a corrupção o principal problema do país, e Lula marca apenas 29%. Entre quem elege a economia e as questões sociais como as maiores preocupações, o petista aparece na frente: 44% a 33% e 57% a 20%, respectivamente. Em terceiro lugar nas pesquisas, Ciro Gomes (PDT) também resolveu apostar nas denúncias de corrupção a fim de tentar romper a polarização. Nos últimos dias, ele chamou um filho de Lula de ladrão e voltou a fazer denúncias de roubalheira nos governos do PT, na esperança de disputar com Bolsonaro o voto dos antipe-

RICARDO STUCKERT

“CENA DO CRIME” Alckmin: o candidato a vice já fez acusações pesadas a Lula no passado

tistas e dos eleitores que apoiaram o atual presidente em 2018, afastaram-se dele durante o mandato e agora estão à procura de uma alternativa. De início, Lula ignorou as estocadas de Ciro, que foi seu ministro, e tentou estender a mão para uma reconciliação entre eles. Agora, no entanto, os petistas partiram para o confronto direto, acusando o pedetista de atuar como linha auxiliar do bolsonarismo.

A briga entre os dois antigos aliados torna improvável um apoio de Ciro a Lula num eventual segundo turno, mas o ex-presidente não está preocupado com isso. Seu objetivo

JOÉDSON ALVES/EFE

ALGUM EQUILÍBRIO Moraes: o presidente moderou as críticas ao STF

é convencer o eleitorado do ex-ministro a abandoná-lo e aderir ao voto útil já no primeiro turno, com a alegação de que Ciro está fazendo campanha indiretamente para Bolsonaro. Pelas redes sociais, Lula iniciou uma ofensiva explícita sobre eleitores do pedetista. "Não tem por que ter vergonha de tentar ganhar no primeiro turno. Se quem tem 5% sonha em ter 40%, por que quem tem mais de 40% não pode sonhar em ter mais um pouquinho e ganhar no primeiro turno?", perguntou. O candidato do PDT, segundo as pesquisas, é dono de 9% dos votos. O petista tem 45%. Se ele

conseguir capturar pouco mais da metade dos votos do rival, em tese poderia vencer a eleição no primeiro turno. A resposta de Ciro à investida foi bem no estilo dele: “Ou a gente se livra dessa memória corrupta e trágica ou o Brasil simplesmente vai para o brejo”.

O peso da pauta da corrupção ficou claro nos discursos do presidente na solenidade de 7 de setembro em Brasília e no Rio de Janeiro. Diante da multidão, Bolsonaro até deu algumas pequenas estocadas no Supremo, mas nada comparado ao que fez no mesmo feriado no ano passado. Ele preferiu polarizar com o PT, entoando palavras que agradam a convertidos mas com pouco potencial para garimpar votos entre os indecisos. Mesmo assim, o plano do presidente foi bem executado. Sua prioridade era mostrar força, conseguir uma prova de apoio popular expressivo e, assim, contestar a desvantagem retratada nas pesquisas. Bolsonaro, como ele mesmo destacou, queria uma imagem do “Datapovo” para responder ao Datafolha. Ele conseguiu, mostrou que está firme no jogo e agora espera engajar ainda mais seus apoiadores, reconquistar antigos eleitores e abater o seu principal adversário atacando pelo flanco que parece mais frágil. O tempo dirá se vai funcionar. Mas uma coisa é certa: a temperatura subiu. ■

MURILLO DE ARAGÃO

TEMPOS DE EXAGERO

A tolerância pode ser mortal para a democracia

INÚMERAS VEZES setores da opinião pública apoiaram medidas exageradas e até contra os direitos e as garantias. Em nome do combate ao malfeito ou ao preconceito, vale tudo, desde que o alvo seja o inimigo. Na melhor linha do que dizia Anastasio Somoza, o ditador nicaraguense: *"A los enemigos, plomo!"*. Já quando os excessos se voltam contra os amigos e aliados, ocorrem manifestações de protesto e indignação. Vários pesos e muitas medidas.

Na semana passada, o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná determinou busca e apreensão na casa de Sergio Moro, candidato ao Senado Federal, por suposto crime eleitoral cometido pelo ex-juiz. Ironicamente, Moro foi vítima de um exagero que, certas vezes, foi praticado a mando dele próprio. A busca e apreensão na residência de Moro, em Curitiba, reflete os tempos de exagero que imperam no Brasil há tempos. Como no caso das recentes medidas tomadas contra empresários apoiadores do presidente Jair Bolsonaro por opiniões desmioladas.

Os tempos de exagero começaram na época do mensalão, quando Kátia Rabello, então presidente do Banco Rural, foi condenada a inacreditáveis dezesseis anos de prisão pelo Supre-

mo Tribunal Federal embora não fosse autoridade. A partir daí, os exageros só se ampliaram por causa de um ativismo perigoso.

Ao longo dos anos, disseminou-se no país uma cultura autoritária que tolerava, por exemplo, a condução coercitiva de testemunhas, sem prévio convite. Acompanhada da midiatização do ato, poderia destruir a reputação do conduzido antes mesmo que ele, eventualmente, viesse a ser condenado pela Justiça.

No caso da Lava-Jato — cujo fim melancólico se deu com uma inesperada e controversa decisão a favor de Luiz Inácio Lula da Silva —, deveria haver uma autocrítica sobre os exageros praticados por sua força-tarefa e o apoio dado a comportamentos questionáveis. Assim como uma explicação para a sociedade sobre todo o trabalho realizado — sob o escrutínio da Justiça — no âmbito da operação para, anos depois, ser anulado.

"Em nome do combate ao malfeito ou ao preconceito, vale tudo, desde que o alvo seja o inimigo"

Hoje, na linha do mal menor, os malfeitos comprovadamente praticados ao longo da operação estão sendo relativizados na campanha eleitoral. Antes eram alardeados como a chegada do apocalipse purificador da política. Hoje, pálida lembrança. Novamente, vários pesos e medidas. Os exageros praticados pelo Judiciário devem ser observados e contidos pelo próprio Poder. Ou limitados pelo Legislativo. A sociedade também deve observar e se manifestar contra exageros cometidos nas investigações. Não deve aplaudir injustiças contra adversários e condená-las somente quando aplicadas contra aliados. A lei deve valer para todos. E de forma imparcial.

Não podemos nos iludir com o tom ameno que o fanatismo pode assumir. A tolerância diante de exageros é um fanatismo discreto, mas igualmente mortal para a democracia. Por isso deve ser denunciada. Os exageros decorrem da nossa tolerância, em especial se misturada a partidarismo e com viés na interpretação dos fatos. Hoje, quando o noticiário virou um desfile de opiniões, os exageros têm sido relativizados de acordo com as preferências de cada um. Não deveria ser assim. ■

UM NOME EM ASCENSÃO

Presidenciável do MDB, Simone Tebet cresce nas pesquisas, projeta ser a candidatura mais votada da terceira via e pode ajudar a empurrar a definição do pleito para o segundo turno. Ela já é uma das vencedoras da atual disputa eleitoral **REYNALDO TUROLLO JR.**

FUTURO A senadora: apesar de manter o discurso otimista, Tebet descarta apoio a Lula e Bolsonaro no segundo turno

RUY BARON/BARONIMAGENS

A CORRIDA presidencial de 2022 tem várias singularidades, a começar pela enorme antecipação da campanha. Na prática, a definição dos nomes aconteceu quando o Supremo Tribunal Federal anulou as condenações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva colocando-o de volta no jogo eleitoral, em abril de 2021. O petista não perdeu tempo e, desde então, trabalhou para cristalizar a tendência de polarização com Jair Bolsonaro. A menos de um mês das eleições, parece haver pouquíssima margem para viradas, mas uma personagem tem conseguido o feito de se destacar em meio aos dois favoritos, transformando-se na surpresa do momento. Mesmo com chances remotas de vitória, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) chama atenção com sua postura firme e equilibrada em sabatinas e no debate do qual participou (na Band, aliás, ela sagrou-se vitoriosa, de acordo com pesquisas). Como resultado, vem crescendo nas sondagens, como a mais recente BTG/FSB, na qual foi de 2% para 6%, enquanto os outros candidatos perderam pontos ou ficaram estáveis.

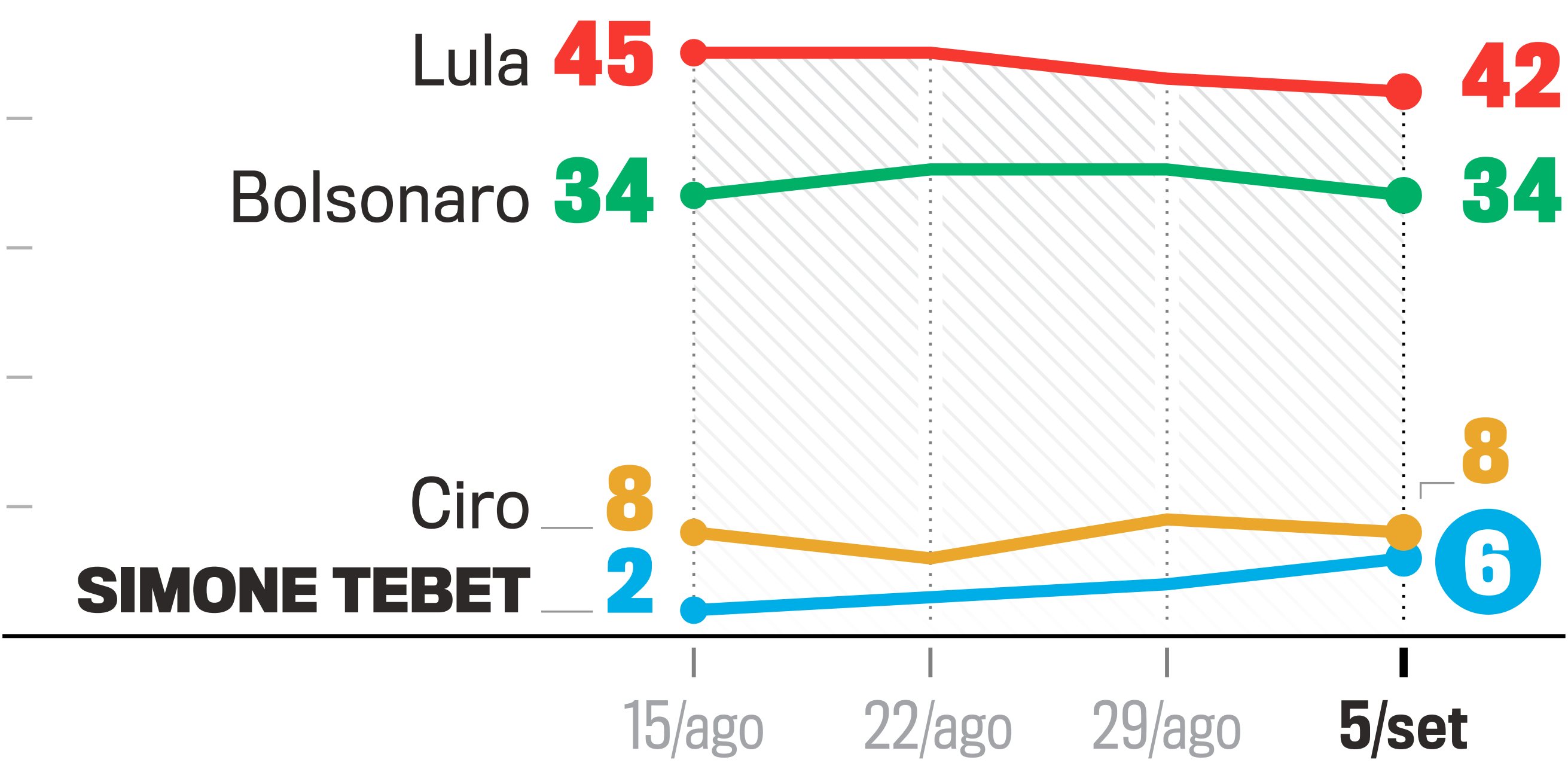
Ainda que sejam números modestos diante dos líderes, Tebet encostou no terceiro colocado, o candidato do PDT, Ciro Gomes, que está em campanha há muito mais tempo. Com isso, ela pode se transformar no nome mais bem colocado da terceira via (meta de sua equipe para os próximos dez dias), o que já é visto como uma vitória para uma política sobre a qual pairavam dúvidas até acerca da capacidade de a candidatura vingar, diante das divisões internas do MDB. “Eu saí do patamar do descrédito e entrei no patamar

da possibilidade de furar a bolha da polarização. Hoje, 80% das pessoas nas ruas me conhecem e param para ouvir o que eu tenho a falar”, afirmou a candidata a VEJA na terça 6. Tebet havia acabado de participar de uma agenda com membros do Ministério Público Federal em Brasília, na qual uma procuradora a chamou de canto para dizer que sua filha tem grande admiração por ela — projeção que resultou do primeiro debate presidencial, quando a candidata enfrentou Bolsonaro e impôs o tema do respeito às mulheres rea-

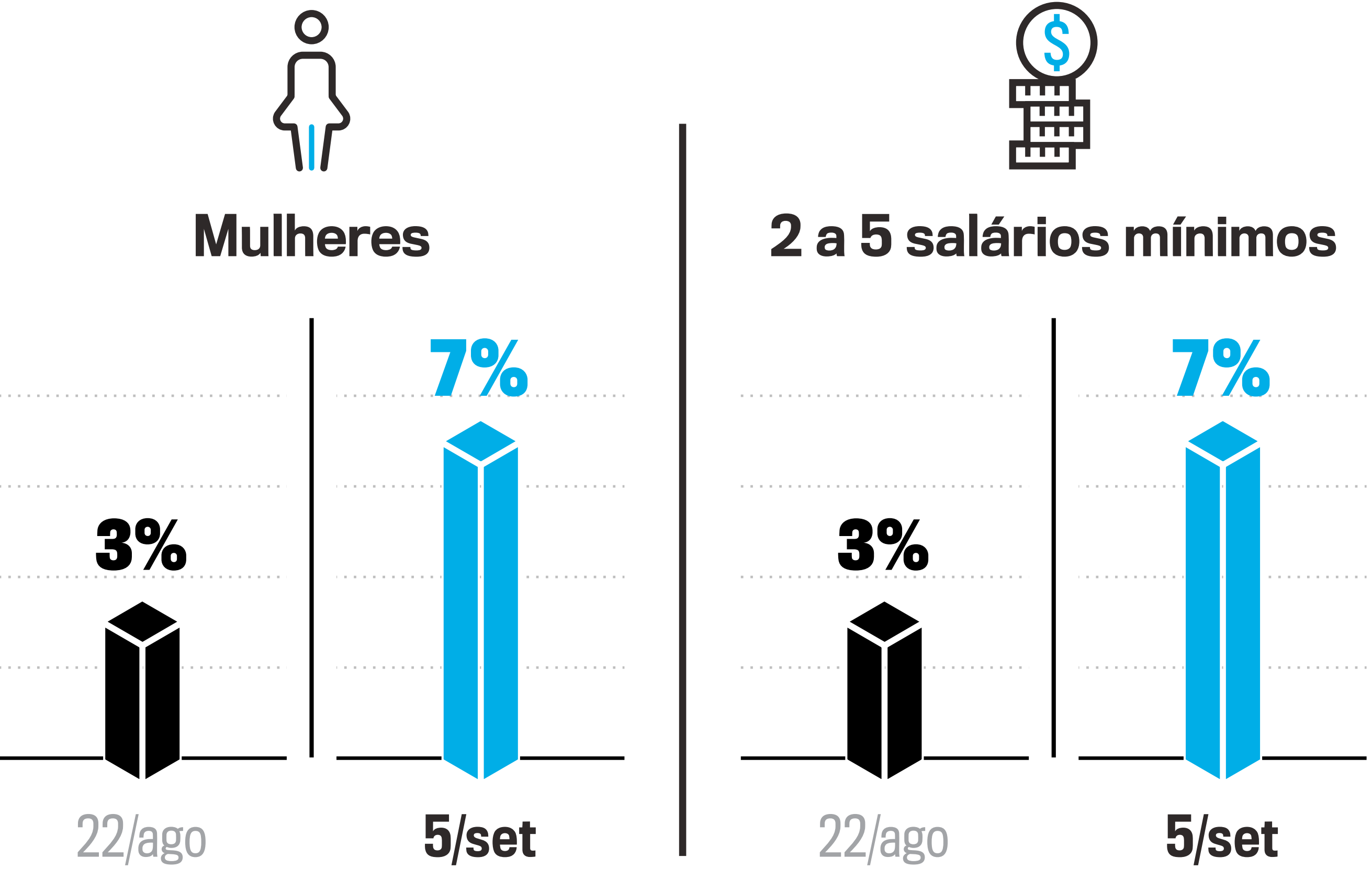
MUDANÇA NO CENÁRIO

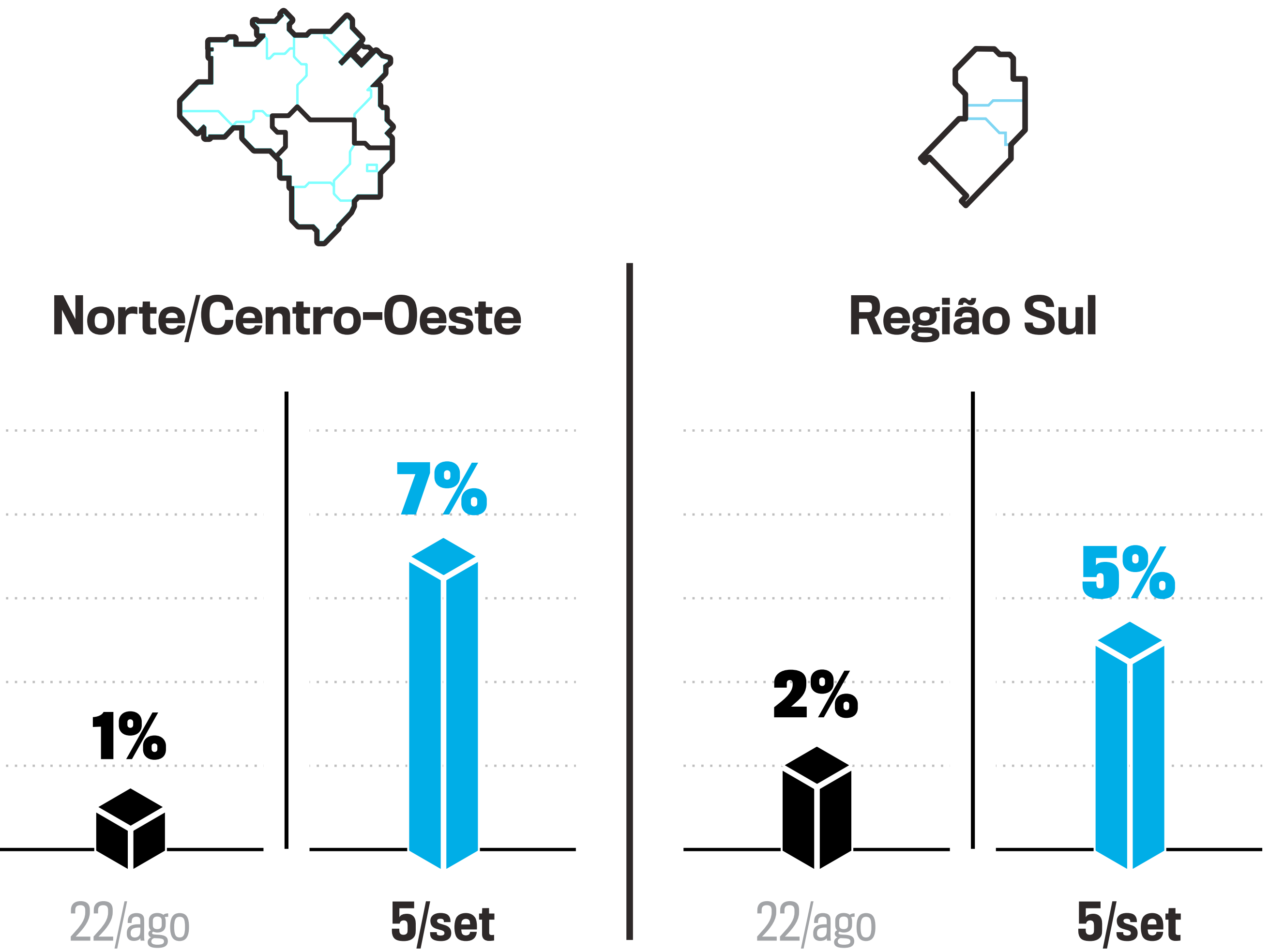
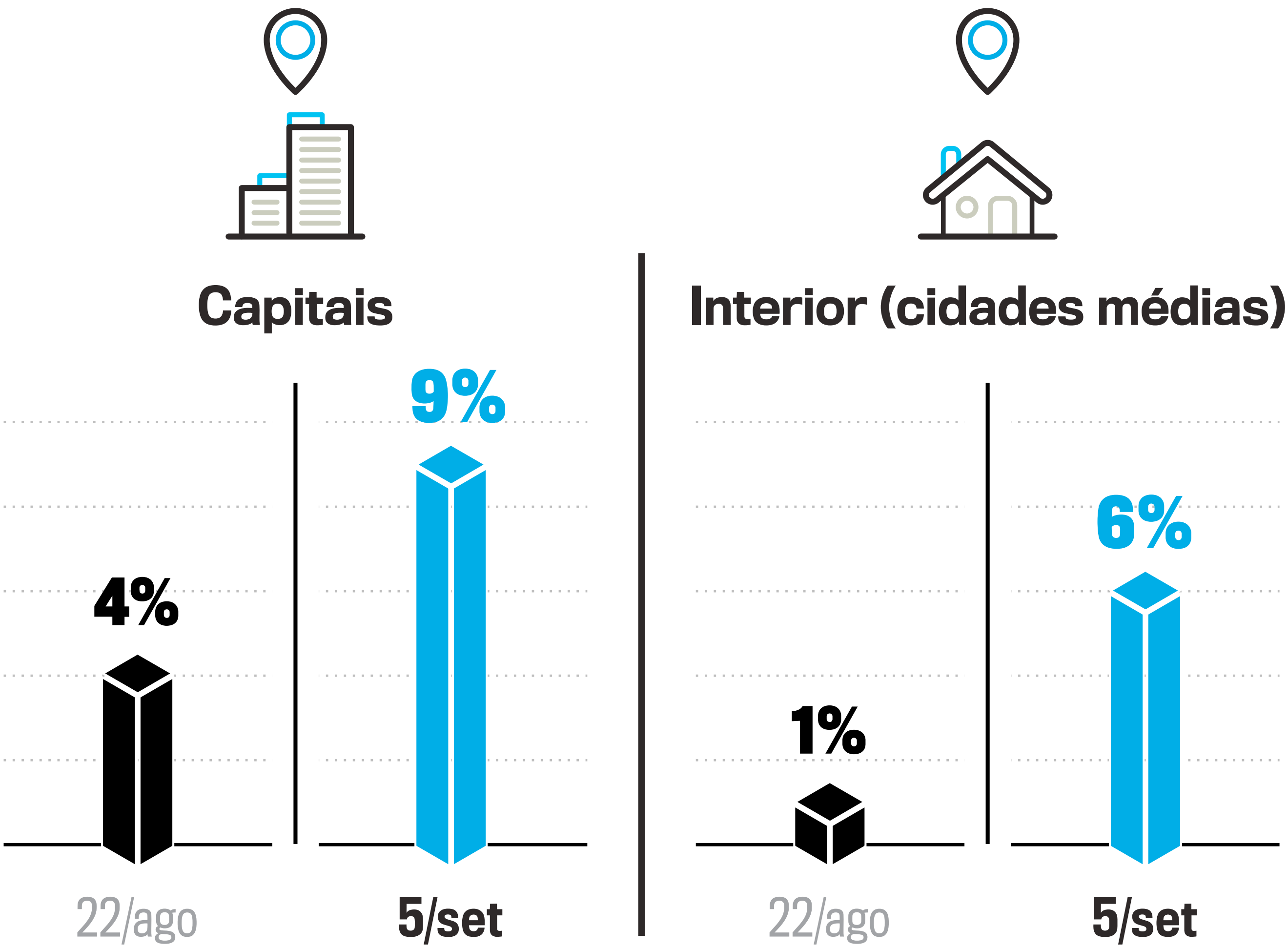
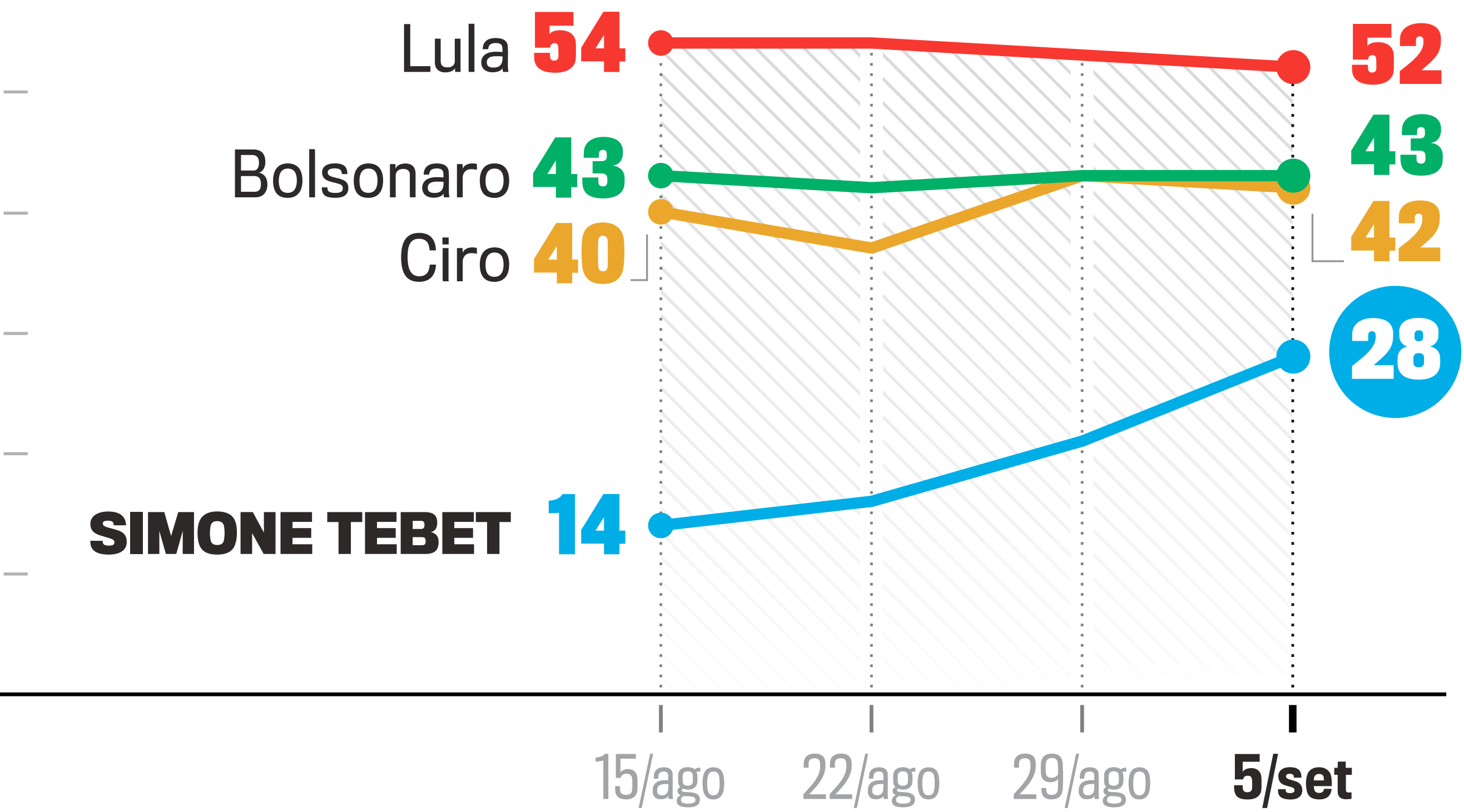
A evolução discreta, mas significativa, de Simone Tebet

INTENÇÃO DE VOTO

Desde o início oficial da campanha (em %)

Fonte: *pesquisas BTG/FSB*

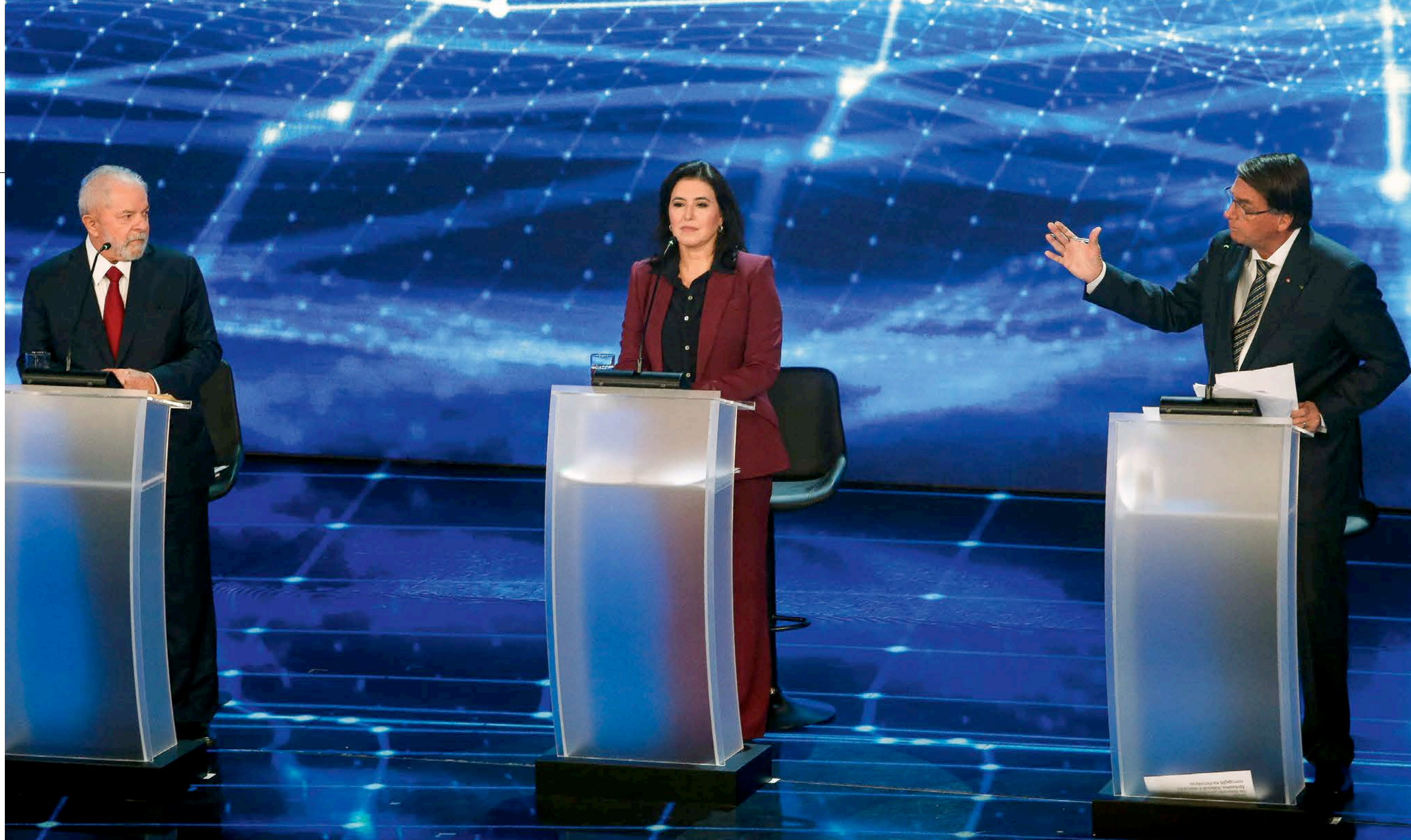
gindo ao tratamento dado pelo presidente a uma jornalista. "Muitas mães têm falado que eu sou inspiração para as filhas delas", orgulha-se a candidata.

De fato, a performance de Tebet na TV teve impacto em diferentes segmentos do eleitorado, como mostra a comparação das pesquisas BTG/FSB de 22 de agosto (antes do horário eleitoral, da entrevista ao *Jornal Nacional* e do debate na Band) e do último dia 5. A senadora avançou nas regiões Sul, Norte e Centro-Oeste, nas capitais e nas cidades médias do interior *(veja o quadro na pág. 32)*. Um levantamento interno do MDB já aponta Tebet com 12% em São Paulo, o maior colégio eleitoral do país. Além disso, a candidata mais que dobrou a

intenção de votos nela entre as mulheres (de 3% para 7%), mostrando que pode estar dando certo a sua estratégia de priorizar esse segmento, que representa 52% do eleitorado. Além de ter uma chapa 100% feminina (a vice é a também senadora Mara Gabrilli, do PSDB), ela tem insistido em reforçar a imagem de que sua candidatura representa o empoderamento da mulher e o combate ao machismo na política.

No feriado de 7 de Setembro, Tebet voltou a usar a tática ao criticar Bolsonaro por ter dito, ao lado de sua mulher, Michelle, que todo homem deveria buscar sua "princesa" e que o eleitor deveria comparar as primeiras-damas dos presidenciáveis. "Como brasileira e mulher, me sinto envergonhada e

desrespeitada", disse a emedebista. Por essas e outras atitudes, o presidente enfrenta enormes dificuldades em avançar nessa faixa do eleitorado. Rejeitado por 54% das mulheres, ele tem lançado mão cada vez mais de Michelle para tentar reverter o quadro (ao mesmo tempo, prejudica a estratégia ao tratá-la como "princesa"). Segundo os especialistas, além da postura misógina do capitão, o grupo das eleitoras foi o que mais perdeu emprego na pandemia — e identifica o presidente como o principal responsável pela tragédia. "As mulheres são o grupo que mais teve problemas de renda, que ficou cuidando dos filhos sem escola e sem internet", diz a cientista política Carolina Botelho, do Mackenzie.

Os acertos de Tebet no diálogo com as mulheres e com outras fatias do eleitorado mexeram no tabuleiro político. Com o crescimento dela e a manutenção das intenções de voto em Ciro Gomes no patamar atual, a avaliação das campanhas adversárias e dos especialistas é que a eleição hoje está mais perto do que nunca de ir para o segundo turno, o que a emedebista comemora. Na visão dela, é um alento para os eleitores não precisar decidir agora "entre o ruim e o menos pior", possibilitando que votem de acordo com sua consciência em outros nomes. Segundo o último levantamento da FSB, a soma das intenções de voto nos candidatos da terceira via subiu de 15% para 17%. Enquanto isso, os vo-

FLICKR @SIMONETEBETMS

CAMPANHA Com eleitoras no Pará: o público feminino é uma das prioridades

tos válidos em Lula caíram de 49% para 45%, tornando a vitória em primeiro turno mais distante.

O núcleo político da campanha petista sentiu o baque e, na terça-feira, se reuniu para discutir estratégias. Parte dos aliados de Lula queria uma ofensiva sobre os eleitores de Tebet e Ciro defendendo o voto útil no ex-presidente com o objetivo de derrotar Bolsonaro já no primeiro turno. Outra parte temia que essa ofensiva parecesse desrespeitosa com as candidaturas adversárias, podendo dificultar o apoio da emedebista e do pedetista em um eventual segundo turno. Prevaleceu o primeiro grupo. Ainda na terça, Lula foi ao Twitter com mensagens para tentar angariar votos no eleitorado de centro. Em paralelo, o petista redefiniu sua estratégia e partiu para ataques diretos a Bolsonaro *(veja a reportagem na pág. 24)*.

MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

REPERCUSSÃO Entre Lula e Bolsonaro no debate da Band: a vitória ajudou na projeção da candidatura

A busca pelo voto útil ganhou respaldo entre alguns correligionários de Tebet, que desde o início têm criticado sua pretensão e embarcaram em outras candidaturas. "Do ponto de vista do Lula, é importante tentar esse apoio, com sutileza, sem conflitar com a terceira via", defende o senador Renan Calheiros (MDB-AL), que apoia o petista. A meta da equipe de Lula, segundo o ex-governador do Piauí e candidato ao Senado Wellinton Dias (PT), é focar em eleitores que dizem que ainda podem mudar sua intenção de voto e que têm Lula como primeira opção nesse caso. "A orientação da coordenação da campanha é 'nada de já ganhou'. Mas acho que tem tudo para a vitória de Lula e Geraldo Alckmin no primeiro turno", sustenta Dias. Já Tebet, confiante, afirma que a ofensiva do PT pelo voto útil é motivada pelo medo de que ela se consolide como a alternativa mais viável para os eleitores descontentes. "Aí o voto útil de quem não quer Bolsonaro nem Lula será em mim", prevê.

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

APOIO Com o senador Tasso Jereissati: o PSDB tem a posição de vice na chapa

Há sete anos no Senado, foi na CPI da Pandemia, em 2021, que Tebet ganhou notoriedade e impulso para buscar voos mais altos. Filha de Ramez Tebet, ex-governador de Mato Grosso do Sul, presidente do Senado (2001-2003) e ministro de FHC, ela entrou para a política em 2002 como deputada estadual, mas acompanha as atividades do pai desde criança, segundo conta. Em 2004, foi eleita a primeira prefeita de Três Lagoas, onde nasceu, e reeleita no pleito seguinte, com 76% dos votos. Deixou o mandato para ser vice-governadora de André Puccinelli (MDB). Em 2014, chegou ao Senado com 52% dos votos e tentou presidir a Casa por duas vezes, mas foi preterida por Calheiros.

Tebet destaca-se ainda por ser uma sobrevivente na máquina de moer políticos de centro. Em maio de 2021, a chamada terceira via, que já teve nada menos do que sete pré-candidatos, reunia 24% das intenções de voto, segun-

GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

ESTÁVEL Ciro Gomes: o presidenciável pelo PDT segue em terceiro lugar nas pesquisas, mas vê Simone Tebet encostar

do o Datafolha. De lá para cá, ficaram pelo caminho o apresentador Luciano Huck, o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, o empresário João Amoêdo, o ex-governador João Doria, o deputado Luciano Bivar e o ex-juiz Sergio Moro. Restaram Tebet, Ciro, Soraya Thronicke (União Brasil) e Felipe d'Avila (Novo), mas os dois últimos mal conseguem atingir 1 ponto nas pesquisas. Além disso, Tebet se projeta também como um novo nome dentro do olimpo da política nacional, um lugar que pouco se renovou depois que a Lava-Jato provocou um extermínio de lideranças como Aécio Neves, Beto Richa e outros.

Não foi nada fácil chegar a esse ponto. Como dificuldade adicional, Tebet enfrentou resistências dentro do seu partido, especialmente de caciques alinhados a Lula, concentrados no Nordeste, mas acabou vencendo a disputa e

SILVIO AVILA/AFP

AJUDA Michelle: a primeira-dama busca ser o elo entre Bolsonaro e as mulheres

confirmando uma aliança que reuniu MDB, PSDB, Podemos e Cidadania. O desafio agora é retomar o patamar que esse espectro político tinha no início da pré-campanha, o que, a menos um mês da votação, parece quase impossível. “Teria de ter um debate por semana para abalar o cenário que coloca Lula e Bolsonaro na liderança”, afirma Jacqueline Quaresemin, especialista em opinião pública e professora da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FespSP). “Os brasileiros estão em torno de dois candidatos, que têm uma forte preferência, há muito tempo”, reforça Carolina Botelho, do Mackenzie.

A despeito das dificuldades, a candidatura ao Planalto de Tebet já pode se considerar vencedora, mesmo com a provável derrota. Ela obteve, por exemplo, apoio de um grande grupo de empresários — como Candido Bracher, ex

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

FIADOR Baleia Rossi: o presidente do MDB bancou a candidatura e se diz otimista

-presidente do Itaú, e o economista Armínio Fraga — e suas promessas de priorizar reformas, como a tributária e a administrativa, têm agradado ao mercado. Para isso, Tebet escolheu a economista Elena Landau, que participou do governo FHC, para desenvolver a parte econômica de seu programa. Mas o principal legado de sua empreitada, na avaliação de Tebet, é ter conseguido unir o chamado centro democrático, ocupando um espaço que estava vazio e que, como as pesquisas indicam, atende aos anseios de uma parcela importante do eleitorado. “Se neste ano tivermos a vitória de Lula ou Bolsonaro, essa polarização inevitavelmente vai se repetir nos próximos anos. Por isso é importante ter desde já o centro democrático organizado e viável”, diz Tebet — esclarecendo em seguida que seu projeto é para 2022, e não para daqui a quatro anos.

A menos de um mês para o primeiro turno, é difícil acreditar numa virada do tamanho capaz de catapultar a emedebista à fase decisiva. Principal fiador da candidatura de Tebet, o deputado federal Baleia Rossi faz a previsão de que, em dez dias, ela empatará ou até vai superar Ciro nas pesquisas, passando ao eleitor a imagem de que tem viabilidade eleitoral. "A partir daí, vai tirar voto não fidelizado de Lula e Bolsonaro", deseja o parlamentar. Como presidente do MDB, Baleia se recusa a falar em possíveis alianças em um segundo turno sem a presença de Tebet. Com a legenda dividida — parte dos filiados é próxima de Lula e outra parte, de Bolsonaro —, aliados da senadora defendem a ideia de que o MDB libere seus quadros para se posicionar como quiserem. Outros caciques importantes querem embarcar com Lula. Questionada sobre o assunto pela reportagem de VEJA, Tebet foi taxativa: "Não existe nenhuma possibilidade de eu apoiar Lula ou Bolsonaro". O mesmo, segundo ela, vale para uma eventual oferta de cargos em um desses dois governos: "Não uso a candidatura como trampolim". Alçada à condição de estrela em ascensão na reta final da campanha, a emedebista não quer nenhuma sombra capaz de tirá-la do caminho de um promissor futuro político — ainda que seja em 2026. ■

Com reportagem de Victoria Bechara

BATALHA ANTECIPADA

Com número recorde de candidatos e muito dinheiro público, partidos investem nas campanhas de parlamentares em busca do comando de um Congresso fortalecido **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

“REI DO CENTRÃO” Lira: aliado de Bolsonaro, ele tenta se cacifar para seguir presidente da Câmara em qualquer cenário

INSTAGRAM @OFICIALARTHURLIRA

ENQUANTO a eleição presidencial ganha corpo com a chegada da reta final e praticamente monopoliza o entusiasmo do eleitor em razão da polarização entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, uma outra guerra eleitoral, menos barulhenta, mas tão intensa e decisiva quanto, está em curso no país: a disputa para definir qual será o perfil e quem irá comandar o Congresso a partir de 2023. Candidatos não faltam: há nada menos do que 10 570 nomes tentando uma das 513 vagas de deputado federal, um recorde histórico e 22% a mais que em 2018. Apesar de tanta gente à caça de votos, a luta pelo Legislativo não costuma atrair grande atenção dos eleitores — pesquisa da Quaest de julho mostrou que dois em cada três sequer se lembram qual deputado escolheram quatro anos atrás. Para os principais partidos, no entanto, a briga por cadeiras no Parlamento é uma das principais preocupações na campanha — em alguns casos, a maior delas.

Há velhos e novos motivos práticos pelos quais os caciques sonham com o crescimento de suas bancadas. As razões já conhecidas são o óbvio peso político de ostentar um número vistoso de votos no Congresso, fonte de poder de barganha junto a qualquer governo, e o fato de ser com base nos números de cadeiras de deputado e de votos à Câmara que será calculada a fatia que cada legenda terá dos fundos partidário e eleitoral, que somaram 6 bilhões de reais em 2022. Também é a partir da bancada de deputados que se estima o tempo na propaganda de

rádio e TV. “Se tenho dez deputados, tenho uma influência no jogo político para decidir presidência da Câmara, comissões, votações importantes. Se tenho cinquenta, é outro peso”, resume Marcos Pereira, presidente do Republicanos, que vai usar até 95% do fundo eleitoral na campanha ao Legislativo. Outros dois motivos são mais recentes: a cláusula de barreira, que entrou em vigor em 2018 e impede o acesso a fundo partidário e tempo de TV caso não se atinja um patamar de votos, e o veto a coligações de legendas em eleição proporcional, aplicado pela primeira vez no pleito nacional

Com tantas boas causas sobre a mesa, algumas siglas demonstram claramente prioridade para as eleições a deputado. O PSB aumentou os recursos do fundo eleitoral para campanhas proporcionais de 55%, há quatro anos, para 80% em 2022. O PSDB, pela primeira vez sem presidenciável, elevou a cota de 23,3% para 57,5%. Partido mais rico, o União Brasil — que ficou de cofres cheios por causa das bancadas eleitas em 2018 por PSL e DEM — vai gastar 65% do dinheiro com campanhas proporcionais.

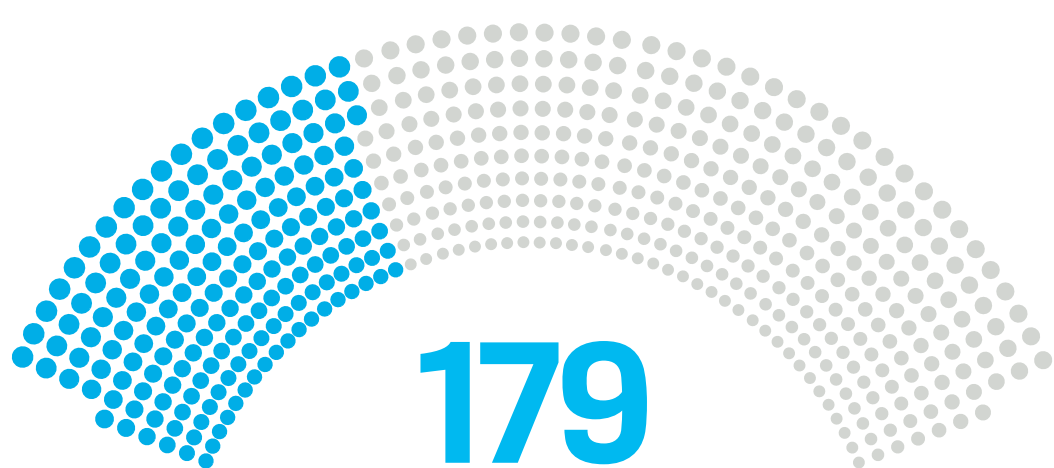
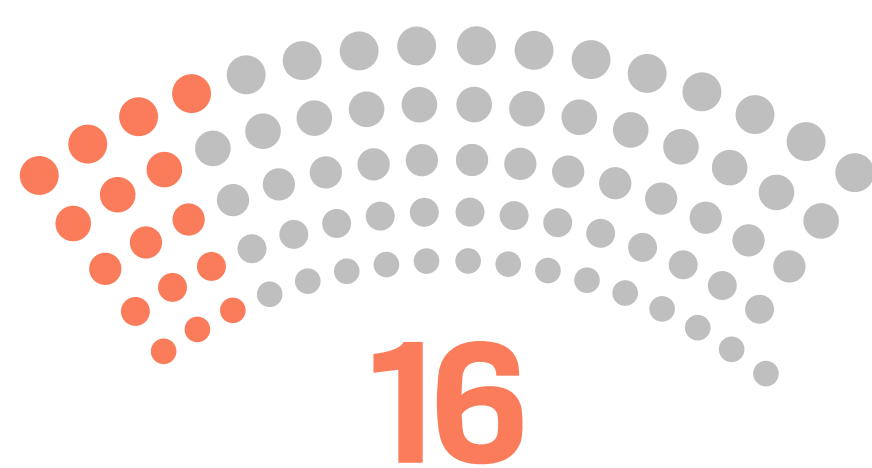
A busca por poder fica ainda mais intensa porque o Congresso de fato atingiu um alto nível de protagonismo. Sob o governo Bolsonaro, deputados e senadores aliados passaram a ter um controle maior sobre a execução do Orçamento a partir da disseminação do uso das emendas de relator. Conhecidas como “orçamento secreto”, elas aumentaram o grau de independência em relação ao go-

A BANCADA DOS PRESIDENCIÁVEIS

Quantos parlamentares tem cada coligação que disputa a Presidência da República

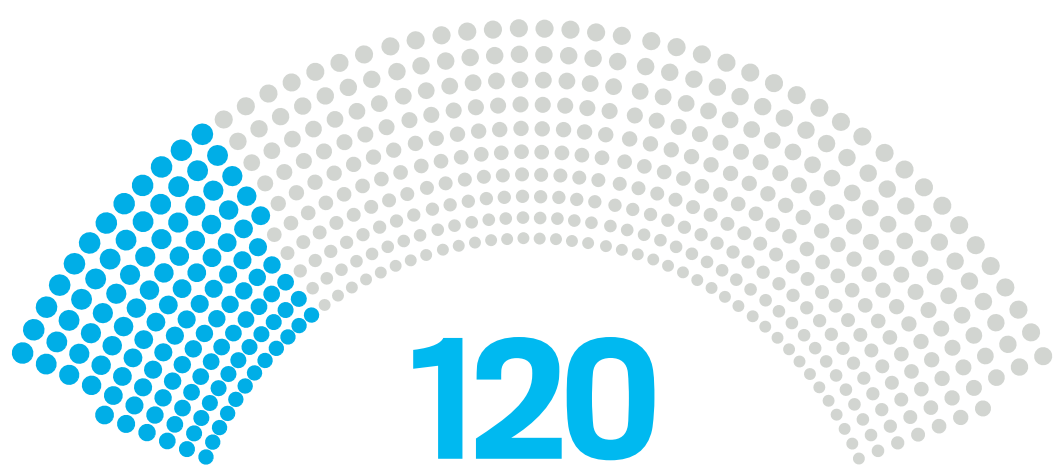
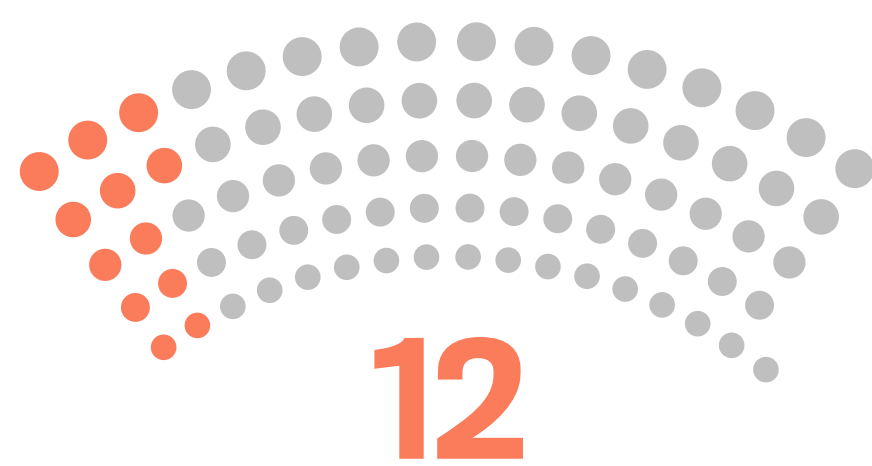
JAIR BOLSONARO

(PL, PP E REPUBLICANOS)

CÂMARA DOS DEPUTADOS

SENADO

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

(PT, PSB, PCDOB, SOLIDARIEDADE, PSOL, AVANTE, PV, PROS E REDE

CÂMARA DOS DEPUTADOS

SENADO

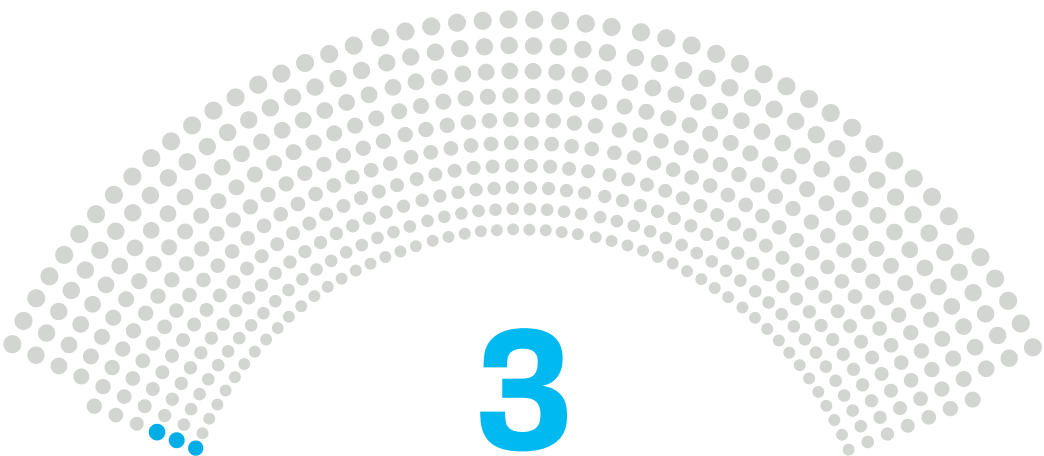
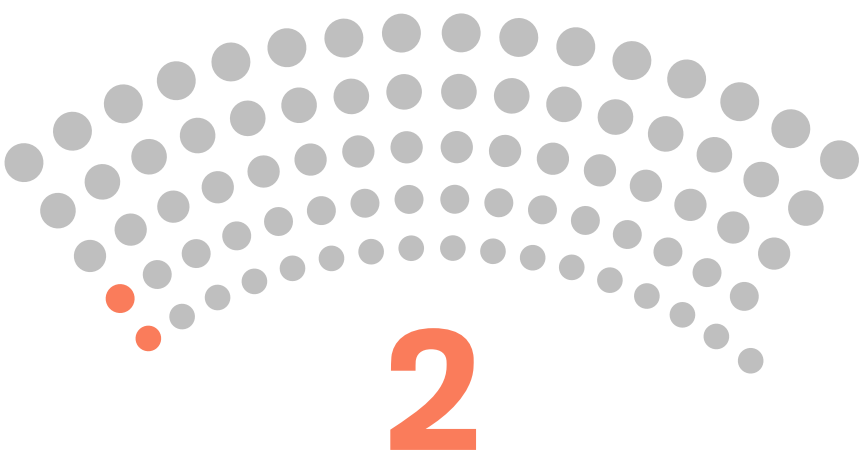
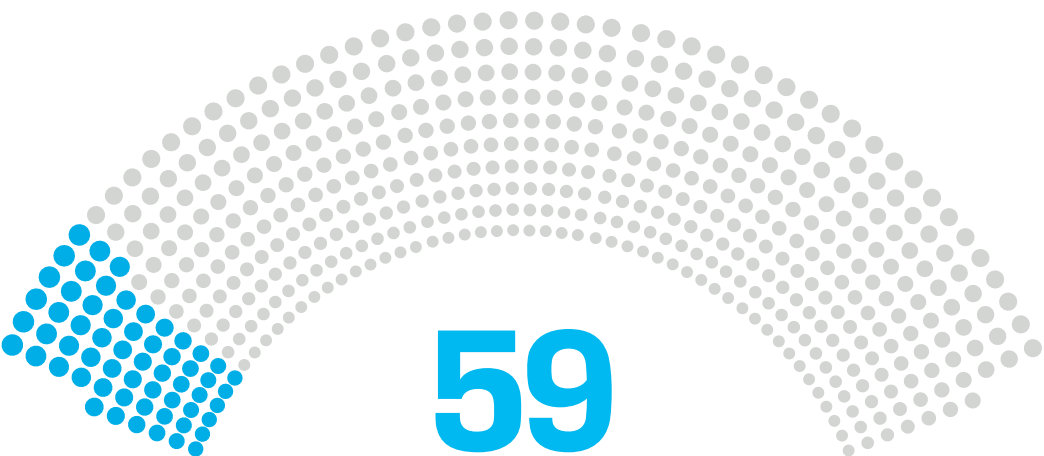
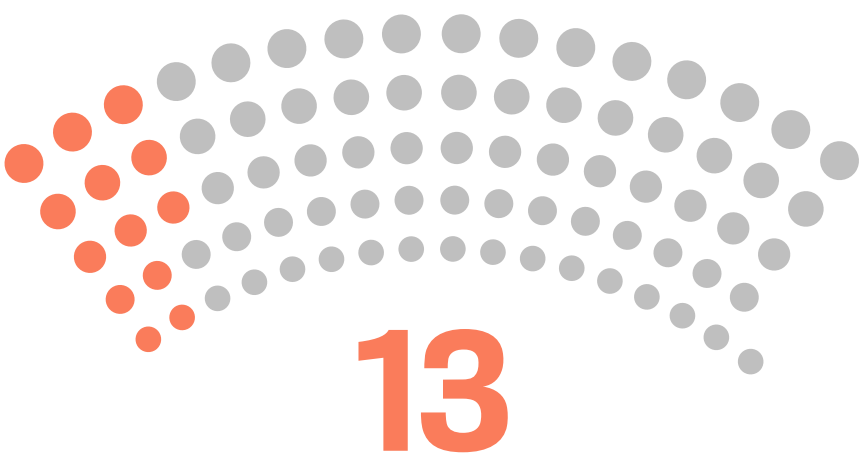
SIMONE TEBET

(MDB, PSDB, CIDADANIA E PODEMOS)

SORAYA THRONICKE

(UNIÃO BRASIL)

CIRO GOMES

(PDT)

Fontes: *Câmara dos Deputados e Senado*

verno e elevaram o poder dos líderes da Câmara e do Senado para decidir a distribuição de dinheiro, tornando a expressão "semipresidencialismo" uma definição cada vez mais real. "Para Bolsonaro manter a base fiel, terá de ampliar as concessões. Para Lula ter apoio, precisará ameaçar retirá-las", avalia Antonio Queiroz, do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), resumindo o horizonte da guerra em andamento.

Um personagem-chave nesse campo de batalha é o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Aliado de Bolsonaro, o alagoano se tornou um dos homens mais poderosos do país, com um figurino de "primeiro-ministro", que o consolidou ainda mais como uma espécie de "rei do Centrão", grupo de partidos historicamente aliados de qualquer governo. Embora estejam de corpo e alma na coligação pela reeleição do presidente, siglas como PP, PL e Republicanos sempre fizeram da presença no Parlamento a sua força. Caso o capitão se reeleja, aliados estimam que a base aliada chegue a 350 deputados, incluindo alas bolsonaristas de partidos como MDB, PSD e PSDB. A estimativa é bastante ousada porque hoje os partidos coligados com Bolsonaro têm 179, ainda assim o maior bloco na Câmara *(veja o quadro na pág. 37)*. Se isso ocorrer, Lira teria muito bem encaminhada a sua reeleição como presidente. "Deve vir um Congresso muito mais reformista e à direita que o atual. A esquerda não faz mais do que 150 deputados", aposta Ciro Nogueira,

ministro da Casa Civil, coordenador da campanha de Bolsonaro e líder do Centrão. Para ele, Lira pode seguir no comando mesmo se Lula vencer: "É favoritíssimo em qualquer hipótese".

A maior preocupação do lado de Lula é como recuperar o controle do Executivo sobre o Orçamento. O discurso corrente é o de buscar "novas relações" com o Congresso. "É preciso alterar o padrão que Bolsonaro construiu", diz o deputado José Guimarães (CE), coordenador político da campanha de Lula nos estados. Com um passado recente recheado de escândalos calcados na compra de apoio político, não seria de esperar outra retórica de Lula, que sobreviveu ao mensalão, mas acabou condenado e preso em um processo da Operação Lava-Jato. A questão é como viabilizar um novo relacionamento caso o Centrão, já amplamente habituado ao novo jeito de distribuir dinheiro às bases, mantenha a posição de fiel da balança nas votações de interesse do governo. "Não consigo ver esses

GUIDO JR./FOTOARENA

CONTRAPONTO Renan Calheiros:o senador rival de Arthur Lira é um dos maiores aliados de Lula no Congresso

FACEBOOK @GUILHERMEBOULOS

ESTRATÉGIA Boulos: o líder do PSOL é um dos "puxadores de voto" da esquerda para a Câmara

partidos fazendo oposição. Estão com um olho no *Diário Oficial* e o outro no naco do Orçamento", observa o presidente do PSB, Carlos Siqueira. O primeiro passo para aumentar a margem de negociação, evidentemente, passa por ampliar as bancadas. Hoje os nove partidos que apoiam Lula têm 120 deputados, o que é insuficiente até para aprovar projetos simples. A saída será apostar na velha estratégia dos "puxadores de voto", na qual se encaixam nomes como os do líder dos sem-teto Guilherme Boulos (PSOL-SP) e da ex-ministra Marina Silva (Rede-SP).

INSTAGRAM @CIRONOGUEIRA

CONFIANÇA Nogueira: o ministro bolsonarista aposta em avanço do Centrão

Embora a Câmara seja o principal foco dos partidos, também há um interesse especial pelo Senado, onde um terço das 81 cadeiras será renovado. Bolsonaro disse mais de uma vez que essa era uma de suas prioridades, após as dificuldades que teve na Casa, onde não tem maioria, como na CPI da Pandemia. O presidente patrocinou candidatos como o vice Hamilton Mourão (Republicanos-RS) e o ex-ministro Gilson Machado (PL-PE), mas nenhum lidera as pesquisas. O presidente ainda tem tempo para virar o jogo. Segundo a Quaest de junho, 42%

dos eleitores consideram a opinião dos presidenciáveis ao escolher um deputado. No caso do Senado, a relação entre os presidenciáveis e seus candidatos costuma ser ainda mais direta. Lula tem alguns favoritos ao Senado, como os ex-governadores Camilo Santana (PT-CE), Flávio Dino (PSB-MA) e Márcio França (PSB-SP), enquanto mantém como um de seus principais articuladores o ex-presidente do Senado Renan Calheiros (MDB-AL), cujo mandato vai até 2027. Por ironia, é o maior rival de Lira.

Ainda que a eleição para o Congresso seja uma disputa longe dos holofotes, o desfecho da atual movimentação dos partidos para fortalecer suas posições pode ser tão decisivo para o país quanto a definição do próximo presidente da República. Por isso é importante que os eleitores prestem mais atenção na guerra surda que está sendo travada, escolhendo com toda a cautela os melhores representantes para as duas casas do Legislativo em 2 de outubro. ■

ALON FEUERWERKER

PLATITUDES EM ÉPOCA DE ELEIÇÃO

Parece cada vez mais impossível frear a marcha da insensatez

ERA ESPERADO que as diversas alternativas na eleição se apresentassem como a salvação da lavoura e apontassem nos adversários sérias ameaças à segurança, ao bem-estar e ao progresso material e espiritual da sociedade e dos indivíduos.

As disputas políticas sempre correram por aí mesmo, mas há uns quinze anos isso exacerbou-se, também pelas frustrações decorrentes da crise de 2008-09 e pela "redes-socialização" do debate político e dos mecanismos tradicionais de formação da opinião pública.

Mas é preferível acender uma vela a amaldiçoar a escuridão, então talvez valha a pena substituir o lamento pela busca de alguma ideia construtiva, por mais que possa parecer — ou ser — platitude. Na era da infantilização generalizada, até as platitudes podem cumprir um papel.

E as platitudes também servem de escudo em tempos de guerra política aberta.

A platitude que proponho desenvolver neste texto é meio óbvia: e se as diversas forças políticas aceitassem que os ad-

versários, ou inimigos, continuarão morando por aqui, trabalhando, ganhando a vida, opinando, candidatando-se, elegendo e sendo eleitos?

Volta e meia, os discursos trazem a necessidade de defender a democracia e a liberdade. Para algumas narrativas, a Nova República e a Constituição de 1988 são as grandes "referências democráticas". Verdade que a Carta, de tantos enxertos e amputações, acabou desfigurada e anda meio agonizante.

Aliás, ninguém mais parece estar nem aí para o argumento singelo "mas a Constituição não diz o contrário?".

Principalmente os encarregados de zelar pelo cumprimento dela.

Mas o pilar central da Nova República é (era) outro. Foi-se estabelecendo ao longo das duas décadas de resistência ao regime militar, especialmente no declínio dele, um certo consenso a favor de construir um sistema político em que to-

"Se a alternância de poder é apresentada como uma ameaça à democracia, tem-se um problema"

das as forças pudessem organizar-se pacificamente, disputar eleições e, caso vitoriosas, governar.

Era, e é, até uma obviedade. Há outros modelos disponíveis na prateleira, mas se o consenso continua sendo construir uma democracia constitucional pluralista não há como escapar da alternância no poder.

E, se numa democracia constitucional pluralista a alternância no poder é apresentada como uma ameaça à democracia, tem-se um problema. Uma contradição em termos.

A tentação costumeira é "dar um jeito" de bloquear o acesso de determinados grupos políticos ao governo. Mas aí vem a complicação: se uma parte, ainda mais se for uma parte grande, da sociedade está "minorizada", com o tempo a própria democracia constitucional perde sentido.

Será saudável se este processo eleitoral desembocar num resultado aceito por todos e se a oposição feita pelos perdedores voltar seu *locus* para as mobilizações sociais, a opinião pública e o Parlamento, fazendo o Judiciário retornar para dentro da lâmpada mágica, da caixinha de onde saiu.

Mas não vai acontecer. Não se vê elemento ou vontade capaz de bloquear a reação química desencadeada por aqui em 2013. Nada parece capaz de frear a marcha da insensatez. ■

COMO SE NADA HOUVESSE

Com o escândalo de desvios na saúde ainda fresco na memória de todo mundo, Witzel e outros investigados estão em plena campanha e trabalham firme para reaver o poder **SOFIA CERQUEIRA**

SOFIA CERQUEIRA

SORRISOS E ACENOS Witzel, candidato ao governo, e Helena, a deputada federal: gastando sola

A ESTRUTURA mambembe nem de longe lembra os tempos faustos do Palácio Guanabara, mas o ex-governador Wilson Witzel tem aspirações ambiciosas: é novamente candidato ao cargo do qual foi defenestrado há dois anos, em um processo que culminou em impeachment. Imbuído do propósito de reaver o poder, na tarde de uma sexta-feira abafada o ex-juiz federal, cabeça de chapa do nanico Partido da Mulher Brasileira (PMB), percorria o calçadão de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, cercado por pessoas gritando frases decoradas de apoio, arregimentadas em troca de cerca de 30 reais. No percurso, distribuía sorrisos, posava para selfies e ouvia toda e qualquer reivindicação com interesse, enquanto a ex-primeira-dama Helena Witzel — também candidata, neste caso a uma vaga na Câmara Federal — registrava tudo no celular.

Ex-condenados e ex-processados concorrerem com a cara de pau de quem ostenta reputação impoluta é normal e até esperado na política nacional. Mas o casal Witzel faz parte de um grupinho que elevou a falta de noção a seu ápice: os dois nem esperaram a poeira do escândalo baixar para entrar na corrida outra vez. O ex-governador foi destituído do cargo em 2020 em meio à revelação de um esquema milionário de corrupção na área da saúde durante a pandemia, teve seu afastamento confirmado por crime de responsabilidade na gestão de contratos públicos e está no centro de um processo criminal que será julgado pela Justiça Federal.

FACEBOOK @PASTOREVERALDO20

DA CADEIA AO PALANQUE Pastor Everaldo: solto em 2021, conta com as famílias dos colegas de prisão para se eleger

Nesse retorno, ele bateu à porta de várias legendas, sem sucesso, até ser acolhido pelo PMB. "No termômetro da rua, de dez pessoas, só uma é desfavorável a ele", contabiliza, à sua moda, Suêd Haidar, presidente da legenda que o recebeu. Constrangimento com tudo isso? Nem um pingo. "Fui perseguido, traído e sofri um golpe de Estado. Me arrancaram do governo não por corrupção, mas por combatê-la", afirma, impávido. Um tribunal misto declarou-o inelegível por cinco anos, em abril do ano passado, e sua candidatura foi impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) nesta

quarta-feira (8), sentença da qual irá recorrer, e com isso continua no jogo. Por essa razão, os mais chegados comentam que, na verdade, seu grande objetivo é emplacar a mulher no Congresso e a sogra na Assembleia Legislativa.

Parceira na alegria e na tristeza, a ex-primeira-dama Helena Witzel foi também investigada por suspeita de ter usado seu escritório de advocacia para receber propinas para o marido, mas não houve indiciamento. Faz igualmente parte do clã, sem passagem pela polícia, a sogra do ex-juiz, Arlete Jenkins, concorrendo a deputada estadual. “O que move nós três são o idealismo e a indignação de ver o dinheiro público ser maltratado, jogado no lixo”, pontifica o ex-governador.

Além de Witzel, outro envolvido no escândalo da saúde ansioso por voltar à vida pública é Everaldo Dias Pereira, o Pastor Everaldo (PSC), influente líder evangélico que passou quase um ano atrás das grades, acusado de ser um dos cabeças do esquema que teria desviado pelo menos 50 milhões de reais — foi solto em julho de 2021, mas passou vários meses de tornozeleira e impedido de pisar no partido. O pastor é candidato a deputado federal. Seu filho Filipe Pereira, ex-assessor especial do governador igualmente preso em 2020 e liberado dias depois, almeja a Assembleia Legislativa fluminense. “Embora isso venha mudando gradativamente, muitos candidatos ainda tratam o eleitor como se fosse facilmente manipulável, sem perspectiva crítica ou de uma análise na hora de voltar”, observa Arthur Ituassu, professor de comunicação política da PUC-Rio.

Afastados nesta campanha, Witzel e Pastor Everaldo, o principal fiador de sua candidatura em 2018, seguem caminhos distintos. Enquanto o pastor se concentra em reuniões com líderes comunitários das zonas Norte e Oeste da capital, o ex-governador tem gastado a sola do sapato (social preto) nos rincões do estado — sai de casa, em carro alugado, antes das 7 horas e só volta tarde da noite. Na mais recente pesquisa do Ipec, aparecia com 2% das intenções de voto. Ele levanta a bandeira de único candidato a governador verdadeiramente de direita e apoia a reeleição de Bolsonaro, relevando acusações anteriores. "Temos de pôr as desavenças pessoais abaixo dos interesses nacionais", afirma. Também apoiador de Bolsonaro, Pastor Everaldo põe fé nos votos dos fiéis e de familiares de detentos com quem compartilhou o pão atrás das grades. No Rio, os Witzel e Everaldos trilham a conexão direta entre alvo da Justiça e candidato, sem nem dar tempo de a poeira das denúncias de corrupção baixar. ■

PALANQUE COLORIDO

Um número recorde de candidatos trans quer combater a intolerância pela via política e ocupar uma inédita cadeira na Câmara de Deputados

SOFIA CERQUEIRA E **CAMILLE MELLO**

DAS RUAS AO PLENÁRIO

Expulsa de casa e obrigada a se prostituir, Erika Hilton, 29 anos, transformou sua história em militância. “A sociedade não pode mais ignorar nossa presença”, diz a candidata à Câmara.

RAFA CANOBA

RETRATO CRUEL de uma realidade que persiste no país, a história de Erika Hilton passa por uma expulsão de casa aos 14 anos pelo fato de se identificar com o gênero oposto ao seu sexo biológico, pela vida desamparada na rua e por sete anos de prostituição. Decidida a transformar seu drama em bandeira contra a intolerância, a travesti paulista de 29 anos candidatou-se pelo PSOL, tornou-se a vereadora mais votada do Brasil em 2020 e agora tenta uma inédita vaga na Câmara dos Deputados. O nome de Erika integra a lista recorde de candidaturas de pessoas trans nestas eleições: 58 candidatos a deputado estadual e federal, senador e governador — de acordo com a ONG VoteLGBT. Quando se contabilizam todos os aspirantes a cargos eletivos que declaram fazer parte do universo LGBTQIA+, o crescimento é ainda mais expressivo: 61%, ou 254 candidatos a deputados esta-

duais e federais. “O ódio e a discriminação que sofremos nos intimam a disputar espaço no poder. Não há como pensar em democracia sem a nossa participação”, defende Erika.

A vereadora é uma das protagonistas do documentário *Corpolítica,* com lançamento previsto neste mês no Festival Queer Lisboa. A obra retrata a trajetória de seis representantes trans na disputa por cargos eletivos. “Queríamos entender o que está por trás desse despertar político e as suas dificuldades”, explica o diretor, Pedro França. O assunto ganha ainda maior dimensão pela contradição que embute: o recorde de candidatos LGBTQIA+ resulta, de um lado, da pressão global por uma sociedade mais aberta à diversidade e, de outro, de seu exato oposto, a onda de conservadorismo que se alastra pelo planeta. “O salto dessas candidaturas tem muito a ver com um movimento de resistência ao efeito Bolsonaro, à retórica misógina, homofóbica e transfóbica do governo”, ressalta Gustavo Costa Santos, professor de sociologia da UFPE.

Faz sentido que a população LGBTQIA+ daqui se empenhe por maior representatividade diante dos riscos que corre. O Brasil encabeça há treze anos o inaceitável pódio do país que mais mata trans e travestis, totalizando 1733 assassinatos durante esse período. “Tive de ir embora sem terminar meu mandato por causa de ameaças de morte e hoje, por segurança, concentro a campanha na internet”, relata a trans Benny Briolly (PSOL), eleita vereadora em Niterói em 2020 e que agora disputa uma vaga de deputada estadual.

FABIO BONINI

REAÇÃO À TRANSFOBIA

Ainda pré-candidata a deputada federal, Paula Benett, 42 anos, foi chamada de "mulher de próstata" nas redes. "Já passou da hora de chegarmos ao Congresso. Não é questão de cotas, mas de estarmos preparadas", ressalta.

Com todo o avanço, a participação dessa população no poder ainda é mínima: ocupa só 0,16% dos cargos nas esferas municipal, estadual e federal. "Como quase todas as mulheres como eu, fui vítima inúmeras vezes de preconceito e discriminação. É inaceitável que não tenhamos uma representante no Congresso", ressalta a maquiadora e modelo Ariadna Arantes, 38 anos, que ficou famosa ao participar de um reality show, foi convidada a ingressar no PSB por Geraldo Alckmin e é candidata a deputada federal por São Paulo.

O caminho para a população LGBTQIA+ conquistar espaço na política começou a ser pavimentado, timidamente, há trinta anos, com a vitória nas urnas

CONVITE ESPECIAL

Alçada à fama em um reality show, Ariadna Arantes, 38 anos, aspirante à Câmara, entrou no PSB a convite de Geraldo Alckmin. "Me sinto na obrigação de lutar pela causa", declara.

INSTAGRAM @ARIADNAARANTES

da piauiense Kátia Tapety, a primeira vereadora travesti do país. Quase duas décadas depois, o deputado Jean Wyllys seria o primeiro gay assumido a ocupar uma cadeira na Câmara. "A expectativa é que neste ano, até em reação a tanta gente homofóbica no poder, a nossa representatividade aumente", avalia Wyllys, que renunciou ao terceiro mandato devido a ameaças de morte.

Na América do Sul, pelo menos três países — Chile, Equador e Venezuela — têm transexuais no Parlamento. Nos Estados Unidos, o presidente Joe Biden nomeou a médica trans Rachel Levine para o segundo posto mais importante no Departamento de Saúde. "Nossa ascensão a cargos públicos não é uma questão de cota, mas de abrir espaço para pessoas qualificadas e que experimentam a realidade das minorias na pele", defende a assistente social e ativista trans Paula Benett (PSB), 42 anos, candidata pelo Distrito Federal a uma vaga na Câmara que foi chamada nas redes sociais de "mulher de próstata". Fartos de ouvir insultos, os candidatos LGBTQIA+ agora querem ter voz. ■

GOL CONTRA

Criminosos buscam manipular os resultados e se aproveitar do sucesso dos sites de apostas no Brasil — um negócio que movimenta 15 bilhões de reais e ainda não foi regulamentado **DIOGO MAGRI**

FORÇA Hulk, do Atlético: empresas patrocinam a elite dos clubes brasileiros

PEDRO SOUZA/CAM

O JOGADOR que chuta contra o próprio gol. Um zagueiro que coloca uma bola fácil para escanteio. Uma diferença de placar muito alta, construída de forma surpreendente. Um atleta que dá um soco no colega de time durante a partida. Esses e outros acontecimentos estranhos no futebol do Brasil são observados hoje com lupa por um time de "caçadores de fraudes". Com a ajuda de um sistema de monitoramento universal de apostas esportivas, eles são capazes de descobrir movimentações incomuns ocorridas durante as pelejas. Detectado o volume de transações suspeitas e convencidos de que os lances nos campos são dignos de desconfiança, essas empresas enviam um relatório às federações responsáveis pelas partidas, que, por sua vez, pedem a abertura de uma investigação policial.

Nos últimos tempos, o trabalho desses caçadores de fraudes tem aumentado consideravelmente por aqui. Até a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), principal entidade do país, foi obrigada a recorrer a um serviço do tipo, contratando a Sportradar, especializada nesse monitoramento. Trata-se do efeito colateral do sucesso das apostas esportivas. Segundo empresas do mercado, o movimento saltou de 2 bilhões de reais em 2018 para 15 bilhões em 2022. Para se ter uma ideia da goleada, no auge da Loteria Esportiva, que era uma coqueluche no país na década de 70, a arrecadação anual era de 1,5 bilhão de reais (em valores atualizados). A modalidade sofreu um baque do qual nunca mais se recuperou quando a revista PLACAR denunciou, em 1982, um esquema de fraudes nas partidas.

COMPORTAMENTOS SUSPEITOS

Trechos de investigações policiais sobre fraudes em jogos

XV DE JAÚ X BATATAIS *(3/jun/2022)*

JOGO 07 – XV DE JAÚ X BATATAIS: ocorrido no dia 03/06/22, em Jaú/SP, placar 4x1. Deseja consignar que acredita que as apostas se concentraram nos escanteios, pois no 1 T do referido jogo ocorreram 13 escanteios, feitos pelo BATATAIS, e o declarante soube por colegas do futebol que escanteio costuma pagar até mais que o resultado em razão da dificuldade de se acertar o número deles nas casas de apostas.

ANDRADINA X CATANDUVA *(3/jun/2022)*

A análise pela SPI das principais imagens da partida identificou diversas situações de jogadas suspeitas por parte do zagueiro MARINHO no segundo tempo que estão de acordo com o apoio do mercado de apostas pré-jogo com relação à vitória do Catanduva por ao menos três gols. A ação mais suspeita foi a jogada de calcanhar feita por MARINHO (aos 57:10 da partida) e que quase resultou em gol contra.

TAUBATÉ X ATIBAIA *(14/set/2021)*

1) Apostas ao vivo suspeitas em favor de que EC Taubate perdesse a partida

Houveram apostas ao vivo suspeitas em favor de que EC Taubate perdesse, que emergiram nos estágios finais da partida (1:1). Esta tendência nas apostas continuou até ao terceiro gol do jogo aos 88 minutos (1:2), fazendo com que as probabilidades não aumentassem dentro dos níveis esperados para último período da partida.

Os padrões de aposta contrastavam com as expectativas lógicas e não havia uma explicação legítima para tal com base em eventos que se desenrolavam no campo de jogo.

As atuais apostas on-line correm o mesmo risco caso não seja feito com urgência um trabalho de depuração. A presença dos sites é cada dia mais visível na rotina e na vida de quem gosta de futebol — estão nas placas nos estádios e nas camisas de todos os quarenta clubes de futebol das Séries A e B do Brasileiro. A questão é que criminosos se aproveitam dessa força para tentar melar o jogo — e ganhar dinheiro com isso. Só em São Paulo, dezoito casos estão sendo investigados. Em uma delas, um zagueiro do Batatais deu um soco no colega de time por ter feito o gol de empate contra o Taquaritinga, em maio deste ano, na quarta divisão paulista. O comportamento dos jogadores e a movimentação peculiar em sites de apostas levaram a Stats Perform, que faz o trabalho de monitoramento para a Federação Paulista de Futebol, a desconfiar. O caso virou inquérito policial. Na sequência, treinador e jogadores rescindiram o contrato. Em outro episódio recente, uma goleira do Red Bull Bragantino denunciou o preparador de goleiras Fabrício de Paula, do Santos, que teria oferecido 10 000 reais para ela tomar cinco gols em uma partida do Brasileiro em junho de 2022. Fabrício foi demitido e é investigado pela polícia. Outras mutretas são tão escandalosas que não precisam de empresa de monitoramento. Nesta semana, o jogador Júlio Campos foi demitido pelo Atlético Amazonense após marcar um gol contra o time de forma claramente intencional, na Série B estadual.

A proliferação de suspeitas de manipulação de resultados acendeu o sinal amarelo em Brasília. Todos os clubes foram

ANTONIO MILENA

CARTÃO VERMELHO Edílson: esquema foi revelado por reportagem de VEJA em 2005

notificados pelo Ministério da Justiça para apresentar os seus contratos de patrocínios com empresas do setor. Ainda que não tenha relação com suspeitas de fraudes, o governo desconfia que a atividade esteja sendo explorada sem autorização e sem mecanismo de controle, fiscalização ou prestação de contas. "Pelo volume de dinheiro e pelas possibilidades de apostar em lances específicos, como número de escanteios, a chance de esse tipo de crime aparecer é cada vez maior", alerta o delegado Cesar Saad, da Delegacia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva, que investiga os casos em São Paulo.

A iniciativa do Ministério da Justiça talvez ajude a tirar da gaveta a regulamentação desse tipo de atividade — que pode

trazer benefícios à economia e às finanças públicas do país. É consenso entre quem atua no setor que a falta de regras favorece a prática criminosa. A categoria de apostas de cota fixa (na qual o apostador sabe previamente quanto vai ganhar se acertar o palpite) foi criada por uma medida provisória do presidente Michel Temer em 2018, mas a sua regulamentação, que precisa ser feita em quatro anos, ainda não ocorreu. Por isso, os sites precisam utilizar um CNPJ de fora do país. O dinheiro apostado sai do Brasil, da mesma forma que vem do exterior o dinheiro pago aos apostadores — tudo sem passar pela Receita. "A regulamentação não zera as chances de manipulação, mas pode ajudar se o dinheiro arrecadado em impostos for usado para a criação de um sistema de troca de informações entre casas de apostas, federações e polícia", diz Felippe Marchetti, doutor em integridade esportiva pela UFRGS.

O Brasil já deveria estar vacinado contra o jogo sujo, devido ao histórico do problema por aqui. Décadas depois da máfia da loteria denunciada por PLACAR, uma reportagem de VEJA em 2005, realizada pelo jornalista André Rizek, revelou a "máfia do apito", o que levou à prisão do árbitro Edílson Pereira de Carvalho e à anulação de rodadas do Brasileirão. Agora, diante de um novo mercado, em franca expansão e movimentando bilhões de reais, é preciso mais do que nunca que haja uma regulamentação. Seria importante para manter a idoneidade de um esporte que é um dos símbolos do país no exterior e uma de suas maiores paixões nacionais. ■

CONTAS AMARRADAS

Incapaz de realizar a reforma administrativa e cortar gastos desnecessários, o governo reduz drasticamente os recursos destinados a investimentos públicos no Orçamento de 2023

LUANA MENEGHETTI

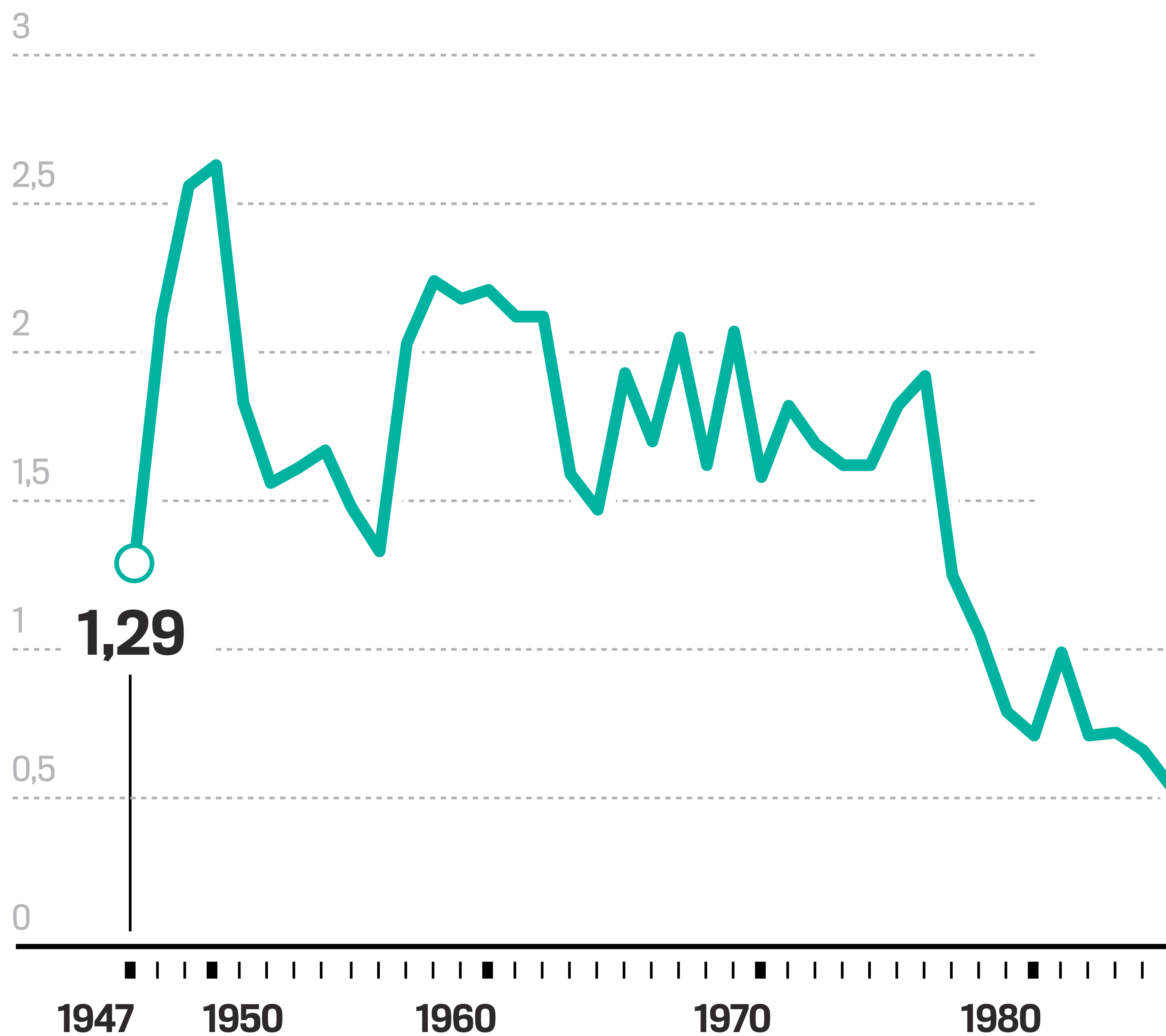
NOVO CURSO Bolsonaro na inauguração de canal da transposição do Rio São Francisco: sem espaço para grandes obras

ISAC NÓBREGA/PR

Uma tradição do Estado brasileiro é gastar mal os recursos de que dispõe, investindo pouco — e de forma desordenada — para manter uma estrutura inchada e improdutiva, com margens para desperdícios e desvios de verba. O Orçamento enviado para o Congresso Nacional no último dia 31 é um retrato perfeito dessa situação. O documento prevê o menor valor destinado a investimentos públicos da história. Serão 22,4 bilhões de reais, dos quais apenas 4,7 bilhões de reais para infraestrutura. Tal valor equivale a aproximadamente 0,21% do PIB brasileiro e seria uma boa notícia se fosse resultado de uma estratégia sólida, voltada para o Estado mínimo e amparada pela atuação da iniciativa privada. Na verdade, é o resultado de uma máquina disfuncional, na qual serão destinados no ano que vem mais de 360 bilhões de reais para despesas com pessoal e encargos sociais e outros 860 bilhões de reais para benefícios previdenciários — em conjunto, o equivalente a 60% dos gastos públicos para 2023.

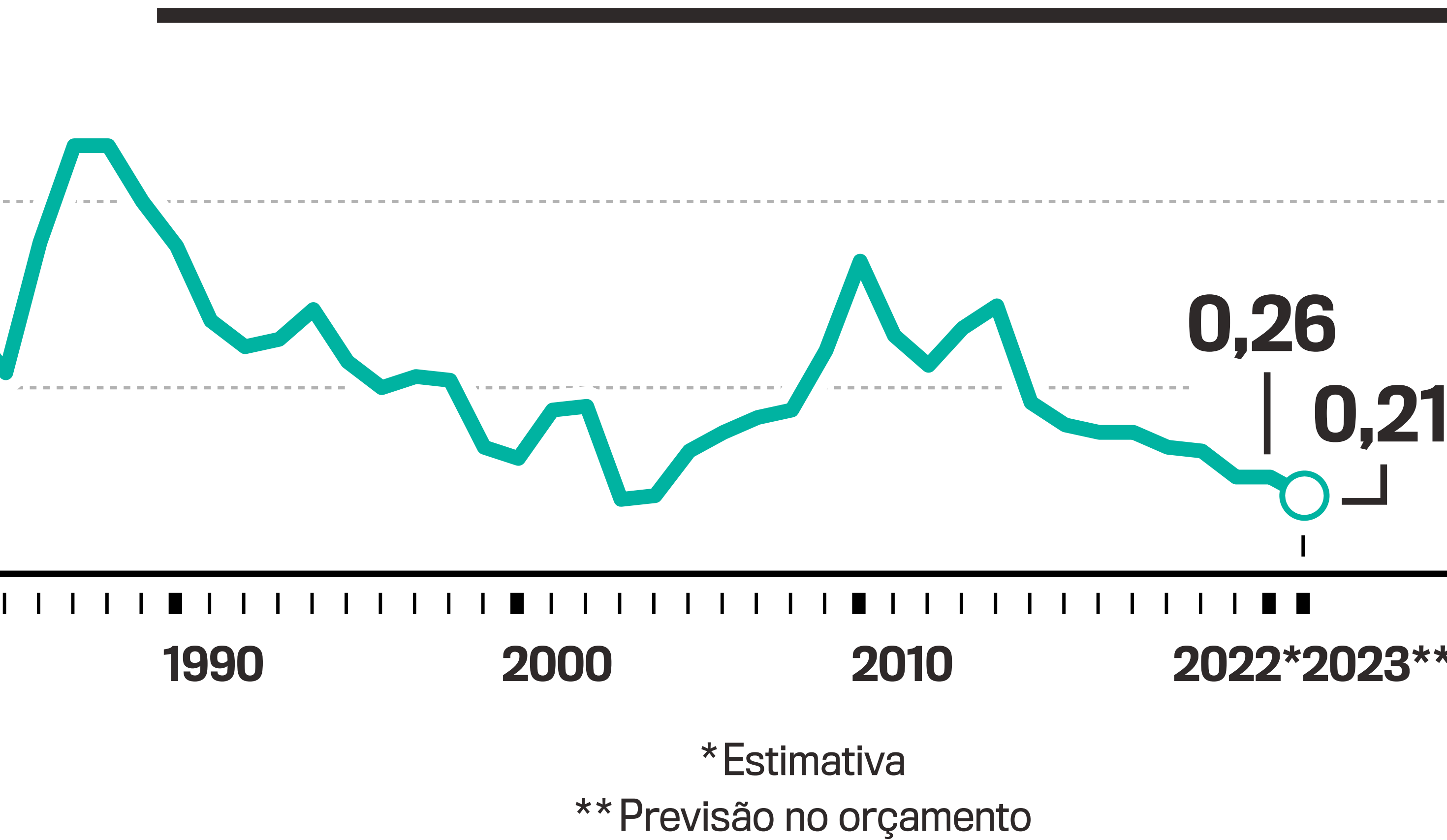
Com o volume destinado aos investimentos, o governo se aproxima de uma situação definida pelo termo em inglês *shutdown*. Isso acontece quando o dinheiro não é suficiente nem mesmo para bancar a manutenção da infraestrutura pública do país, uma vez que, segundo estimativas de especialista no assunto, seria necessário um mínimo de 0,5% do PIB para evitar a deterioração de escolas, hospitais e rodovias federais. “Essa situação é uma decorrência direta do fato de o governo não ter feito as reformas na velocidade espe-

ORÇAMENTO ACORRENTADO

Evolução dos investimentos públicos
(em % do PIB)

Fonte: *Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (FGV-Ibre)*

rada desde a implementação do teto de gastos e que eram decisivas", diz Alexandre Manoel, ex-secretário do Ministério da Economia. "Obviamente, imprevistos internos e externos, como a pandemia e a guerra da Ucrânia, dificultaram muito a agenda das reformas, mas não deixa de ser preocupante o fato de a União não estar conseguindo nem dar conta do desgaste do capital público que o país já tem."

Desde que assumiu a pasta da Economia, em janeiro de 2019, o ministro Paulo Guedes deixou claro que sua gestão seria pautada pela redução do peso do Estado, uma agressiva política de privatizações e uma combinação de reformas estruturantes para dar maior eficiência e conter os gastos desnecessários da máquina pública. Ao fim do mandato, o que se tem é um projeto que ficou no meio do caminho, com resulta-

* Estimativa
** Previsão no orçamento

dos frustrantes. A reestruturação da Previdência aprovada no primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro foi uma conquista que evitará a insolvência das contas públicas na próxima década, mas não será suficiente para resolver a questão. O volume de gastos obrigatórios do governo atingiu 93% da previsão do teto de gastos e precisa ser reduzido. Mas, infelizmente, os cortes não aconteceram no volume necessário. O próprio presidente Bolsonaro sabotou a reforma administrativa proposta por Guedes, com receio de afrontar interesses corporativistas e mexer nos salários e benefícios dos servidores.

A ideia de Estado mínimo, em que o governo deixa de ser o promotor do crescimento econômico e das obras de infraestrutura e transfere essa tarefa para a iniciativa privada, é um dos pilares do modelo liberal. Para que isso funcione, entretanto, é crucial que o poder público estimule com vigor os investimentos privados, as privatizações de ativos ou pelo menos parcerias público-privadas, três bandeiras corretamente defendidas pela gestão atual. O nível de investimento privado tem aumentado e alguns marcos regulatórios aprovados, como o do saneamento, servem de estímulo a esse movimento. Por outro lado, a realidade brasileira é incompatível com um Estado que zere o investimento público, principalmente em setores que não despertam o interesse privado. Estimativa realizada pela Inter.B Consultoria Internacional de Negócios dá conta de que, hoje, a soma dos investimentos públicos e privados em infraestrutura no Brasil está em 1,7% do PIB. Para zerar todas as deficiências do

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

DESEQUILÍBRIO Guedes, em evento em São Paulo: mais recursos direcionados a parlamentares do que para ministérios

país, deveria chegar a no mínimo 4%. “O problema é que as despesas com investimentos são as mais fáceis de ser cortadas, daí o fato de o governo avançar sobre elas em detrimento de outros gastos”, afirma Bráulio Borges, pesquisador-associado do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas, especialista na área.

O fato é que numa situação de aperto econômico como a que o país passa, a reforma administrativa é urgente e deveria ser prioridade. Em 2020, o governo chegou a encaminhar uma Proposta de Emenda Constitucional (a PEC 32) ao

Congresso, que foi aprovada na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) e na Comissão Especial, mas nunca foi levada a plenário — em parte pelo desinteresse dos parlamentares e em parte por falta de empenho do próprio governo. Em paralelo, é fundamental para o país melhorar a qualidade dos investimentos. "O último período de aumento do investimento público foi no segundo mandato de Lula e no primeiro de Dilma Rousseff, e o que se viu foi uma sucessão de investimentos mal planejados e mal executados que hoje viraram sucata", afirma o economista Marcos Mendes, pesquisador de políticas públicas do Insper. "O Brasil criou um padrão de gastos públicos em que os grupos que se organizam melhor e conseguem fazer maior pressão política levam parcelas maiores do Orçamento."

Recentemente, os próprios parlamentares tomaram para si o poder de decisão sobre um pedaço relevante do Orçamento, por meio das emendas e do fundo partidário e eleitoral, aproveitando a fragilidade política dos governos de Dilma e de Bolsonaro. Com isso, a classe política abocanhou parcela relevante do Orçamento, para utilizar de acordo com os seus interesses. Para 2023, enquanto o governo controlará o destino dos parcos 22,4 bilhões de reais destinados aos investimentos, as emendas parlamentares vão somar 38,8 bilhões de reais. Apenas para as emendas de relator estão destinados 19,4 bilhões de reais. Concedidas pelas lideranças do Congresso a propostas e projetos originados nas duas Casas, elas são pouco transparentes, não trazem a ne-

cessidade de justificar a destinação dos recursos, e não obedecem uma lógica de prioridades integradas à estratégia do governo. Em detrimento dos investimentos coordenados pelo governo, na maioria das vezes são ações de caráter paroquial, com objetivo de atender a interesses políticos, sujeitas a risco de obras e compras superfaturadas em regiões em que nem sempre são prioridade.

Já não fosse a situação preocupante o suficiente, não estão previstos para 2023 recursos para diversas promessas feitas pelos principais candidatos à Presidência, entre eles o atual dono do Orçamento, o presidente Bolsonaro. Apenas a manutenção do Auxílio Brasil no piso atual de 600 reais custará aos cofres 52,5 bilhões de reais. Para bancá-lo, o governo tem duas possibilidades. A primeira é modificar as regras do teto de gastos, estabelecido em 2017, para acomodar a despesa. A segunda é ressuscitar o fantasma do aumento de impostos.

Nos últimos dias, Paulo Guedes tem sinalizado que pode se valer dos dois recursos caso Bolsonaro seja reeleito e ele prossiga no comando do ministério. "Se a guerra da Ucrânia continuar, partimos para uma solução temporária prorrogando o estado de emergência e pagamos os 600 reais. Agora, se acabar a guerra e precisarmos de uma solução estrutural permanente, a Câmara já aprovou o imposto sobre lucros e dividendos", declarou o ministro em um evento no Rio de Janeiro, no último dia 1º, referindo-se ao projeto que altera regras do imposto de renda (PL 2337/21), aprovado

em setembro do ano passado. A proposta, parte da chamada segunda fase da reforma tributária, está atualmente em análise na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado.

Seja quem for o vencedor das eleições, o governante do país enfrentará uma situação difícil em 2023 — e o Orçamento reflete bem os problemas que terá pela frente. As promessas de campanha enfrentarão o teste da realidade e medidas impopulares terão de ser implementadas. É o preço a ser pago pela negligência com as contas públicas, pela incapacidade de planejar investimentos e por reformas indefinidamente adiadas apesar de fundamentais para o futuro do país. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

A VOLTA DO INGLÓRIO IMPOSTO ÚNICO

O modelo acumula vários efeitos nocivos para a economia

A IDEIA de um imposto único sobre movimentação financeira, para substituir o sistema tributário, foi apresentada nos anos 1980 pelo economista Edgar L. Feige, da Universidade de Wisconsin-Madison. Discutida no Congresso americano, a proposta morreu após contundente manifestação contrária do Federal Reserve, o banco central americano, que demonstrou os inconvenientes do tributo.

Transposta para o Brasil em 1989, a ideia foi recebida com entusiasmo. Na linha do professor Feige, prometia substituir todos os impostos. Seria uma incidência moderna, eletrônica, fácil de arrecadar, sem os custos do sistema tributário. Ganhou a denominação charmosa de e-tax. A Receita Federal e o aparato de fiscalização desapareceriam. Uma maravilha. Agora, é defendida pela candidata presidencial do União Brasil, a senadora Soraya Thronicke. Vários economistas, inclusive este escriba, estudaram a proposta, concluindo que ela era simples, mas enganosa. Encaixava-se na definição do jornalista americano H. L. Mencken: “Para to-

do problema complexo existe sempre uma solução simples, elegante e completamente errada".

Caso adotada, cairiam por terra dois dos maiores avanços tributários da história: o imposto de renda progressivo e a tributação do consumo mediante um imposto sobre o valor agregado (IVA) — que se pretende introduzir no Brasil pelas PECs 45 e 110. O método vigora hoje em 160 países, incluindo todos os da União Europeia e o Reino Unido. O IVA eliminou a tributação em cascata, permitindo ampla descentralização do processo produtivo. Os correspondentes ganhos de produtividade elevaram o potencial de crescimento do PIB, da renda e do emprego. Contribuiu para os Trinta Anos Gloriosos, isto é, a forte expansão econômica dos países desenvolvidos depois da II Guerra, particularmente na Europa.

O imposto único favoreceria os segmentos mais ricos, que pelo sistema atual pagam proporcionalmente mais so-

"O imposto único favoreceria os mais ricos, que pelo sistema atual pagam mais sobre seus rendimentos"

bre seus rendimentos via imposto de renda, como ocorre em todo o mundo. O retorno da tributação em cascata reeditaria seus reflexos negativos na produção, com a volta da integração vertical das empresas (produzir o possível internamente, eliminando fornecedores ao máximo), um processo sabidamente ineficiente.

No comércio exterior, o país perderia competitividade, uma vez que não seria possível desonerar o imposto único nas exportações. Os produtos ficariam mais caros quando comparados aos da concorrência. As vendas ao exterior cairiam e as importações subiriam, o que afetaria negativamente o balanço de pagamentos e, assim, a economia.

A senadora defende a adoção do imposto único apenas para o governo federal. Teríamos um sistema esquisito. Os estados seguiriam métodos consagrados, ainda que com falhas, enquanto a União adotaria regras sem qualquer semelhança com o padrão mundial. Essa proposta havia sido enterrada no cemitério das más ideias. É fácil perceber por que ressuscitou em plena campanha presidencial. ■

LONGA VIDA À RAINHA

Elizabeth II, a soberana que misturava altivez e simpatia, conquistou a admiração dos súditos e manteve vivo algo inacreditável — o brilho da monarquia em pleno século XXI

LIZIA BYDLOWSKI

V&A IMAGES

INIGUALÁVEL Elizabeth II: a morte da rainha das antigas com ares de modernidade é o fim de uma era

CAPA: FOTO DE TIM GRAHAM PHOTO LIBRARY/GETTY IMAGES

Para gerações de britânicos, só houve uma rainha: Elizabeth II, setenta anos ininterruptos no trono — a mais longeva monarca da Inglaterra —, com uma trajetória de alguns erros e muitos acertos na sobrevida que soube dar a um título amplamente obsoleto. Para se ter uma ideia do alcance de sua influência, 80% das pessoas que hoje habitam o planeta sequer haviam nascido quando ela se tornou rainha, em 1953. Vivendo no fausto de seus palácios e de seus privilégios, Elizabeth morreu, aos 96 anos, no auge da popularidade, personificando um Reino Unido altivo e relevante — uma imagem muito distante do país de hoje, mas que ainda acendia nos britânicos o senso de unidade e orgulho que os ajudou a superar a perda da posição de donos do mundo. Com Elizabeth, morre uma era de dignidade e respeito à coroa que o herdeiro, Charles, agora Charles III, de 73 anos, dificilmente conseguirá reeditar.

Elizabeth estava mal de saúde havia meses. Impensável para uma monarca que fazia questão de seguir à risca todos os rituais, ela faltou a diversos compromissos desde que passou alguns dias hospitalizada, há quase um ano, em um episódio de "exaustão". Dois dias antes de morrer, fez questão de cumprir mais um: de bengala, frágil mas sorridente, recebeu Boris Johnson, o primeiro-ministro que ia embora, e Liz Truss, sua sucessora, em um salão do Castelo de Balmoral, na Escócia, onde, como fez ao longo de todo o reinado, passava os três meses de verão. "Ela era o próprio espírito britânico e esse espírito vai perdurar", disse Truss em sua mensagem.

JANE BARLOW/AFP

SEMPRE A POSTOS Última foto: a rainha recebeu a primeira-ministra Liz Truss apenas dois dias antes de morrer

Segundo um cronograma minuciosamente arquitetado e ensaiado, seu corpo será velado primeiramente no Castelo de Edimburgo e, de lá, percorrerá no trem real os 600 quilômetros até Londres. O trajeto noturno será acompanhado pela população lançando flores nos vagões e nos trilhos. O caixão de 250 quilos com acabamento em chumbo vai ser velado em Westminster até o domingo 18 e de lá o cortejo fúnebre seguirá para o Castelo de Windsor, onde a rainha receberá os ritos finais na cripta real da St. George's Chapel. A essa altura, familiares e dignitários presentes estarão se inclinando perante o novo rei, Charles III, acompanhado da nova rainha consorte, Camilla.

Elizabeth foi rainha por acaso — seu pai, George VI, era o segundo filho e só chegou ao trono porque o irmão mais velho, Edward VII, abdicou para se casar com a americana Wallis Simpson, no primeiro escândalo de grandes proporções da família nos tempos modernos. Princesa aos 10 anos, estudou com professores universitários e nunca frequentou escola nem universidade. Pouco se sabe sobre sua vida escolar, mas sobram dados sobre sua paixão por cavalos de raça, que criava para competição, e cães corgi — teve uns trinta. Aos 90 anos, ainda cavalgava nos castelos de Windsor e Balmoral. Nesse último, também desfrutou enquanto pode outro de seus prazeres: a caça.

Como não podia deixar de ser para quem passou setenta anos no trono, Elizabeth atravessou momentos difíceis — todos eles, diga-se, desencadeados por sua família. Sua coroação, em 1953, foi o primeiro evento transmitido ao vivo pela televisão, abrindo um novo tempo de encanto e admiração pela solene presença da realeza na sala de estar dos plebeus, porém, ao mesmo tempo, dando impulso à curiosidade geral pela vida dentro do palácio. Como figura pública, a jovem rainha, que assumiu o trono aos 25 anos cercada de desconfiança, impôs-se pela determinação, rapidez de raciocínio e consciência de sua posição. De vestidos discretos, mas coloridos, chapéu e bolsa (vazia) pendurada no braço, passou por governos, guerras, crises e a implosão de seu império sem perder a majestade.

DAN KITWOOD/AFP

DURA MISSÃO Charles e a coroa, na abertura do Parlamento: falta de carisma

Seu discurso anual de Natal, televisionado para a nação, foi se infiltrando na alma britânica como uma mensagem de positividade, firmeza e confiança no futuro. No auge das adversidades, a rainha, inabalável, iria assegurar a integridade do tecido nacional. Para um reino que chegou a dominar metade do planeta e, em pouco tempo, perdeu tudo e se tornou um país como tantos outros, a postura de Elizabeth funcionou como uma espécie de tábua de salvação do orgulho britânico, um fator de união que perdurou até o fim dos seus dias.

Mesmo tendo um papel simbólico nos rumos da nação, Elizabeth desempenhou a função de âncora da nau britânica, a figura na qual se sustentava o prestígio internacio-

nal do país. No auge da pandemia, ela apareceu em rede nacional e, em uma das poucas falas não programadas de sua monarquia, imbuiu-se de sua posição de garantidora do espírito da nação: “Nos anos que virão, todos terão orgulho da forma como respondemos a este desafio. E os que virão depois de nós dirão que os britânicos desta geração foram fortes como sempre”.

Os únicos abalos significativos nessa fortaleza vieram da vida pessoal de filhos e netos e resultaram, em parte, da tinta de modernidade que Elizabeth imprimiu na família real a partir dos anos 1970. Por um lado, foi uma jogada bem-sucedida: a realeza andava apagada e precisava do sopro de renovação. Por outro, abriu caminho para a divulgação de conflitos domésticos — como as escapadas do marido, o príncipe Philip, e os excessos da irmã, Margaret — que até então ficavam mais ou menos restritos às muitas paredes do palácio, graças a um acordo não escrito com a mídia.

Nos anos 1990, Charles e a primeira mulher, Diana, se separaram e os alicerces do mundo elizabetano tremeram com o impacto de revelações escandalosas de parte a parte. A rainha procurou, na medida do possível, se preservar dos respingos de falas como “Éramos três naquele casamento” (Diana) e “Queria ser seu tampão” (Charles) — ambas referências à amante real, Camilla, uma assombração a rondar o *“annus horribilis”* mencionado na mensagem de Natal de 1992. Diana morreu em um acidente de carro em Paris, aos 36 anos, no apogeu de sua fama de princesa do povo, e a

ALEXI LUBOMIRSKI/KENSINGTON PALACE/AFP

EM FAMÍLIA Ao lado do marido, Philip, com os filhos e netos, no casamento de Harry e Meghan: nem sempre a paz reinou

impassibilidade de Elizabeth diante da tragédia (condizente, aliás, com o que sempre considerou uma obrigação real) fez sua popularidade desabar a seu ponto mais baixo.

A rainha, como sempre, se refez. Viajou de Balmoral a Londres, percorreu as montanhas de flores que a população acumulou nos muros em homenagem a Diana e pronunciou um discurso excepcionalmente emocional (para os padrões da realeza) em que definiu Diana, com quem sempre teve uma relação fria, como "um ser humano excepcional". Isso feito, esperou o tempo passar e, sem mudar um fio do cabelo armado a laquê, retomou seu lugar no coração dos súditos.

Em 2017, celebrou setenta anos de casamento com o príncipe Philip, parceiro de todas as horas que, sempre

JOHN SHELLEY/AVALON/GETTY IMAGES

ERRO DE CÁLCULO Flores para Diana em frente a Buckingham, em 1997: a popularidade da rainha despencou na época

dois passos atrás dela, remendou estragos no ambiente doméstico com firmeza e língua ferina. Philip morreu no ano passado, aos 99 anos, e a rainha, de novo, se recuperou — passado o luto, embarcou em intensa agenda de viagens e recepções oficiais. Ao contrário do resto da família, Elizabeth se manteve, no decorrer da longa existência, impermeável a qualquer resquício de escândalo, emitindo uma régua moral que ajudou a moldar a admiração dos súditos.

Nos últimos anos, outra crise, essa desencadeada pelo neto Harry e sua mulher americana, Meghan, que saíram do círculo dos *royals* chutando a porta, deixou evidente o alcance de sua força: sem dizer palavra, fez cair sobre o casal rebelde toda a responsabilidade pelo drama familiar.

Harry e Meghan, que se mudaram para a Califórnia, por coincidência estavam na Europa no dia de sua morte e devem participar das homenagens.

Tendo a rainha partido, resta agora a Charles III a dura missão de manter o brilho da última monarquia clássica do mundo. “A morte de minha amada mãe, Sua Majestade a rainha, é um momento de grande tristeza para mim e para meus familiares”, disse em seu primeiro pronunciamento — de agora até a homenagem final, todos os seus passos seguirão um ritual milimetricamente definido. Aos 73 anos, sem carisma e dispondo de uma ínfima parcela do desfrutado pela mãe, o novo soberano começa seu reinado sobre bases nada sólidas. Elizabeth soube ser maior do que a sua pessoa, infiltrando-se nos sentimentos da população como uma figura que pairava acima do bem e do mal. A imagem de Charles sentado ao lado de sua coroa, na abertura da sessão inaugural do Parlamento neste ano — sua primeira sutil adaptação ao papel de rei —, passou longe da de um soberano à altura da antecessora.

Depois de se preparar a vida inteira para herdar o trono, é possível que surpreenda. Se não conseguir, as esperanças de manutenção do prestígio da realeza britânica se depositam em William e Kate, um casal simpático, moderno e até agora impermeável aos escândalos dos Windsor. Venha quem vier, uma certeza permeia o reino: nunca mais haverá rainha como Elizabeth II, filha e mãe de seu tempo, de nobre legado. ■

VALMIR MORATELLI

ASPIRANTE A DIVA

Se tem alguém que sai maior do que entrou neste Rock in Rio é **LUÍSA SONZA,** 24 anos. A jovem nascida no minúsculo município gaúcho de Tuparendi, que no último censo não tinha nem 10 000 habitantes, reuniu uma multidão em frente ao Palco Sunset, de maiô cavado inspirado em divas de diferentes gerações, de Madonna a Britney Spears. Luísa é daquelas que expõem a vida nas redes sociais sem pudores: define-se bissexual e, sim, quer fazer carreira internacional. “Cantei dez anos em banda de casamento, então canto de tudo e acho bonito”, diz a loira. “Ainda chego lá.”

BUDA MENDES/GETTY IMAGES

ASTRO NO LIMITE

Para felicidade geral da nação roqueira (e dos organizadores), **JUSTIN BIEBER,** 28 anos, subiu ao palco e mostrou as tatuagens do torso nu no Rock in Rio. Pode ter sido sua última apresentação neste ano. Com problemas de saúde – ele sofre de síndrome de Ramsay Hunt, infecção viral que atinge o nervo facial e o sistema auditivo – e cada vez mais introspectivo e religioso, o ex-bad boy do rock cancelou as apresentações da *Justice World Tour* na América Latina, inclusive em São Paulo, nos dias 14 e 15. "Dei tudo de mim para o público do Brasil e, depois de sair do palco, fui tomado pela exaustão. Preciso fazer da minha saúde a prioridade agora", disse, em nota. Semanas antes, porém, estava enfezado: destratou uma fã na Itália, a caminho do palco. "Sai da frente", resmungou. Alguém, claro, gravou e postou.

INTAGRAM @JUSTINBIEBER

VIVA A AMAZÔNIA

LUCAS JONES/NATURA

Convidada a conhecer o espaço Nave Natura, que traz mensagens sobre a preservação das tradições amazônicas no meio da Cidade do Rock, **CAMILA PITANGA,** 45 anos, caprichou no visual: apostou em calça e botas de caubói metalizadas, uma blusinha branca pra lá de minimalista e casacão por cima de tudo. O traje, segundo ela, foi inspirado no contexto ecofuturista do espaço. “A Amazônia é viva e tem artistas fazendo trabalhos inovadores, com muito neon. Meu figurino conversou com esse conceito”, afirma. Então tá.

REGINALDO TEIXEIRA/RT FOTOGRAFIA

WEBERT BELICIO/AGNEWS

CADA QUAL NO SEU QUADRADO

Cauteloso, o surfista **GABRIEL MEDINA,** 28 anos, avisou a produção de que não queria esbarrar com a ex-mulher, **YASMIN BRUNET,** 34, no camarote vip da Cidade do Rock. Dito e feito: ele foi no sábado, ela no domingo. Mais cauteloso ainda, despistou quando foi perguntado sobre o romance com a ex-*BBB* Jade Picon, 20, que estreia como atriz na próxima novela das 9. “Tenho de tomar cuidado para evitar novos flagras”, brincou. No dia seguinte, foi a vez de Yasmin sair pela tangente sobre os beijos em Enzo Celulari, em São Paulo. “Sério? Não tem nada mais para saberem de mim?”, revoltou-se. ■

NADA ALÉM DO NECESSÁRIO

No *quiet quitting,* nova e ruidosa tendência do mundo corporativo, o funcionário cumpre apenas o que foi estabelecido pelo contrato de trabalho — nem mais, nem menos

LUIZ FELIPE CASTRO

VEIO PARA FICAR?
Na rede: o novo conceito surgiu no TikTok e ganha cada vez mais adeptos

ISTOCK/GETTY IMAGES

O trabalho dignifica o homem.” A máxima do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) perdura há mais de um século como a mais nobre definição sobre o termo que, a rigor, deriva do latim *tripalium,* que designava um instrumento de tortura. O conceito parece estar cada vez mais embaralhado em tempos pós-pandêmicos. A Covid-19 alterou para sempre a dinâmica corporativa, normalizou o home office e escancarou a necessidade de priorizar o bem-estar. Especialmente no começo do surto, funcionários esticaram a jornada por temer a demissão. De casa, não havia desculpa para encerrar o expediente mais cedo ou ignorar um e-mail. A conta chegou com efeitos devastadores à saúde física e mental dos sobreviventes. Nesse contexto, surgiu uma alternativa inusitada: o *quiet quitting,* algo como “desistência silenciosa”, em tradução livre.

Não se trata exatamente de uma tendência consolidada, mas de uma ideia que ganhou tração nas redes sociais, especialmente no TikTok, depois que Zaid Khan, um engenheiro de 24 anos, passou a detalhar seu propósito. “Você segue desempenhando suas funções, mas sem seguir a mentalidade de que o trabalho deva ser sua vida”, discursa Khan. Em suma, o funcionário cumpre o combinado em contrato, nem mais, nem menos. É um contraponto ao culto ao workaholismo e seus chavões batidos como “trabalhe enquanto eles dormem”.

GLOSSÁRIO CORPORATIVO

Entenda os termos que vêm dominando o universo do trabalho

QUIET QUITTING

■ "Desistência silenciosa", em tradução livre. Não se trata de abrir mão do trabalho, mas de realizar o mínimo necessário e estabelecer limites. Um *quiet quitter* não vê benefício em sacrificar tempo em nome do empregador. Ele cumpre suas obrigações preestabelecidas, mas não realiza horas extras nem responde a e-mails fora do horário comercial

WORKAHOLISM

■ Termo cunhado na década de 70, é o oposto do quiet quitting. Um workaholic, ou trabalhador compulsivo, é aquele que não consegue se desligar da ocupação. Trabalha horas a mais, até nos fins de semana se preciso

Por trás disso tudo está um termo em inglês mundialmente conhecido: o burnout, que desde 1º de janeiro é classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença ocupacional. A pane pode acometer qualquer funcionário e deve ser tratada com urgência.

BURNOUT

■ É a síndrome do esgotamento profissional, um distúrbio emocional causado pelo excesso de trabalho. Costuma acometer profissionais em constante pressão por resultados e pode levar à depressão. Seus principais sintomas são exaustão, estresse, insônia e dores no corpo

WORKATION

■ Ou ainda tracance, no termo em francês, que é a junção de trabalho com férias. A pandemia de Covid-19 consagrou o conceito do trabalho remoto e permitiu que funcionários pudessem realizar suas funções normalmente durante uma viagem para a praia ou para o campo

Raquel Dilguerian Conceição, head de saúde populacional e corporativa do Hospital Albert Einstein, diz que os sinais de exaustão devem ser comunicados. "É normal se sentir cansado de vez em quando, mas a apatia não pode ser a regra", diz. "É preciso haver diálogo aberto: não basta culpar apenas o chefe, que muitas vezes também pode estar sobrecarregado."

O *quiet quitting* surge na esteira de outro fenômeno recente, a "grande renúncia", uma onda que levou 47 mi-

lhões de americanos a abandonar seus empregos em 2021, acompanhado em menor escala em outros países. Cresceu também um movimento um tanto quanto anarquista e utópico, o *antiwork* (antitrabalho), cujos defensores acreditam que a maioria dos empregos atuais não se faz necessária e que a sociedade deveria se organizar para realizar apenas o essencial, em vez de criar excesso de capital. Cabe ressaltar que a realidade dos Estados Unidos e de outros países desenvolvidos não condiz com a do Brasil, onde há 9,9 milhões de desocupados, segundo o IBGE. Em outras palavras, brasileiros podem até adotar o *quiet quitting,* mas tendem a ter mais dificuldade para encontrar um novo emprego.

O debate nasce de um evidente conflito geracional. A pandemia afetou a formação e o amadurecimento dos jovens, privados do convívio nas escolas, universidades e em locais de diversão. Especialistas mundo afora advertem que a Covid-19 pode ter forjado uma geração introspectiva, viciada em telas e com problemas de interação social. Ao mesmo tempo, os jovens vivem em uma era de intenso ativismo, alimentado por acontecimentos como o assassinato de George Floyd, a crise climática e a invasão russa da Ucrânia. É natural, portanto, que se levantem para reivindicar seus direitos, seja nas ruas, nas redes ou no ambiente de trabalho.

A consagração do trabalho remoto ou híbrido impôs novos desafios: é possível treinar um estagiário a distância com

ERIC RISBERG/AP/IMAGEPLUS

DEVOÇÃO Funcionários da Apple na sede da empresa: questionamentos sobre as jornadas exaustivas

a mesma eficiência? Para Priscyla Queiroz, analista de recrutamento e seleção do CIEE, referência na integração de profissionais iniciantes ao mercado de trabalho, trata-se de caminho sem volta: "A tecnologia permite esse tipo de acompanhamento e quem não seguir a tendência ficará para trás". Priscyla conta ser comum que jovens recusem oportunidades em empresas que exijam o trabalho 100% presencial. "Eles buscam o maior número possível de benefícios, o que inclui horas a mais de sono, estudo ou lazer", pondera a especialista.

VICTORIA JONES/PA IMAGES/GETTY IMAGES

HORA DO RUSH Profissionais a caminho dos escritórios em Londres: pedidos de demissão em massa

O conceito, ressalve-se, é recauchutado. Em 1996, o sociólogo suíço Johannes Siegrist documentou a necessidade de equilíbrio entre esforço e recompensa no ambiente do trabalho. A falta de reciprocidade pode desencadear uma série de emoções negativas, enquanto o retorno justo seria o caminho para a total harmonia. “O reconhecimento é uma necessidade vital do ser humano”, diz Ana Maria Rossi, presidente do braço brasileiro da International Stress Management Association (Isma), que se dedica à

pesquisa e ao tratamento de burnout. “O que mudou foi a abertura para o debate.” Ela traz novas nuances à discussão ao pontuar que integrantes das gerações Y e Z (de 12 a 40 anos) não carregam a ideia de que uma pessoa deva trabalhar por longos anos ou mesmo uma vida inteira em uma única empresa e que a tendência de deixar a casa dos pais cada vez mais tarde alterou as prioridades. “Os jovens retardam a formação da própria família e têm menos demandas financeiras. Não é mais preciso dar a vida para atingir o objetivo, que muitas vezes é simplesmente curtir uma viagem bacana nas férias.”

TIKTOK @ZAIDLEPPELIN

LIDERANÇA O engenheiro Zaid Khan, que lançou a tendência: “Seu valor não é definido por seu trabalho”

As maiores corporações estão atentas. Há inclusive implicações legais para quem negligenciar a saúde de seus colaboradores. A multinacional Unilever foi pioneira em medidas de flexibilização no Brasil e neste ano adotou o programa hibridUs, que visa a equilibrar as demandas pessoais e profissionais. Os que têm filhos podem organi-

VALE A PENA TANTO ESFORÇO?

Pesquisas recentes confirmam o descontentamento

53% ***dos trabalhadores se sentem esgotados***

46% ***consideram o trabalho muito estressante***

40% ***planejam deixar o emprego nos próximos seis meses***

MOTIVOS PARA A INSATISFAÇÃO

57% ***salário baixo***

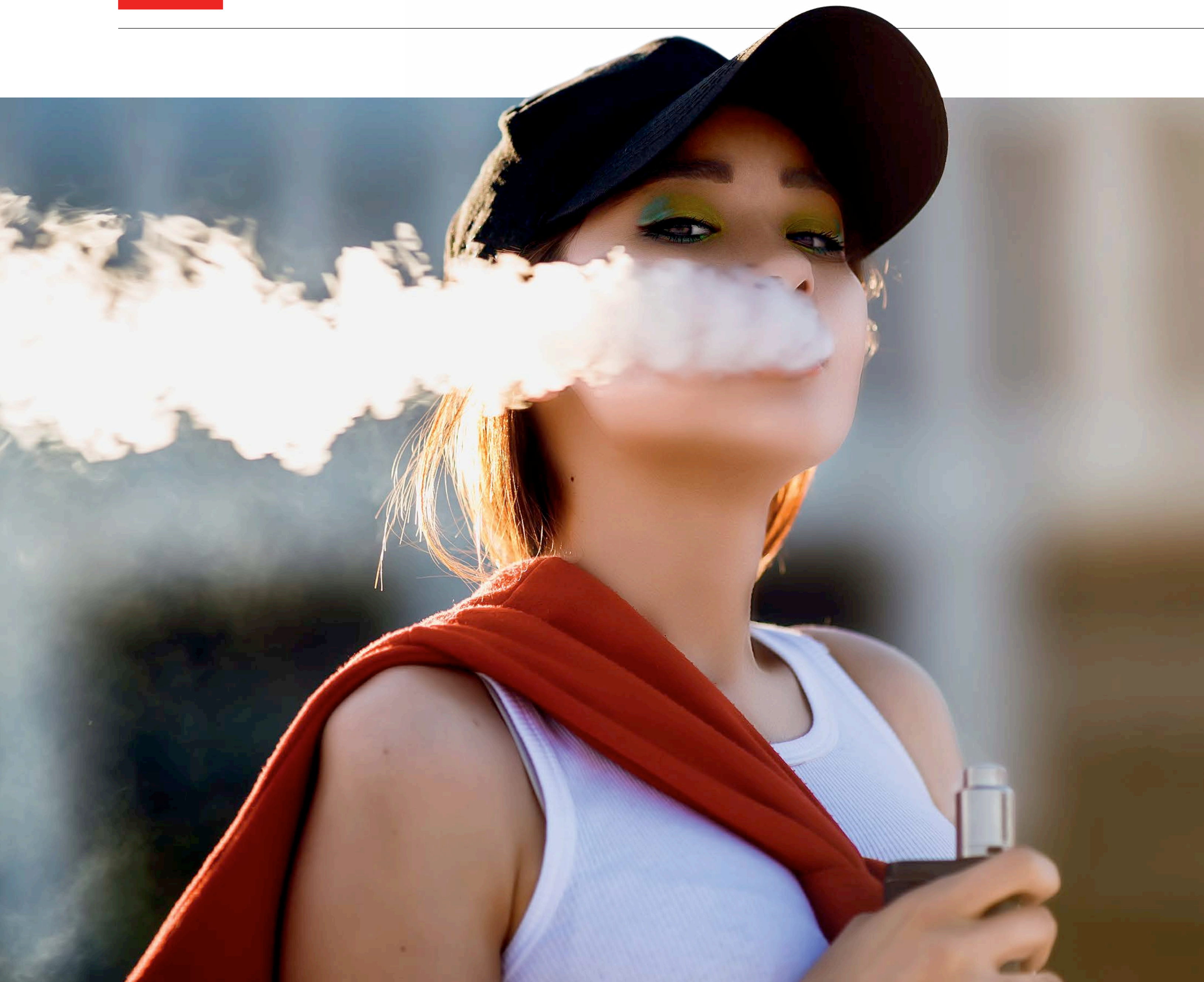
51% ***burnout***

45% ***falta de flexibilidade***

44% ***horas extras***

Fontes: *Talk Space, McKinsey e Gallup*

zar seus horários de acordo com a rotina das crianças. Entre as ideias que começam a chegar ao Brasil está a inclusão de um dia a mais de descanso. O empresário neozelandês Andrew Barnes, autor do livro *The 4 Day Week* (A semana de quatro dias), diz que pequenas recompensas podem gerar grandes resultados. "A valorização vai além do aumento salarial", diz Barnes. "Todo empregador sábio reconhece que, para que sua equipe tenha um bom desempenho, é preciso recarregar baterias."

Os especialistas entrevistados por VEJA afirmaram que o termo *quiet quitting* não é o mais adequado, por não se tratar de desistência do trabalho e por não ser uma reação silenciosa, às escondidas. O mérito de Zaid Khan e de seus seguidores foi, na verdade, trazer a questão para o centro dos debates. O segredo é encontrar o equilíbrio. Jornadas sufocantes fazem mal para qualquer um, mas algum esforço sempre será necessário. ■

ATRAÇÃO Jovens consumidores: sabores agradam a adolescentes

CORTINA DE FUMAÇA

O consumo de cigarros eletrônicos avança mesmo em países onde são proibidos, como o Brasil. E ainda demora para que a ciência responda quanto eles seriam nocivos à saúde **PAULA FELIX**

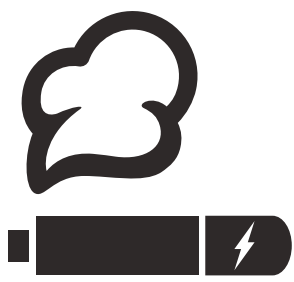
ISTOCK/GETTY IMAGES

HÁ NO BRASIL, de acordo com levantamentos recentes, 2 milhões de consumidores de cigarros eletrônicos. Os dispositivos surgiram há quinze anos com o apelo de ser menos nocivos do que o tabaco comum e de abrir a porta de saída do tabagismo. Desde então, e de mãos dadas com a explosão de usuários, brotaram estudos científicos segundo os quais o produto é tão prejudicial quanto o tradicional, embora não se tenha fechado consenso em torno dos riscos. Convive-se com enorme confusão em torno do assunto. Na semana passada o Ministério da Justiça determinou a suspensão da venda dos vapes, como são chamados, de 32 empresas. Além de retórica, a medida ressalta a ineficiência do Estado no combate ao comércio de um artigo cuja venda é proibida desde 2009 por decisão da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, o mesmo órgão que, em julho, manteve o veto depois de ter submetido o tema à discussão da sociedade. Ou seja, o ministério proibiu o que já era proibido e não apontou estratégias de coibição da venda ilegal, feita on-line ou em qualquer esquina.

Em âmbito global, relatório do Centro Global para Boa Governança no Controle do Tabaco, da Tailândia, mostra que os vapes são proibidos em 38 países, vendidos com restrições em 81 e regulamentados em 42. Entre os que permitem a comercialização, há aqueles que os incorporaram em programas de redução de danos, caso do Reino Unido. Lá, os eletrônicos são oferecidos no sistema público de saúde (NHS) como opção a quem deseja parar com o cigarro. De

acordo com os dados do NHS, fumantes têm duas vezes mais chances de largar o tabagismo do que pessoas em tentativa com chicletes e adesivos de nicotina. “Vimos ótimos índices de sucesso”, disse a VEJA Louise Ross, que participou da implementação dos vapes na rede de saúde, em 2014.

CONFUSÃO PLANETÁRIA

Há muita discrepância de legislações entre os países em relação ao vape

REINO UNIDO

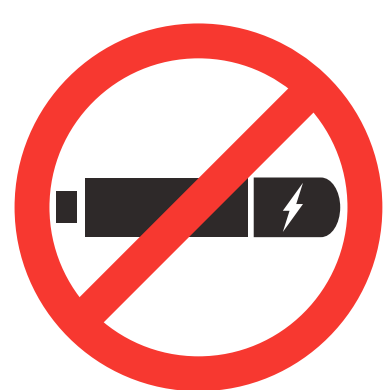
O Serviço Nacional de Saúde oferece a opção a quem deseja deixar o tabaco como parte de sua política de redução de danos

CANADÁ

Mantém um conselho científico para acompanhar dados atualizados sobre potenciais danos e benefícios à saúde

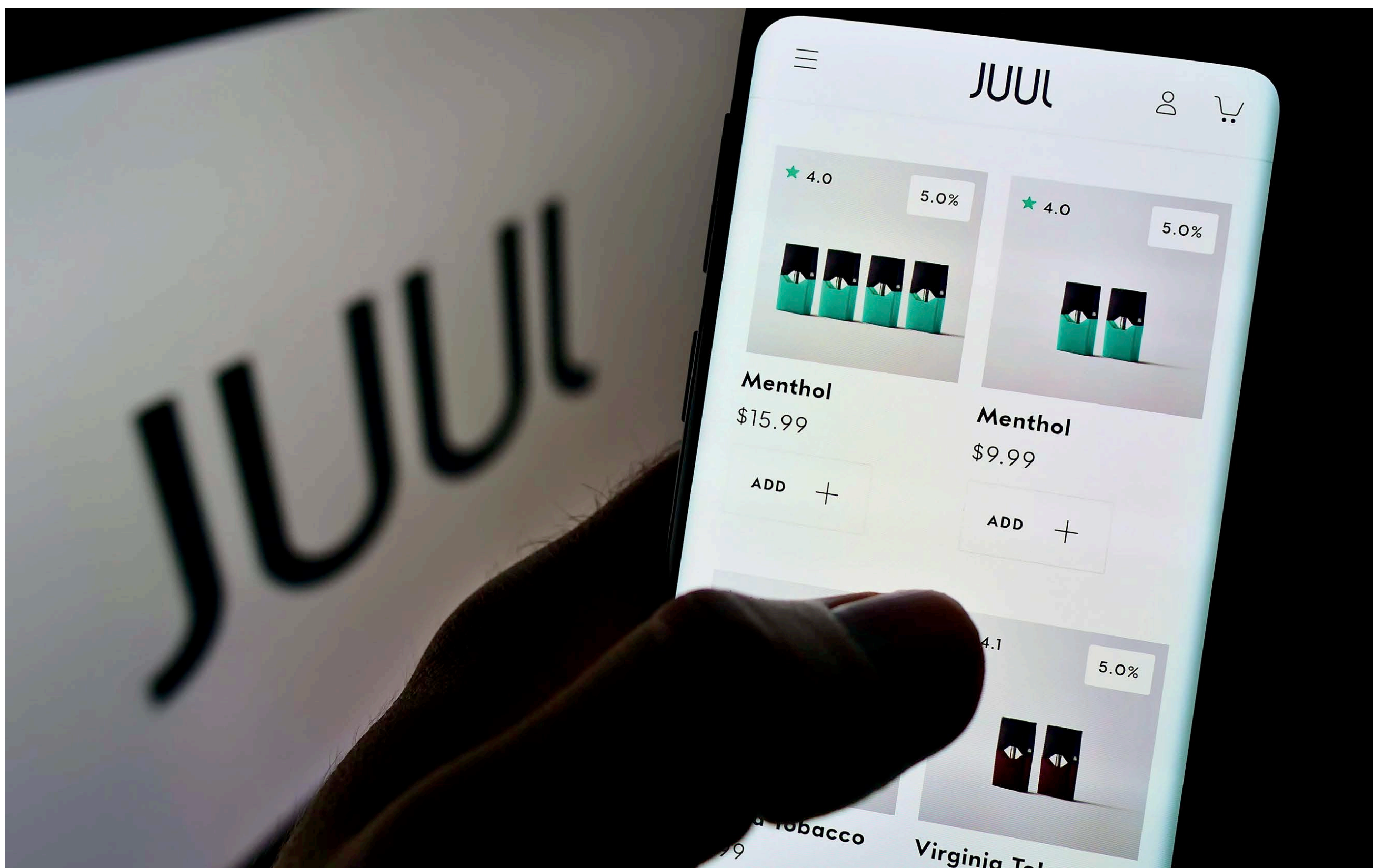
ESTADOS UNIDOS

A Food and Drug Administration analisa os produtos vendidos, os líquidos utilizados, até as baterias e demais componentes

Contudo, os achados ingleses estão longe de encerrar a polêmica. Uma grande quantidade de trabalhos associa o consumo dos eletrônicos a lesões pulmonares e pré-malignas na boca e garganta. Porém ainda vai demorar para que se chegue a conclusões cabais. “É preciso exposição de décadas para termos a comprovação”, diz Carlos Gil, presidente do Instituto Oncoclínicas. Por enquanto, o que se sabe é que os vapes estão ligados a uma doença que afeta o funcionamento pulmonar, embora não esteja atrelada ao câncer. Não por acaso, foi batizada de evali, a sigla

Baniu a venda em 31 de maio deste ano

É proibido pela Anvisa desde 2009

Ilegal desde 2014 e quem for pego usando pode ser multado ou preso

Fontes: *Comissão Europeia; Embaixada da Tailândia em Londres; FDA; Governo do Canadá; Governo do México; Global Center for Good Governance in Tobacco Control; NHS*

TIMON SCHNEIDER/ALAMY/FOTOARENA

ACORDO Nos EUA, multa à Juul:
acusação de conduta publicitária imprópria

LUIS BARRON/EYEPIX GROUP/GETTY IMAGES

CONFLITO Protesto no México:
manifestantes defendem direito de uso do vape

em inglês para “lesão pulmonar associada ao uso de produtos de cigarro eletrônico”. Em 2020, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças americano registrou 2 800 casos e 68 mortes causadas por ela.

Nos Estados Unidos, aliás, a venda é permitida desde 2016, mas é conflituosa. Uma das críticas é que os produtos atraem os jovens em razão dos sabores que oferecem. No centro da polêmica está a empresa Juul Labs. Em junho, ela teve a autorização de venda de seus produtos negada pela Food and Drug Administration e recorreu. Na terça-feira 6, fez um acordo no valor de 439 milhões de dólares para arquivar um inquérito que apurava sua conduta publicitária dirigida ao público dos 13 aos 17 anos. No México, onde os vapes são proibidos, há campanhas pelo direito ao uso, ainda que se conheçam problemas sanitários.

A indústria sabe que o produto não é inócuo e que deveria ser vetado aos menores de idade. Defende, com insistência, a regulamentação como forma de controlar o que chega às mãos dos usuários. É o caminho correto, embora longo e lento. “Não podemos negar que o tabagista tenha acesso a produtos com proteção sanitária”, diz Alessandra Bastos, consultora da seção brasileira da British American Tobacco. Pela urgência do tema, ainda tão controverso, deve-se torcer para que a cortina de fumaça se dissipe, e logo. ■

GAROTA, EU VOU PARA O HAVAÍ

O trabalho remoto levou uma onda de ricaços americanos a se transferir para o paradisíaco arquipélago. Resultado: os mais altos custos registrados em todo o estado

CAIO SAAD

POLO DE ATRAÇÃO Honolulu: os havaianos não conseguem mais comprar casa própria

DANIELDEP/GETTY IMAGES

EM UM PRIMEIRO momento, a pandemia foi um golpe desastroso para o Havaí: no estado americano em que um quarto da receita vem do turismo, a pausa nas viagens resultou em hotéis, restaurantes e parques fechados e um êxodo de trabalhadores desempregados na direção do continente. Passado o primeiro impacto, porém, o arquipélago no Pacífico se reinventou como destino paradisíaco — e ainda por cima pertinho — para a mão de obra da Costa Oeste que se enclausurou no trabalho remoto e, em paralelo, para os bilionários que empregam esse pessoal. E eis que o preço das moradias, que nunca foi baixo, disparou a tal ponto que o Havaí ostenta agora o incômodo título de mais elevado custo de vida nos Estados Unidos, batendo Nova York e Califórnia. “Sempre incentivamos as pessoas interessadas em uma experiência autêntica a vir para cá e viver como um local, mas a mensagem passou a ser interpretada como ‘Mude-se para cá e se torne um local’”, lamenta Chris Kam, presidente do instituto de pesquisa OmniTrak, de Honolulu.

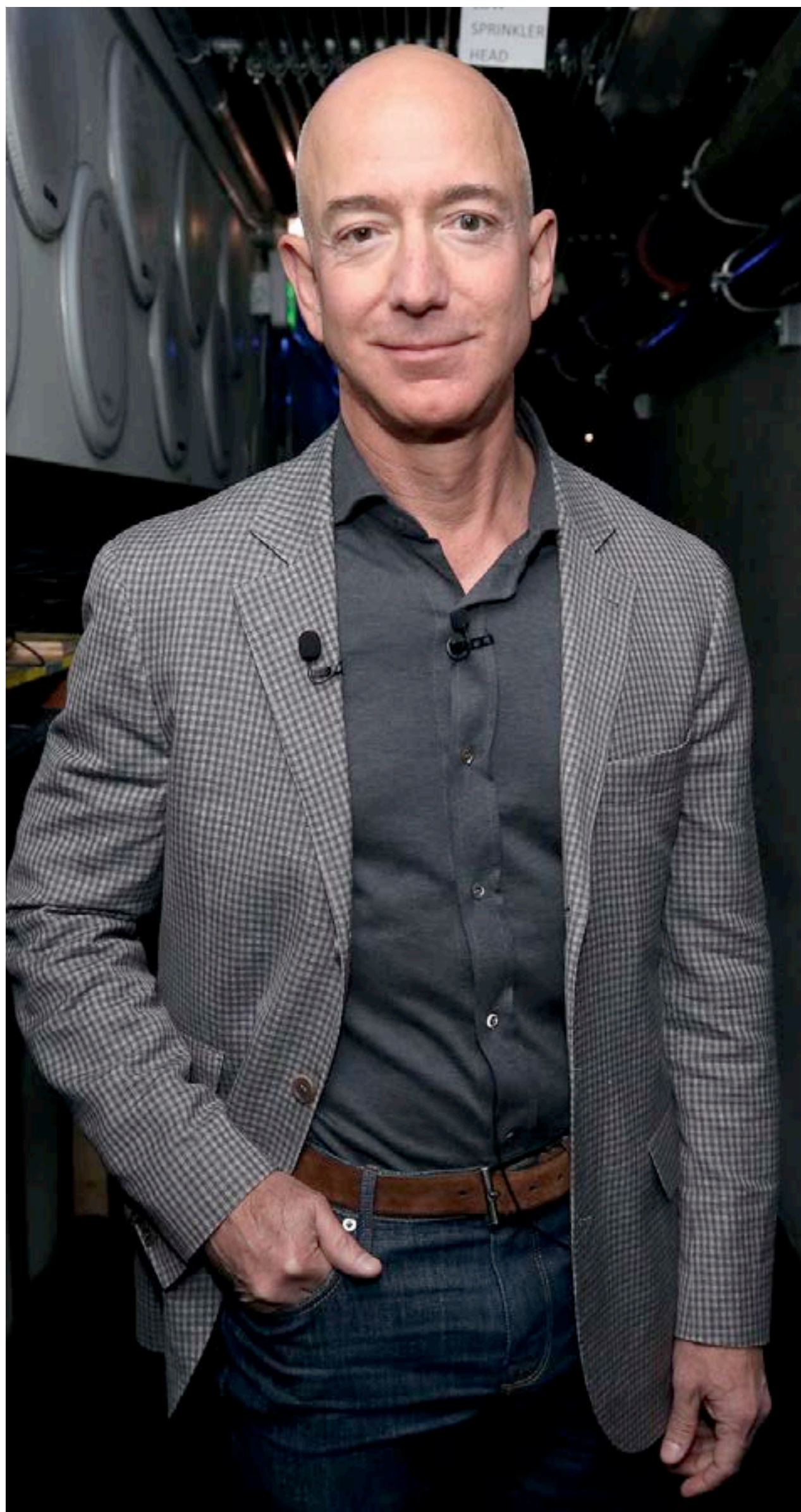
O vilão da escalada do custo de vida é, de longe, a casa própria (e seu contraparente, o aluguel). Do fim de 2019 ao começo de 2022, período que abarca o planeta entorpecido pela pandemia, o preço médio de uma casa de família em Oahu, a ilha onde fica a capital, Honolulu, e onde mora a maioria da população, saltou de 790 000 dólares para 1,15 milhão. No ano passado, um quarto dos imóveis comercializados no estado foi para as mãos

ONDA GIGANTE

Em Oahu, onde fica a capital, Honolulu, e onde mora a maior parte da população, o preço médio de um imóvel é de 1,15 milhão de dólares

de gente de fora disposta a pagar fortunas sem sequer se dar ao trabalho de visitar antes a propriedade — o prazo médio entre oferta e venda é atualmente de dez dias. Com a invasão estrangeira e seu efeito no mercado imobiliário, a crise de moradias no Havaí, que já era grave, se intensificou. Os salários da classe média não mais permitem a compra de casa própria e, segundo dados do Censo, 55% dos inquilinos havaianos estão enterrando ao menos 30% da sua renda no aluguel. “Vemos médicos, engenheiros e professores indo para lugares mais

PHILLIP FARAONE/GETTY IMAGES

JUSTIN SULLIVAN/GETTY IMAGES

LATIFUNDIÁRIOS
Os “estrangeiros”: Bezos comprou mansão, enquanto Mark Zuckerberg *(acima)* expande os seus domínios

baratos. E nós precisamos deles aqui, se quisermos progredir coletivamente”, alerta Talitha Liu, diretora da ONG Housing Hawaii’s Future.

Puxando a fila dos “novos havaianos” estão os bilionários — no último ano, o número de mansões adquiridas por mais de 10 milhões de dólares cresceu seis vezes. A lista é portentosa. Das escrituras de imensas propriedades nas ilhas havaianas constam os nomes dos fundadores de eBay, Starbucks, PayPal, Oracle e Salesforce. Mark Zuckerberg, o gênio do Facebook (hoje Meta), comprou

há dez anos um pedação de terra na Ilha de Kauai e nestes últimos tempos, em casa por causa do isolamento social, aproveitou para expandir seus domínios — já investiu um total de 170 milhões de dólares em compras. Para acalmar os vizinhos, que reclamam da gana aquisitiva e dos altos muros, espalha doações pelo arquipélago — entre elas 50 milhões de dólares para a Universidade do Havaí, a maior já vista por lá. Jeff Bezos, da Amazon, adquiriu recentemente uma megamansão na ponta sul da Ilha de Maui, a mesma onde a apresentadora Oprah Winfrey tem seu pequeno reino. Elon Musk, o mais rico de todos, famosamente não compra casa própria, mas está investindo no centro de *wellness* e economia sustentável que o amigo Larry Ellison, da Oracle, desenvolve em Lanai (ele abocanhou 98% da ilha em 2021, pela pechincha de 300 milhões de dólares).

O preço das moradias no Havaí não é o mais alto do país — a média chega a 1,5 milhão de dólares em San Francisco e explode em 2,3 milhões em Manhattan. Mas ao milhão para arrematar uma casa soma-se o valor excepcionalmente elevado de quase todos os artigos, do litro de leite aos automóveis, e está feito o cálculo do mais salgado custo de vida do país. Uma consulta médica, por exemplo, sai 65% a mais do que no continente e a conta de energia no fim do mês é o dobro da de Nova York, fatores que suprimem a vantagem de a renda média local ser 20% acima da americana. “Esse problema existe des-

de antes da pandemia e da inflação atual", explica Gavin Thornton, diretor-executivo da Hawaii Appleseed, ONG que ajuda pessoas de baixa renda com questões legais relacionadas à moradia. "Como comunidade, precisamos determinar que pessoas que trabalham quarenta horas por semana têm de poder pagar por sua moradia, através de aumento de salários ou de investimentos governamentais." Nesse sentido, a Câmara Municipal de Honolulu aprovou o orçamento do ano fiscal 2021-2022 com foco em projetos de casas acessíveis para pessoas de baixa renda. Terá de agir rápido, senão Zuckerberg vai lá e compra o terreno. ■

INSTAGRAM @MARINARUYBARBOSA
INSTAGRAM @DEDESECCO

GLAMOUR O azul cintilante de Marina Ruy Barbosa *(à esq.)* e a composição urbana de Deborah: abuso de tecidos nobres

A FESTA NUNCA ACABA

Na contramão da regra que desaconselha o uso de brilho durante o dia, uma nova tendência atrai jovens dispostas a se cobrir de glamour a hora que bem entenderem **SIMONE BLANES**

DESDE SEMPRE, brilhos, plumas e paetês eram única e exclusivamente recomendados para ser usados à noite. Mesmo assim, jamais todos juntos, a não ser que o objetivo fosse atrair os holofotes — e eventuais olhares de desaprovação — para si. Agora, a regra está sendo quebrada por jovens que, desprendidas de preconceitos, não estão preocupadas com julgamentos. Ao contrário, questionam as convenções ou dão de ombros a elas. Desse movimento nasceu uma nova estética, a Night Luxe (noite luxuosa, em inglês), ou Euphoria, em referência à série do canal de streaming HBO Max. Ela é um dos principais assuntos das redes sociais — só no TikTok alcança mais de 48 milhões de visualizações.

A porta de entrada para a onda, é natural, são modelos, como as americanas Hailey Bieber e Charlotte Lawrence, e atrizes, como Marina Ruy Barbosa e Deborah Secco. A moda consiste em misturar brilhos com tecidos opulentos e sexy, como o veludo, o couro, o cetim e a renda, em looks finalizados com saltos altíssimos e maquiagem marcada. Luvas, meia-calça com texturas, espartilhos, sobreposições e peças largas combinadas a lingeries à mostra também fazem parte do visual.

Os tons preferidos são o dourado e o prateado. No entanto, há espaço para o preto e poucas pontuações de rosa ou vermelho. E muito, mas muito brilho. Não sem certa moderação, recomenda-se. “É fundamental ter bom senso”, diz o stylist Dudu Farias. Para usar roupas assim durante o dia o segredo é o que se chama de desconstrução.

INSTAGRAM @HAILEYBIEBER

MISTURA Produções de Hailey Bieber *(acima)* e Charlotte Lawrence: acessórios e visual chamativo

INSTAGRAM @CHARLOTTESLAWRENCE

"O paetê pode ser combinado a um tecido não tão nobre de uma camiseta", diz ele.

A intenção é clara: ir na contramão da That Girl, tendência que dominou 2021 pregando o politicamente correto extremo com meninas acordando cedo, fazendo ioga e meditação e se alimentando somente de opções saudáveis. A maré de agora vem acompanhada de um espírito irreverente de euforia depois da fase mais dura da pandemia de Covid-19 e de exaltação da vida. Não é a primeira vez que esse tipo de explosão de felicidade ocorre depois de períodos cinzentos da história. Ao final da I Guerra Mundial (1914-1918) e, em seguida, da pandemia de gripe espanhola, que se estendeu até 1920, vieram os anos loucos tão ricamente descritos por Ernest Hemingway em *Paris É uma Festa*.

Naquele início da década de 20, havia um anseio frenético por mais luz, fantasia e felicidade, captados pela sensibilidade da pena de escritores americanos como Hemingway e F. Scott Fitzgerald, que flanavam pela capital francesa e pela Cote d'Azur sem receio de nada, mergulhados em álcool. É verdade que o mundo não era propriamente uma festa naqueles tempos — basta lembrar que o nazismo e o fascismo começaram a germinar ainda naquela década —, tampouco o é agora. Contudo, acrescentar brilho ao cotidiano não faz mal a ninguém. E trata-se, enfim, de exalar alegria. Nas redes, a ágora de nosso tempo, quem é adepto se mostra em fotos tiradas em terraços de prédios, com champanhe, velas, tudo retratado com flashes e luzes distorcidas. A ideia é dar a impressão de que a felicidade está logo ali. Vai passar, talvez sim. Mas é preciso celebrá-la enquanto há clima. ■

MAURICIO BAZILIO

A ÚNICA CERTEZA ERA A ESPERANÇA

O neurocirurgião Gabriel Mufarrej, 61, conta como conseguiu separar gêmeos unidos de forma rara pelo crânio

EM ABRIL DE 2019, fui chamado pelo Hospital do Cérebro, uma unidade pública de referência no Rio onde trabalho, para acompanhar um raríssimo caso de gêmeos unidos pelo crânio. Arthur e Bernardo eram ligados pelo topo da cabeça, sendo que um olhava para baixo e o outro, para cima, e viviam deitados. O quadro se tornava ainda mais complexo porque eles compartilhavam 15% do cérebro e ainda uma veia que conduzia o sangue da cabeça até seus corações.

Quando conheci os pais, vindos de Roraima, estavam em intenso sofrimento, com medo de perder as crianças, àquela altura com 8 meses. Logo entendi que o caso era o maior desafio de minha trajetória profissional de quase quatro décadas e saí de lá com a convicção de que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar a família.

Tomar a decisão de realizar uma cirurgia para separá-los não foi simples. Um dos maiores especialistas do mundo nesse tipo de procedimento, que envolve crânios fixados um no outro, veio ao Brasil avaliar a situação e desaconselhou a operação, dada sua delicadeza e o risco. A notícia devastou os pais, que, dilacerados, precisaram de acompanhamento psicológico. Pois mesmo tendo escutado atentamente as palavras de meu colega, não me convenci. Com anuência dos pais, segui adiante com o plano de submeter os gêmeos à cirurgia. Adriele, a mãe, um dia soltou uma frase que me marcou. Não queria que os filhos continuassem naquele calvário. "Até a morte para mim é uma solução, só não posso conviver com o sofrimento deles", disse. Ouvi-la assim só aumentou minha obstinação. E passei noites em claro estudando o caso.

Recorri à ciência e a todos os recursos do hospital. Por meio de convênios com universidades, obtive modelos anatômicos do cérebro dos garotos em 3D, para determinar o local exato da veia que eles compartilhavam. Também fizemos versões digitais que me permitiram discutir o assunto com o britânico Owase Jeelani, outro grande expert, que passou a me auxiliar. Teriam de ser feitas várias operações. A primeira delas foi to-

mada pelo medo. O procedimento tinha o objetivo de dissecar vasos sanguíneos que alimentavam a veia dividida pelos gêmeos, como se estancasse os afluentes de um rio. Trilhando o protocolo, decidimos intervir pelo lado do Arthur, o mais frágil e com menos chances de sobreviver. São decisões médicas complexas e doloridas. Após cinco cirurgias, o cérebro dele foi capaz de encontrar novos caminhos para levar o sangue ao coração. Notei, no entanto, que se o operasse mais uma vez ele não aguentaria. Tomei então uma decisão nunca antes tentada na medicina: fazer as cirurgias seguintes no Bernardo, o gêmeo mais forte. Isso colocava a vida dos dois em risco. Felizmente, a escolha se mostrou acertada.

Os irmãos, enfim, estavam prontos para ser separados. Pairava um clima de otimismo e aí foi necessário trazer a família e minha própria equipe à realidade: o mais difícil estava por vir. A operação mobilizou quase 100 profissionais e ocupou todas as salas do centro cirúrgico. Ainda que com tanto planejamento, fomos surpreendidos com a ruptura de uma parte da veia, o que causou um enorme sangramento. Agimos rápido e estabilizamos o quadro. Na hora da separação, mais dificuldades: os vasos estavam muito profundos, e Arthur parecia que não iria resistir. Com técnica e fé, vencemos o obstáculo com o auxílio de um ultrapotente microscópio. Ver as duas macas se afastando e os irmãos separados foi um momento de pura emoção. Hoje com 4 anos, eles se recuperam bem. Algumas sequelas permanecerão para o resto da vida e é difícil saber quais habilidades eles vão desenvolver. O progresso, porém,

impressiona. Os irmãos já dançam em seus carrinhos, estão aprendendo a se comunicar e um deles, o Arthur, fica até de pé. Eles me ensinaram de forma tocante que a única certeza que podemos ter é a esperança. ■

Depoimento dado a Ricardo Ferraz

VIÚVA ALEGRE

O mítico champanhe Veuve Clicquot completa 250 anos de existência. Reverenciada, a bebida dourada deve seu sucesso a uma mulher que estava fadada ao fracasso

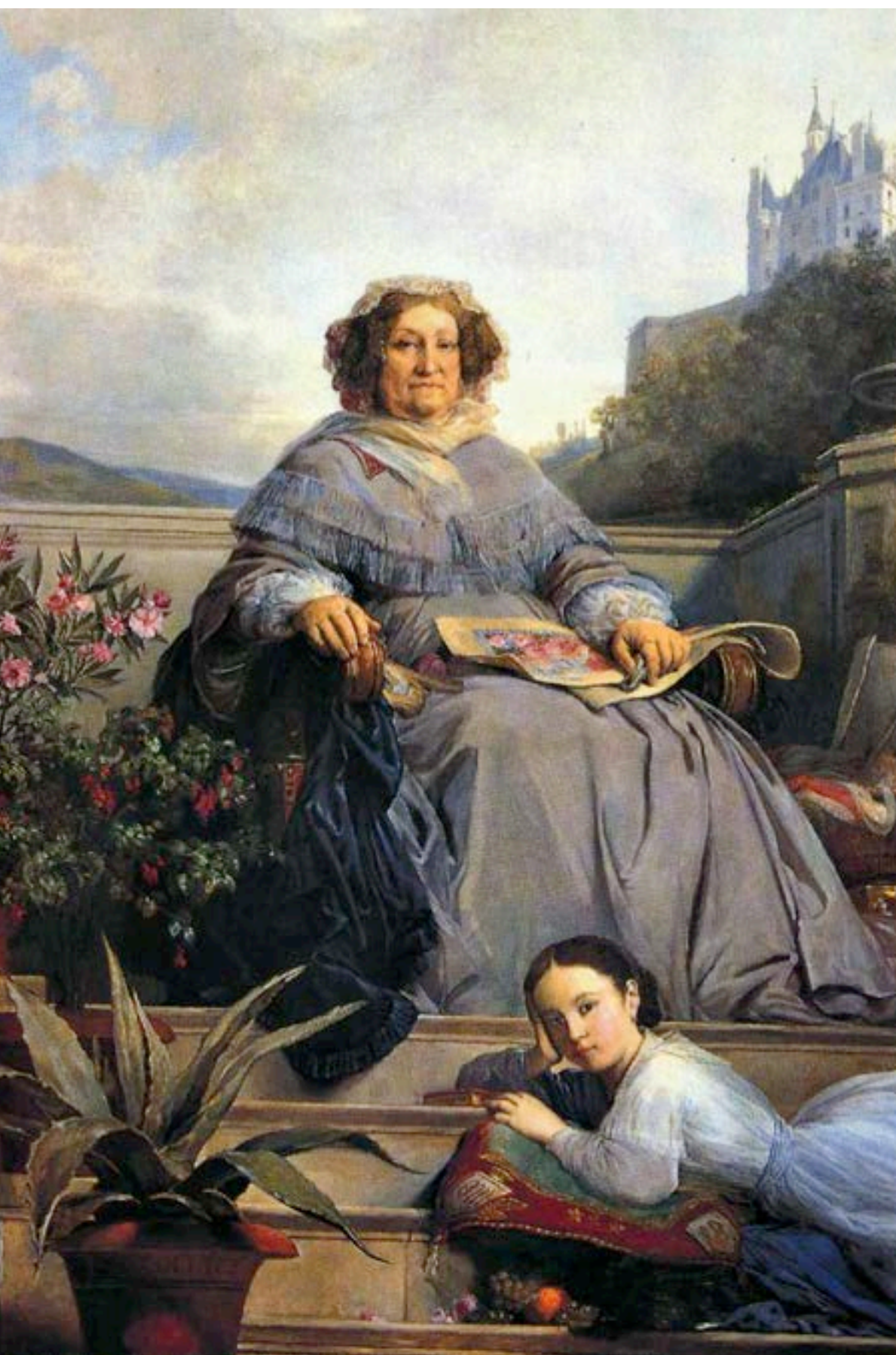
CILENE PEREIRA

QUALIDADE
A produção armazenada *(acima)* da delicada bebida: o segredo é a combinação de uvas e o terroir de solo e clima ideais

FOTOS JENS KALAENE/PA/DPA/AP/IMAGEPLUS

TINHA TUDO para dar errado. E deu, ao menos nos primeiros catorze anos em que Barbe-Nicole Ponsardin (1777-1866), hoje mundialmente conhecida como madame Clicquot ou viúva Clicquot, se meteu a fazer vinho na região de Champagne, na França, no início do século XIX. Mas uma formidável combinação de persistência com inteligência, clima e terroir adequado tornou uma jovem inexperiente à frente de um negócio falido, que havia sido fundado pelo sogro em 1772, sinônimo de um dos champanhes mais reverenciados do planeta — e longevos, apesar dos tombos iniciais. Em 2022, a Maison Veuve Clicquot completa 250 anos demonstrando que muito champanhe ainda há de rolar de suas famosas *crayères,* poços de calcário abertos debaixo da sede da empresa, em Reims, a principal cidade da região que dá nome à mítica bebida francesa. Lá ficam guardados 35 milhões de garrafas do líquido dourado.

Uma extensa programação foi preparada para festejar o aniversário da casa. Houve o lançamento do La Grande Dame, só produzido em ano excepcional de colheita, em colaboração com a artista japonesa Yayoi Kusama. Nos próximos meses, serão colocadas no mercado releituras sustentáveis de embalagens icônicas, como a Ice Box, de 2000. Inspirada no origami, ela se abre formando um balde de gelo.

Dois séculos e meio de vida é um marco a ser comemorado. Mas, no caso da Veuve Cliquot, há um sabor especial considerando-se que a empresa é um dos sucessos mais

COLEÇÃO PARTICULAR/CHÂTEAU DE BRISSAC

ELA VENCEU PELO CANSAÇO

Nascida Barbe-Nicole Ponsardin, a viúva Clicquot *(no retrato, com a bisneta, Anne)* insistiu com o sogro, Philippe Clicquot, para investir no negócio de vinhos da família, em Reims, onde ficam os vinhedos *(ao lado)*

MICHEL JOLYOT/VEUVE CLICQUOT

improváveis na história dos negócios. Barbe-Nicole era filha de Nicolas Ponsardin, empresário da área têxtil de Reims, e estava pouco habituada ao universo dos vinhos. A virada aconteceu quando ela se casou, por arranjo, com François Clicquot, filho de Philippe Clicquot. As famílias eram vizinhas, mas rivais no negócio. Para selar uma aliança e consolidar o mercado de tecidos na mão dos dois, Nicolas e Philippe decidiram unir os filhos. Assim, em 1798, aos 21 anos, Barbe-Nicole adicionou Clicquot ao sobrenome e, junto com François, foi cuidar do pequeno comércio da família do marido, contra a vontade do sogro, que não via futuro na atividade.

O temor era justificado. Nenhum dos jovens sabia o necessário para a empreitada. Tanto é que, seis anos depois, o casal estava quebrado. Para piorar, François morreu de febre tifoide — alguns sugeriram ter sido suicídio diante da falência iminente. Então chamada de viúva Clicquot, a jovem prometeu ao sogro que recuperaria a empresa. Ele assentiu, com a condição de que ela aprendesse mais. E assim foi, por quatro anos. Mas o negócio continuava mal. A viúva insistiu e o sogro mais uma vez cedeu. Foi quando a sorte virou.

A Europa assistia ao fim das Guerras Napoleônicas (1803-1815) e madame Clicquot sabia que os russos estariam sedentos por novas bebidas depois que derrotassem Napoleão, o que aconteceu em 1812. Para driblar os bloqueios, ela enviou suas garrafas a Amsterdã, à espera da

vitória russa que se desenhava. Assim que a guerra acabou, seu champanhe foi o primeiro a chegar ao czar Alexandre I. Embevecido, o líder russo disse que, dali em diante, o Veuve Clicquot seria o único que beberia. Nunca mais a falência rondaria os vinhedos da casa. Hoje, o Veuve Clicquot é o segundo champanhe mais vendido no mundo. O primeiro é o Moët & Chandon. Há, portanto, espaço para crescimento das borbulhas, inclusive no Brasil. "Menos de 3% do mercado é composto de espumantes e champanhes", diz Catherine Petit, diretora da seção Brasil da Moët Hennessy, dona das duas marcas. As taças, portanto, estão postas. ■

CONSERVADO NO GELO

A retomada do Programa Antártico Brasileiro põe o país em pé de igualdade nas decisões sobre o Polo Sul e na primazia para explorar seus imensos recursos **ALESSANDRO GIANNINI**

NOVA SEDE Estação Comandante Ferraz: reformada, ela conta com dezessete laboratórios

JONNE RORIZ

COM MAIS de 14 milhões de quilômetros quadrados, a Antártica concentra 70% da água doce e 90% do gelo da Terra. Sob o manto branco que cobre quase todo o Polo Sul há uma extensa área territorial na qual estão conservadas relevantes reservas minerais e biológicas. É a fronteira final, o manancial inexplorado que pode salvar a humanidade de si mesma. Só isso já justifica comemorar a retomada do Programa Antártico Brasileiro (Proantar), que completou quarenta anos com a ocupação da nova Estação Comandante Ferraz. Foi esse projeto que garantiu o ingresso do país no Tratado Antártico, acordo de cooperação internacional para exploração científica da região, com status consultivo e direito a voto e veto entre as 29 nações signatárias.

Localizada ao norte da Antártica, na Ilha do Rei George, a nova casa brasileira na região ocupa 4 500 metros quadrados e pode abrigar com conforto até 64 pessoas, entre funcionários do governo e pesquisadores. As instalações dispõem de dezessete laboratórios de última geração e contam com sinal de wi-fi e sala de ginástica. Mais rudimentar, a primeira sede, aberta em 1984, ficou ativa até 2012, quando um incêndio a destruiu. Ao custo de cerca de 100 milhões de reais, os novos edifícios foram inaugurados em janeiro de 2020, com a promessa da retomada das atividades. A pandemia de Covid-19, porém, pôs os planos em compasso de espera. Isso durou até 2022, quando a 40ª Operação Antártica (Operantar XL) deu continuidade ao engajamento do país no continente.

JONNE RORIZ

NA NEVE Trabalho de campo do cientista brasileiro Henrique Rosa: o lugar pode ser colonizado no futuro

Pela proximidade, o Brasil é diretamente afetado por tudo que acontece no Polo Sul, tanto do ponto de vista ambiental quanto de exploração de recursos. Ao conquistar espaço e voz ativa entre nações como Estados Unidos, China, Rússia, Reino Unido, França e Alemanha, o país garante acesso a uma biodiversidade preciosa. É uma fonte de produtos biotecnológicos como antibióticos mais resistentes e herbicidas naturais, além de anticongelantes potentes e combustíveis menos poluentes. "Estamos muito perto disso tudo para ignorar a existência do continente", disse a VEJA o coordenador científico da estação, Paulo Câmara, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB). "Não dá para fazer de conta que não tem nada a ver com a gente."

Tem, e muito. O recém-reconhecido Oceano Austral, que banha a Antártica, tem contato com o Oceano Atlântico, que margeia o litoral brasileiro. Possíveis alterações climáticas podem afetar a região litorânea e até o interior, assim como a biodiversidade marinha da nossa faixa costeira e das águas sob jurisdição nacional — a chamada "Amazônia Azul" e todo o seu potencial econômico. O desprendimento e o derretimento das enormes plataformas de gelo antárticas, que já vêm ocorrendo nos últimos anos devido ao aquecimento global, podem mudar a dinâmica das águas próximas e ao redor do mundo.

Monitorar os impactos das mudanças climáticas, entender melhor a dinâmica do clima antártico e a complexidade

PAUL SOUDERS/GETTY IMAGES

NA ÁGUA Biodiversidade: os pinguins são patrimônio ambiental

de sua biodiversidade ajuda a prevenir possíveis desastres ambientais. Além disso, abre caminho para outras possibilidades. “Pode até se transformar em espaço de colonização, caso desastres naturais e não naturais ocorram nos demais continentes do planeta”, disse o professor Luiz Henrique Rosa, pesquisador do Departamento de Microbiologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

A conscientização, é natural, passa pelo conhecimento. A Antártica ainda é pouco conhecida pelos brasileiros e pelo restante do mundo, e talvez por isso exerça tanto fascínio. Investir no projeto científico, iniciativa que tem se mostrado bem-sucedida apesar das pedras no caminho, pode ser uma forma de divulgar os trabalhos e atrair interesse para o continente. Para se manter dentro do Tratado Antártico com o status que tem hoje, o Brasil precisa continuar realizando pesquisas de qualidade na região, até pelo menos a primeira revisão do acordo, prevista para 2048. É a ciência a serviço de um futuro diverso e sustentável, apartado do negacionismo espraiado nos últimos anos. ■

GOLPES INIGUALÁVEIS

Ao se despedir do tênis, Serena Williams deixa um extraordinário legado dentro e fora das quadras — e não seria errado compará-la a Muhammad Ali **FÁBIO ALTMAN**

ELA FARÁ FALTA O adeus no Torneio Aberto dos Estados Unidos: vencedora de 23 títulos de Grand Slam

JASON SZENES/EPA/EFE

DIRETO AO PONTO, para que não reste dúvida: a tenista americana Serena Willians, que se despediu das quadras aos 40 anos, talvez seja a maior esportista do sexo feminino de todos os tempos. Dito de outro modo: ela tem a dimensão de Muhammad Ali, e seria sexista dizer que foi "o Ali de saias", porque o correto mesmo é afirmar que ele é quem foi a "Serena de luvas de boxe". A estatística, que no tênis vale muito dinheiro — ela ganhou prêmios que ultrapassam os 94 milhões de dólares —, é nítida: foram 73 títulos, 23 deles de Grand Slams, o circuito de luxo formado pelos torneios abertos da Austrália e dos Estados Unidos, Wimbledon e Roland Garros. Apenas a australiana Margaret Court venceu mais — 24 — nos anos 1960 e 1970, de menor competitividade.

A comparação com Ali é cabível porque, tal como o pugilista, Serena sempre soube fazer parte de uma sociedade que, a rigor, não a aceitava — por ser negra, por ser mulher, por ser forte. Na contramão, ela subverteu as expectativas de comportamento de atletas do sexo feminino e, por extensão, o que se espera de mulheres nos locais de trabalho. E o que se espera, depois da revolução de Serena, é simples: que façam o que quiserem, sem repressão machista ou de qualquer outra ordem. Quando supostos especialistas ou racistas riam de sua aparência física, a tachando de "masculina", ela dobrava a aposta, e foi ficando cada vez mais forte. Com tanto sucesso nas quadras — e tendo levado dez de seus troféus de Grand Slam depois dos 30 anos, o que é extraordinário, e um deles, em 2017, grávida — conquistaria ainda

JULIAN FINNEY/GETTY IMAGES

ATIVISTA A bronca no juiz, em 2018: "É porque sou mulher! E você sabe disso"

mais grandeza em um momento quase antiesportivo, mas definidor de seu caráter e de sua relevância histórica. Nesse aspecto, ela se aproxima ainda mais de Ali, gênio entre quatro cordas que faria fama por desafiar as autoridades americanas ao se recusar a servir o Exército americano durante a Guerra do Vietnã, em meados dos anos 1960.

O instante mágico de Serena aconteceu em 8 de setembro de 2018, no Arthur Ashe Stadium, na final do Aberto dos Estados Unidos contra a japonesa Naomi Osaka, diante de mais de 23 000 pessoas na quadra e milhões à frente da TV. Ela perdeu para Naomi, dezesseis anos mais nova — mas pouco importou. O que está eternizado foi a diatribe disparada contra o árbitro português Carlos Ramos, que a havia punido por ter entrado em contato com o treinador, o que

PAUL HARRIS/ONLINE USA/GETTY IMAGES

APOSTA As irmãs com o pai, Richard: carreiras construídas com obstinação

era proibido. Depois de quebrar a raquete, depois de levar as mãos ao rosto, nervosa, ela se aproximou da cadeira, dedo em riste, e gritou: “Sou mãe, prefiro perder do que roubar! Você me deve desculpas, me deve desculpas! Você é um mentiroso e um ladrão! Nunca mais vai apitar um jogo meu! É porque sou mulher e você sabe disso! Se fosse um homem, não faria isso!”.

Ninguém menos que Billie Jean King, outra tenista fundamental, saiu em defesa de Serena: “Quando uma mulher é emotiva, a chamam de histérica e ela é punida. Quando um homem faz a mesma coisa, ele está sendo sincero, e não há repercussões. Obrigada, Serena, por chamar a atenção para esse duplo padrão”. Convém lembrar — para que a comparação não se perca nas imprecisões — que nesse tema, o da

defesa dos direitos das mulheres, Muhammad Ali sempre foi machista, e aqui eles se distanciam. “Ela, a irmã, os pais sempre tiveram um propósito muito claro, e não era apenas jogar bem tênis e conseguir bons resultados”, diz o brasileiro Fernando Meligeni, que conviveu longamente com as Williams no circuito internacional.

Há melancolia com a despedida de Serena porque ela nunca foi uma só (e quem não riu e chorou com a aventura de sua vida ao lado da irmã Vênus, transformada em filme, o retrato da obsessão de um pai que sabia ter filhas especiais?). Ela não era somente a supercampeã (das nove finais de Grand Slam contra a irmã, venceu sete). Não era apenas rápida, com um saque inigualável e decisivo. Sabia ter responsabilidade pública, e dela nunca se afastou. Cabe lembrar, portanto, a resposta dada a um jornalista depois daquela tarde tensa da primavera nova-iorquina, enfurecida com o árbitro. Instada a dizer o que explicaria à sua filha ao relatar a confusão, resumiu: “Vou dizer a ela que estava defendendo o que acreditava, e que isso era certo. Às vezes as coisas não acontecem da forma que queremos, mas é sempre preciso ser amável e humilde, essa é a lição que aprendi do que fiz”.

Serena Williams fará falta. Ela agora está dedicada a palestras motivacionais, ao mercado financeiro e à família — mas sorte a nossa existir o YouTube, e nele estar pendurado imagens da campeã. Busque pelo ponto mágico nas quartas de final do Aberto da Austrália, em 2001, contra Martina Hingis. Não há nada mais espetacular. ■

A DANÇA DAS HORAS

Plataformas que oferecem relógios de luxo de segunda mão ganham espaço, facilitam a busca por modelos raros e funcionam como porta de entrada para a alta relojoaria **ANDRÉ SOLLITTO**

EM EXPOSIÇÃO Clássicos suíços: enquanto a demanda de novas peças cresceu só 3%, a procura por usados aumentou 10%

MGSTUDYO/GETTY IMAGES

NO MUNDO corporativo, reputações são construídas e desfeitas o tempo todo, num ciclo de altos e baixos que parece não ter fim. A regra, porém, não se aplica à relojoaria suíça. Nesse caso, a boa imagem persiste por séculos. Exagero? Nem um pouco. A Patek Philippe foi fundada em 1851 e jamais perdeu o brilho. Sua rival, a também icônica Audemars Piguet, é de 1875. Mais jovem, a Rolex nasceu em 1905 e desde então se manteve como um símbolo irresistível de status. Ao longo da história, comprar peças de grifes como essas exigia ter os contatos certos — nem sempre bastava deslocar-se a uma loja — e, claro, muito dinheiro. Agora, na no-

DIVULGAÇÃO

CARTIER SANTOS
Com versões masculinas e femininas e um design que pouco mudou desde 1905, quando foi lançado, custa a partir de 17 000 reais nos sites de usados

va era do consumo, as facilidades permitem que os simples mortais sonhem com relógios estrelados, mas com uma diferença: são peças de segunda mão.

O mercado mudou à medida que as novas gerações de jovens adultos passaram a conquistar a independência financeira e a olhar para o segmento de alta sofisticação. Menos preocupados com o estigma de possuir objetos usados e mais interessados naquilo que os especialistas chamam de "experiências", eles descobriam os prazeres do universo do luxo. Uma pesquisa da consultoria Deloitte sobre a relojoaria suíça revela que houve um acréscimo

DIVULGAÇÃO

GIRARD-PERREGAUX

Praticamente desconhecido, o modelo Laureato custava 40 000 reais no ano passado, mas foi "descoberto" e agora vale quase 100 000 reais

de compradores que dizem buscar relógios de segunda mão. A parcela formada pela geração Y e pelos millennials, entre 20 e 40 anos, é a mais propensa (42%) a navegar pelo mercado de usados. Com isso, sites como o Chrono24, sediado na Alemanha, se tornaram potências do segmento. Enquanto as vendas de novos relógios de pulso crescem 3% ao ano, a plataforma viu a demanda aumentar 10%, de acordo com levantamento feito pela consultoria McKinsey. No primeiro trimestre de 2022, o valor das transações cresceu 40% em relação ao mesmo período do ano passado.

DIVULGAÇÃO

PATEK PHILIPPE NAUTILUS

Descontinuado em 2021, este clássico suíço alcançou mais de 900 000 reais no início do ano, mas os preços se estabilizaram na casa dos 650 000 reais

O principal motivo que atrai compradores, tanto homens quanto mulheres, é o preço. Como não poderia deixar de ser, as plataformas de relógios usados vendem produtos em perfeito estado, mas com alguma vida pregressa, por valores mais em conta *(leia no quadro acima)*. Além disso, a oportunidade de achar modelos descontinuados ou adquirir relógios com fins de investimento e posterior valorização são outros fatores que impulsionam o mercado. A profissionalização do segmento de usados também é uma forma de combate à falsificação. Nos sites de revenda, os clientes recebem certificados que comprovam a origem das joias, num

DIVULGAÇÃO

ROLEX LADY-DATEJUST

Embora hoje seja considerado pequeno, o modelo feminino com detalhes em ouro é acessível para os padrões da Rolex, custando cerca de 50 000 reais

processo parecido com o universo das artes. Trata-se de uma medida providencial: estima-se que as vendas de relógios adulterados causem prejuízos anuais de ao menos 10 bilhões de dólares por ano.

O movimento não passa despercebido pela indústria. Segundo levantamento da Deloitte, 65% dos executivos de grandes marcas suíças entrevistados afirmaram estar desenvolvendo estratégias para o mercado de usados. "É uma forma de acompanhar o produto ao longo de todo o ciclo de vida", afirma Cristina Proença, professora da pós-graduação de negócios e marketing de luxo contemporâneo da ESPM. "As marcas já têm o domínio completo da experiência de compra até o lançamento. Faz sentido que elas estejam presentes também no segmento de segunda mão." Não à toa, a Chrono24 recebeu investimentos do braço de inovação do conglomerado de luxo LVMH, dono de marcas como Hublot e TAG Heuer, e já vislumbra a abertura de capital.

A perspectiva é positiva. Segundo especialistas do ramo, o colapso dos criptoativos, por exemplo, fez com que muitos investidores que enriqueceram à custa de bitcoins tivessem de se desfazer de alguns itens de luxo, começando pelos relógios. O resultado é uma estabilização dos preços após o frenesi que fez com que modelos como o Nautilus 5711/1A, da Patek Philippe, saltassem de 35 000 dólares para mais de 240 000. O crescimento do mercado asiático, principalmente o chinês, também anima a indústria. Garimpar raridades — e pagar menos por elas — nunca foi tão fácil. ■

MALABARISMO PARA SOBREVIVER

A trupe canadense Cirque du Soleil chega ao Brasil após exorcizar o fantasma da falência na pandemia — volta por cima que simboliza a retomada da vida normal

RAQUEL CARNEIRO

NOVO EQUILÍBRIO O espetáculo *Bazzar:* homenagem à arte circense e aos primórdios do grupo

MARIE-ANDREE LEMIRE

O MÊS DE MARÇO de 2020 tem um lugar entre as datas mais dramáticas da história recente — daquelas que suscitam questões como "onde você estava" quando a ordem estabelecida até ali veio abaixo. O canadense Stéphane Lefebvre, CEO do Cirque du Soleil, se lembra de forma vívida da fatídica semana em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a emergência do coronavírus como pandemia. Na época atuando como diretor financeiro da empresa, Lefebvre deparou com o inimaginável. "Em seis dias fomos de 1 bilhão de dólares de receita a zero", disse ele em entrevista a VEJA *(leia mais abaixo).*

Amparado por espetáculos presenciais, com aglomeração humana de ponta a ponta — ou seja: da plateia ao palco, com a interação de dezenas de artistas —, o Cirque du Soleil se tornou um símbolo mundial do baque que o setor do entretenimento sofreu nos dois últimos anos. A demissão de 95% de seu quadro de funcionários — mais de 4 000 pessoas — e a suspensão dos processos criativos em andamento, como o desenvolvimento de novos espetáculos, foram escolhas controversas feitas pela empresa. A dívida de 900 milhões de dólares era, ainda, um agravante que levou a maior companhia circense do mundo a uma recuperação judicial para evitar a falência.

Na mesma medida em que sua queda foi um susto, a volta por cima da trupe, agora, serve como vitrine de que o dito "velho normal" está, ainda bem, de volta. Retomando o ritmo de turnês, o circo acaba de desembarcar em

“DESCOBRI A FORÇA DA RESILIÊNCIA”

O CEO Stéphane Lefebvre, 54 anos, fala sobre a crise e a reinvenção do Cirque du Soleil nos últimos anos.

Em 2020, o Cirque du Soleil entrou em recuperação judicial diante da possibilidade de quebrar. Quais são suas memórias daquele período? Ainda não tínhamos entendido a gravidade da pandemia. Numa segunda-feira, procurávamos um país para transferir o espetáculo que aconteceria na Itália – então muito afetada pela Covid-19. Na sexta, o mundo entrou em *lockdown.* Em seis dias fomos de uma empresa de 1 bilhão de dólares de receita a zero.

ENRIC FONTCUBERTA/EFE

LIDERANÇA Lefebvre: ações drásticas para contornar as dívidas e fé na força da marca

Como vê hoje as decisões seguidas naquela época? Tivemos de tomar atitudes dramáticas confiando na força da nossa marca. A mais difícil foi demitir milhares de pessoas, muitas delas pessoas queridas que trabalhavam conosco havia anos, e ainda por cima via Zoom. Foi a coisa mais difícil que fiz na vida.

Como estão essas pessoas? A maioria foi recontratada. E, durante o *lockdown,* elas continuaram treinando e ensaiando, o que nos possibilitou retomar os espetáculos de onde paramos.

Quais lições aprendeu com essa crise? Descobri a força da resiliência. Tivemos muitas razões para desistir, mas não desistimos. Desenvolvemos novos músculos e ficamos mais flexíveis. Investimos no virtual e planejamos novas experiências presenciais.

A falência era de fato uma possibilidade? Não para mim, pois eu acreditava que encontraria investidores dispostos a injetar verba na empresa, como ocorreu. Meu receio era de que o público não iria voltar. Quando reabrimos em Las Vegas, em junho de 2021, os ingressos logo esgotaram. A pandemia nos fez valorizar o presencial.

São Paulo, onde fica até 27 de novembro, no Parque Villa-Lobos, antes de levantar sua tenda no Rio de Janeiro, em uma curta temporada, de 8 a 31 de dezembro, no estacionamento do Riocentro. O espetáculo eleito para ser encenado no Brasil é sintomático do recomeço. Lançado em 2018, mas inédito por aqui, *Bazzar* é uma homenagem à arte circense e aos primórdios do próprio grupo, que se apresentava nas ruas de Quebec, no Canadá, em 1984, conduzido pelo acrobata Guy Laliberté. O artista visionário (e um fanático por pôquer, com ganhos e perdas na casa do milhão) vendeu, em 2015, sua participação majoritária no circo por 1,5 bilhão de dólares. Hoje, Laliberté atua como um "amigo conselheiro" para Lefebvre — promovido ao posto de CEO na reestruturação da companhia, no fim de 2020.

O processo de resgate passou pelo aporte de capital de 375 milhões de dólares de uma empresa canadense de gestão de investimentos. A verba deu novo fôlego ao Cirque. A crise, no fim das contas, fez com que a trupe ganhasse nova musculatura e maior flexibilidade — numa analogia do próprio CEO com os artistas da casa, que ostentam habilidades físicas extraordinárias. "Acho que eles não têm ossos", brinca Lefebvre, que recontratou os funcionários dispostos a voltar.

Não há dúvida de que esses artistas são a força motriz da companhia. O show *Bazzar* conta com mais de 100 pessoas de 23 nacionalidades, fora a estrutura que empre-

ga 150 funcionários locais. A destreza sobre-humana dos acrobatas se revelou um ativo precioso para a companhia nas redes sociais — um legado do *lockdown* foi aumentar o consumo de arte na internet. No famigerado TikTok, o circo encontrou um filão que arrebanha milhões: a combinação de ensaios dos espetáculos, entre erros e acertos, com mensagens motivacionais sobre persistência. É preciso mesmo muito malabarismo para sobreviver. ■

POR TRÁS DA COREIA POP

No momento em que *Round 6* faz história, VEJA mergulha na cultura do país asiático para desvendar a força de seu soft power

THIAGO MATTOS, de Seul

MANIA GLOBAL
Os artistas do **BTS**: a banda respondeu por 0,3% do PIB coreano

MICHAEL STEWART/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

Nas últimas semanas, a expectativa sobre o destino da série *Round 6* no Emmy suscitou reações ambivalentes na Coreia do Sul. No país de origem do fenômeno da Netflix, a imprensa celebra em tom ufanista a façanha da produção: com catorze indicações, inclusive nas categorias principais, *Round 6* levou um programa estrangeiro a invadir de forma inédita a maior premiação da TV americana. Os resultados mais importantes serão conhecidos só no próximo dia 12, mas a série garantiu antecipadamente quatro estatuetas em

quesitos técnicos, dando à Coreia suas primeiras vitórias no Emmy. Mesmo na hipótese de não levar mais nada, o país já fez história. Os coreanos, contudo, já não se impressionam tanto. Por uma razão simples: da TV ao cinema, passando pelo k-pop de grupos musicais como o BTS, os coreanos já se acostumaram a ver suas produções culturais no topo do mundo. Sean Dulake, ator, produtor e protagonista da novela *Dramaworld*, uma das produções coreanas mais vistas na América Latina, explicou a VEJA a sensação no país no momento: "Existe uma efervescência. São tempos fantásticos para ser uma pessoa criativa por aqui".

Os números ilustram o êxito fabuloso da Coreia do Sul na propagação de seu soft power — a capacidade de um país de se impor (e lucrar) com seu entretenimento. A indústria cultural sul-coreana movimentou, só no ano passado, mais de 11,6 bilhões de dólares. Para se ter uma ideia da importância que o setor alcançou, o BTS, banda mais bem-sucedida do país, foi responsável por quase 0,3% do PIB da décima maior economia do planeta. A Netflix já investiu mais de 700 milhões de dólares na produção de conteúdo no país. O governo coreano estima que haja no mundo 100 milhões de fãs autodeclarados da cultura pop local — quase o dobro de sua população. Após ser lembrada por várias gerações apenas pelo conflito armado com seu vizinho do Norte, não é exagero dizer que, na última década, nenhuma outra nação ascendeu tanto no nosso imaginário coletivo quanto a Coreia do Sul.

JUNG YEON-JE/AFP

ONIPRESENÇA Imagens do k-pop em Seul: popularidade com muito peso político

A história do triunfo dessa nova superpotência cultural não possui catalisador único — e às vezes causa surpresa até para os próprios coreanos. Esse fenômeno tem um nome: Hallyu, termo chinês que significa “onda coreana”. Do hit *Gangnam Style*, que já completa dez anos, até o estrondoso *Round 6,* o movimento se tornou um verdadeiro maremoto. A Hallyu é fruto de uma tempestade perfeita que envolve ambição e senso de oportunidade de múltiplos setores da sociedade, com destaque para o papel do Estado no incentivo ao setor. Bonnie Tilland, antropóloga da Universidade Yonsei, atesta: “Sem a supervisão do governo, é improvável que o entretenimento tivesse alcançado o sucesso de hoje”.

NOH JUHAN/NETFLIX

FENÔMENO *Round 6:* a série da Netflix invadiu a praia da TV americana no Emmy

Um célebre relatório oficial de 1994 revelava como o tema se convertera em questão nacional, ao apontar que um único arrasa-quarteirão americano — o filme *Parque dos Dinossauros*, de Steven Spielberg — havia faturado cerca de 850 milhões de dólares em um ano, quase o lucro obtido com a venda no período de 1,5 milhão de carros de uma das maiores montadoras nacionais, a Hyundai. A ideia de que produtos culturais poderiam ser tão rentáveis quanto os industriais passou a ganhar espaço nos círculos de poder do país em um momento sensível de sua economia, na época quase totalmente voltada à exportação de industriais — e de desilusão diante da grande crise financeira da Ásia dos anos 1990.

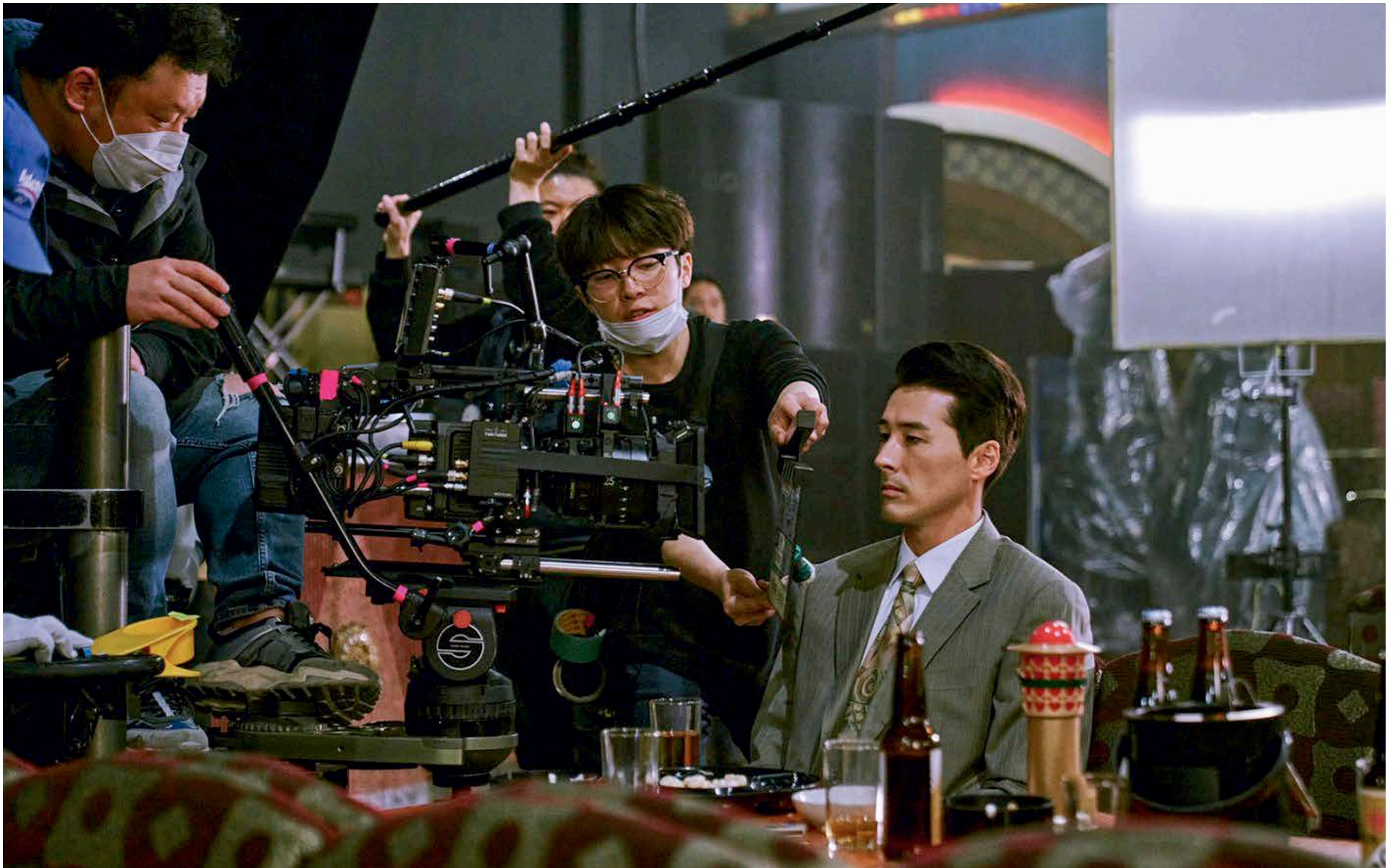
As agruras econômicas trouxeram um efeito colateral benéfico. “A crise foi traumática para a Coreia, mas serviu de pontapé para a indústria cultural no exterior”, diz CedarBough Saeji, professora da Universidade de Busan. Os primeiros produtos pop coreanos para exportação, as novelas, foram comprados pelos países vizinhos por ser mais baratos que os vindos dos Estados Unidos e outros países, dada a desvalorização brutal sofrida pelo won sul-coreano. E logo caíram no gosto popular. “Em meio ao noticiário terrível sobre desemprego e falências, as únicas histórias felizes eram sobre o sucesso das novelas e grupos de k-pop nos países vizinhos — algo impensável até então”, diz Saeji.

O governo teve peso inicial importante, ao incentivar conglomerados familiares como Hyundai e Samsung a investir. Mas, como lembra Saeji, “não teve absolutamente nenhum papel no processo criativo — que é o que fascina o mundo”. A bem da verdade, a relação entre os órgãos governamentais e a cultura do país nem sempre foi tranquila: houve casos de perseguição e censura, mesmo após a Coreia chegar à plena democracia, no final dos anos 1980. Talvez o exemplo mais notável seja o do diretor Bong Joon-ho, do sucesso *Parasita*. Devido à postura crítica ao governo da ex-presidente Park Geun-hye, o cineasta foi incluído numa lista negra secreta de artistas, sendo banido de programas de incentivo. Em 2017, Geun-hye sofreu impeachment por corrupção — e três anos

ONLY FRANCE/AFP

POLO CULTURAL O agito noturno em Gangnam *(acima)* e imagens do apelo pop do bairro: de terreno baldio a tema de hit

CORBIS/GETTY IMAGES

CORBIS/GETTY IMAGES

THIRD CULTURE CONTENT

ASTRO DO K-DRAMA O ator Sean Dulake: "Coreia e Brasil adoram novelas"

depois Bong Joon-ho traria o primeiro Oscar da história da Coreia. Em certa medida, a criatura chamada k-pop se tornou até mais poderosa que as autoridades: o governo vive sob pressão para mudar leis e livrar os astros do BTS do serviço militar.

A expansão do pop *made in Korea* tem a ver, inclusive, com a geopolítica. Por duas décadas, o mercado chinês foi seu maior consumidor. Isso até 2016, quando o governo sul-coreano fez acordo com os Estados Unidos para instalação de um escudo antimísseis em seu território — o que o governo chinês entendeu como afronta. Como consequência, um banimento sistemático dos produtos culturais coreanos ocorreu no país vizinho. O impacto econô-

NETFLIX

EXPORTAÇÃO *Uma Advogada Extraordinária:* novo fenômeno do streaming

mico foi gigantesco, mas não demorou para acontecer uma reconfiguração: os esforços foram redirecionados ao mercado americano.

Não por coincidência, ainda naquele ano o BTS e outros astros do k-pop deslancharam no Ocidente. Inclusive no Brasil, sexto maior mercado para os produtos culturais coreanos — e segundo fora da Ásia. Impressionado pelo sucesso de sua série no Brasil, o astro Sean Dulake enxerga paralelos entre as culturas: “Apesar das diferenças, as duas nações adoram as novelas”. A prova disso está no ar: *Uma Advogada Extraordinária*, mais recente hit da Netflix no país (e no mundo), é um legítimo k-drama.

A transformação de um país do tamanho de Pernambuco em gigante global da cultura é um caso com que o Brasil e outros países têm a aprender. Como a jornalista coreano-americana Euny Hong relata em *The Birth of Korean Cool* ("O nascimento da Coreia descolada", inédito no país), até há não muito tempo a Coreia era tida como "brega". No livro, a autora fala da juventude no bairro de Gangnam — na época, basicamente um terreno baldio, agora tomado por arranha-céus e boêmia. A área de Seul foi parar na boca de jovens mundialmente com o hit de PSY. "A surpresa foi tão grande para nós quanto para o resto do mundo", disse a autora. Hoje, ninguém mais se espanta com a força da letra k. ■

PODEROSAS SEM FILTRO

Em *Gente de Coragem*, Hillary Clinton e a filha, Chelsea, abordam histórias e desafios femininos — inclusive os do período na Casa Branca, conforme relataram em entrevista a VEJA **KELLY MIYASHIRO**

MULHERES FORTES Hillary e Chelsea Clinton na série: uma nova face de duas figuras superexpostas mundialmente

APPLE TV+

EM CONVERSA com uma reverenda e celebrante de casamentos, Hillary Clinton explica seus motivos para ter permanecido casada com Bill Clinton mesmo após o então presidente dos Estados Unidos protagonizar um escândalo sexual envolvendo charutos e a estagiária da Casa Branca Monica Lewinsky, na década de 90. "Você disse que a coisa mais corajosa que já fez foi ficar nesse relacionamento. Como isso funcionou?", pergunta a interlocutora à poderosa ex-primeira-dama, secretária de Estado e candidata à Presidência americana no quarto episódio de ***Gente de Coragem,*** nova série documental da Apple TV+, já disponível no streaming. Ao lado da filha, Chelsea, que viveu no olho do furacão conjugal quando criança e agora divide a apresentação da série com a mãe, Hillary explica que fez o que julgou certo para si após se aconselhar com amigos. "A decisão da vida privada mais difícil que já tive de fazer foi a de ficar no meu casamento. Levou tempo, mas hoje estou confortável com isso", disse ela em entrevista a VEJA pelo Zoom, junto de Chelsea. "Não tenho arrependimentos."

Na época, lá se vão 24 anos, a escolha de Hillary suscitou ironias implacáveis em todo o mundo — algo inevitável quando se é a esposa traída do chefe de Estado da maior potência mundial. A mágica de *Gente de Coragem* é ver ela e a filha se abrindo com franqueza sobre suas experiências nos bastidores do poder, enquanto discutem a condição feminina com mulheres de diferentes perfis. Nos oito episódios, as duas revisitam dramas antigos, as raízes dos Clinton no Arkansas,

THIELKER/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

PRESIDÊNCIA As duas com Bill Clinton: escândalo sexual e escrutínio feroz

além de contar histórias inspiradoras de mulheres resilientes, empoderadas, destemidas e até desacreditadas — como as bombeiras que lutam por espaço nos quartéis, ativistas do clima, cientistas, viúvas, comediantes, militantes da comunidade LGBTQIA+ e negra. O programa também entrevista celebridades dispostas a usar sua voz para mudar o mundo, como a influenciadora digital e bilionária Kim Kardashian, que estudou direito para ajudar pessoas negras presas e condenadas a penas desproporcionais aos crimes cometidos.

Produzida pelas próprias mulheres do clã Clinton, a série se baseia na obra *The Book of Gutsy Women* (O livro das mulheres corajosas, em tradução livre), que as duas lança-

APPLE TV+

DESTEMIDAS Bombeiras dão treinamento a Chelsea *(à dir.):* mulheres no fogo

ram em 2019. Ágil e comovente, o programa mostra que elas estão dispostas a seguir os passos da família de outro presidente americano democrata e pop, Barack Obama, na busca pelo sucesso no streaming. No caso de Hillary, que em 2020 já havia estrelado sozinha uma série da plataforma Hulu, é um pouco mais que isso: aos 74, ela tem a chance de quebrar de vez a pecha de antipática e fria que os detratores — com um tanto de machismo, claro — colaram à sua imagem.

Na entrevista a VEJA, Hillary e Chelsea contam por que decidiram cutucar feridas antigas de suas vidas já amplamente expostas. "Não bolamos um roteiro para o programa, especialmente sobre o que os outros perguntariam para nós. Mas nos-

sas histórias se encaixaram no esforço de ressaltar como mulheres tomam decisões corajosas em suas vidas", disse a ex-secretária de Estado. Nas suas impressões sobre os desafios do poder, Hillary também não titubeia ao reconhecer qual a decisão mais difícil de sua vida pública: concorrer à Presidência na eleição que acabou perdendo para Donald Trump, em 2016. "Foi um momento duro e difícil. Mas eu igualmente não tenho arrependimentos sobre o que fiz", declarou.

No caso de Chelsea, as experiências não são menos dramáticas. A filha única dos Clinton cresceu sob escrutínio devastador da mídia. Aos 42 anos, guarda traumas — no primeiro episódio, ela expõe como foi terrível ser alvo de piadas de humorísticos e comentaristas conservadores. "Não fiz terapia ou aconselhamento, mas sou grata a minha mãe e meu pai, que sempre deixaram claro não ser aceitável adultos fazerem piadas com uma criança", disse a VEJA. "Doeu, mas eu sabia que não era sobre mim."

Entre bate-papos profundos e gargalhadas, Hillary até relembra no documentário um episódio inusitado sobre o Brasil. Ela conta que parou de usar saias após ter tido sua calcinha fotografada durante um encontro com a então primeira-dama Ruth Cardoso, em visita ao país nos anos 1990. A polêmica foto foi usada como propaganda de uma marca de lingerie, causando saia justa internacional à época. Apesar disso, a política garante não guardar mágoas: "Aprendi ali uma importante lição". As confissões das poderosas sem filtro são reveladoras. ■

UMA MENTE SINGULAR

No terror *Men: Faces do Medo*, o inglês Alex Garland cruza novas fronteiras ao retratar o luto e a misoginia – provando que, como autor ou diretor, é sempre original **RAQUEL CARNEIRO**

REFERÊNCIAS Jessie Buckley em *Men:* o pecado original bíblico dá início, no filme, aos horrores de ser mulher

KEVIN BAKER/MEN FILM RIGHTS

MONICA SCHIPPER/GETTY IMAGES

INTELECTUAL
Garland: discípulo de Kubrick e neto de Nobel de Medicina, mas com problemas de autoestima

O INGLÊS Alex Garland esboçou a primeira versão de ***Men: Faces do Medo*** *(Men,* Reino Unido, 2022) há quinze anos — e sua temática ficou, com o tempo, ainda mais urgente. O terror filosófico já em cartaz nos cinemas expõe os piores cenários possíveis para uma mulher, do relacionamento tóxico ao julgamento advindo da culpa cristã, até o pavor de ser perseguida por um estranho. Quando mostrou o roteiro a um amigo, o diretor de 52 anos ouviu a resposta de praxe — a de que se tratava de uma análise feminista sobre os "perigos do patriarcado". Outro conhecido, porém, interpretou o mesmo texto como um retrato das mulheres que enlouquecem os homens. "Não tenho controle sobre as interpretações — e não quero entregar respostas numa bandeja", disse Garland sobre suas tramas enigmáticas em entrevista recente.

A um só tempo profundo, surpreendente e pop, Garland é uma mente singular no entretenimento. Ele estourou aos 25 anos, em 1996, como garoto prodígio da literatura britânica. Seu romance *A Praia,* adaptado em 2000 para o cinema com Leonardo DiCaprio, mostrava o mal-estar por trás da animação libertária da geração das raves. A partir do êxito literário, as amplas ambições de seus roteiros ajudaram a colar em Garland o selo de intelectual. Especialmente com sua estreia na direção de filmes, o brilhante *Ex_Machina,* de 2014: a memorável ficção científica fala sobre uma androide sensual que usa

a misoginia humana como vantagem evolutiva a seu favor.

Filho de um cartunista político e de uma psiquiatra (que, por sua vez, é filha de um Nobel de Medicina), Garland cresceu envolto pelos temas que retrata. Da distopia biológica *Aniquilação* (2018) à minissérie permeada de postulados da mecânica quântica *Devs*, disponível no Star+, sua obra tem sede de experimentações narrativas — mas nunca perde de vista o entretenimento. Com *Men*, ele elevou a régua dessa busca. Em luto, a protagonista Harper (Jessie Buckley) aluga uma casa no interior da Inglaterra. A paz é interrompida por uma estranha sequência de perseguidores masculinos (todos interpretados pelo estupendo Rory Kinnear). No início, quando come uma maçã do quintal da casa, Harper é repreendida numa brincadeirinha pelo proprietário. "Esse é o fruto proibido", diz ele, numa referência ao pecado original da figura bíblica de Eva. Para mentes em ebulição, nenhuma pista passará batida.

A destreza para unir elementos do terror aos campos da psicologia, da religião e da filosofia faz de Garland um discípulo aplicado de Stanley Kubrick (1928-1999), diretor de clássicos como *2001 — Uma Odisseia no Espaço* (1968). A comparação ilustre, porém, não exorciza um fantasma pessoal: Garland é acometido pela "síndrome do impostor" — termo aplicado àqueles que se autossabotam por se achar uma fraude. Humilde, ele vê as críticas a seus filmes como prova de sua falta de estudo na área — razão pela qual planeja parar de dirigir por um tempo e voltar à literatura. Jogando em qualquer posição, continuará sendo Alex Garland — ainda bem. ■

WALCYR CARRASCO

VOCAÇÃO: GURU

A profissão de palpitar na vida alheia continua sendo um sucesso

SER GURU sempre foi uma excelente carreira. Houve a época dos gurus indianos como o Maharishi, que, impulsionados pelos Beatles, se projetaram no mundo, passaram a ganhar em dólares e dificilmente mantiveram a dieta de arroz integral. Bandos de jovens ocidentais foram para a Índia, onde entravam em conexão com o cosmo limpando e lavando o espaço da seita, os aposentos do guru e tudo mais — para adquirir transcendência.

Há gurus de marketing, de preparação física, de vida amorosa. Tornar-se um é muito lucrativo. Não é preciso jejuar, dormir sobre tábuas e dar exemplos diários de humildade e elevação, como os mestres indianos. Pelo contrário. Adotam a máxima de que cuidar bem do corpo é um ato espiritual — e nisso estão incluídos os menus degustação.

Já assisti ao surgimento de vários gurus. Um deles, por exemplo, era analista de marketing. Perdeu o emprego careta. Fiquei sem vê-lo por algum tempo. Quando nos reencontramos, ele se especializara num tratamento alternativo que, com alguns apertões em certas áreas do corpo, faria a pessoa esquecer todos os traumas e desabrochar como ser humano.

Não fui experimentar, não posso opinar sobre a qualidade. Mas ele estava pleno, tendo alcançado seu lugar no mundo. Os que explodem com livros e palestras ficam até ricos. Raramente dizem bobagens. Seu escopo é jogar as pessoas para cima, propor superações.

Em geral um guru, desde novinho, fala o que é certo, errado, do que se deve fugir, e o que abraçar. Um bom livro de literatura é mais profundo sobre a vida do que qualquer um dos seus textos. Mas eles facilitam, simplificam, mastigam ideias.

Qual a fórmula para se tornar um guru? Em primeiro lugar, a atitude de querer dar palpite na vida alheia. É preciso ter o prazer de aconselhar, encaminhar, até mesmo ameaçar com uma vida horrível caso a pessoa não siga suas instruções.

Fundamental também é conhecer a área sobre a qual estabelecer seus tentáculos. É preciso estar presente no que se acredita. Nunca vou esquecer do meu trauma ao conhecer um

“Se você encontrar alguém que diz como viver, dá dicas de como agir num contato com aliens, pense bem”

professor de ioga barrigudo. Sei muito bem que ioga não é para emagrecer. Mas... foi uma surpresa!

Gostar de ganhar bem é um ponto importante. É preciso fazer contas, vender palestras, livros, cursos. Hoje em dia vive-se uma explosão de cursos on-line, e a autoajuda é um dos terrenos mais prolíficos. É preciso acreditar no que diz, agir como prega. Com a internet, a vida do guru se tornou mais espinhosa, qualquer tropeço vira meme, notícia... risco de cancelamento!

Os gurus que conheci ao longo da vida reuniam todas essas características. Eu prefiro não seguir gurus, nem ser um... Não se esqueça, é perigoso deixar que alguém se aposse de sua vida. Pense bem. Só dou um conselho. Se você encontrar alguém que diz como viver, dá dicas de como economizar ou de como agir num futuro contato com alienígenas, reflita se quer mesmo esse guru. Afaste-se e vá cuidar da própria vida. Só não deixe que ele cuide da sua. Por que é isso que ele mais ama: palpitar na vida alheia. ■

O GRANDE RETORNO
Julia Roberts e George Clooney em *Ingresso para o Paraíso:* romantismo nostálgico

CINEMA

INGRESSO PARA O PARAÍSO

***(Ticket to Paradise.* Estados Unidos, 2022. Em cartaz)**

Lily (Kaitlyn Dever) acabou de se formar na faculdade. Durante a viagem de formatura ao lado da melhor amiga para Bali, na Indonésia, a jovem se apaixona perdidamente por um morador local e decide se casar. Quem não gosta nada da história são seus pais, Georgia (Julia Roberts) e David (George Clooney), que estão divorciados há anos e vivem em pé de guerra. Obstinados em sabotar o casamento da filha, os dois se unem para impedir que ela cometa o que ambos julgam ser o mesmo erro deles. O clima romântico e inebriante da ilha, porém, aguça certas memórias e vira o passaporte ideal para o ex-casal se reaproximar. Nostálgico, o filme resgata o espírito clássico das comédias românticas que fizeram Julia Roberts famosa — e seu retorno ao gênero vem numa inspirada parceria com Clooney.

VINCE VALITUTTI/UNIVERSAL STUDIOS

A LUTA DE UMA VIDA

***(The Survivor,* Estados Unidos/Canadá, 2022. Em cartaz nos cinemas)**

Harry Haft (Ben Foster) é um boxeador de origem polonesa em ascensão na Nova York de 1949, determinado a ganhar notoriedade para reencontrar seu amor da juventude — de quem foi separado pelos nazistas na II Guerra. Ex-prisioneiro em Auschwitz, Harry é aterrorizado pela culpa: no campo de concentração, foi usado por um oficial alemão para lutar contra outros judeus até a morte, como forma cruel de entretenimento. Dirigido pelo oscarizado Barry Levinson, o longa é baseado no livro de memórias do filho do lutador real. O drama expõe não só os traumas do Holocausto: transmite, sobretudo, uma mensagem comovente sobre a resistência do amor.

JESSICA KOURKOUNIS/HBO

TRAUMA *A Luta de uma Vida:* a busca pelo amor após horror de Auschwitz

DISCO

AGAINST THE ODDS: 1974-1982,

de Blondie (Universal; já nas plataformas de streaming)

Quando Debbie Harry e Chris Stein fundaram o Blondie, em meados dos anos 1970, o mundo vivia a transição do punk para a new wave — tendência que adicionava elementos da discoteca e do reggae ao rock. A banda americana levou a receita ao estado de arte em hits como *Call Me*, *Atomic* e *Heart of Glass*. Seu legado ainda atualíssimo se comprova nessa luxuosa coletânea tripla, com 52 faixas e raridades — como o registro por vezes cru da banda em estúdio nos seus anos essenciais. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 56#] GALERA RECORD

2 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [0 | 8#] BERTRAND BRASIL

3 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [3 | 39#] GALERA RECORD

4 **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [6 | 9] ARQUEIRO

5 **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [8 | 23#] BUZZ

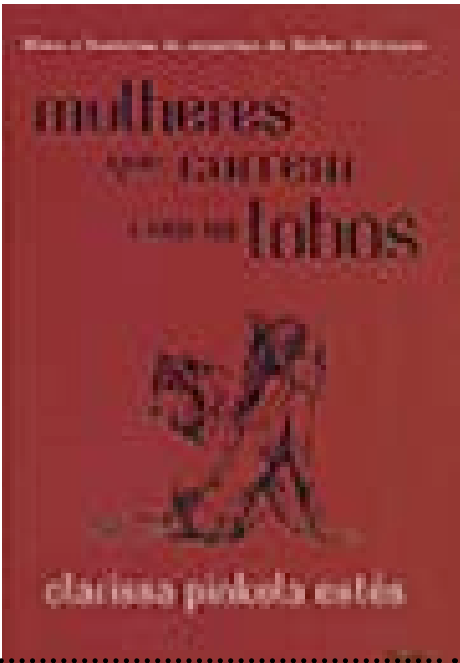
6 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [4 | 72#] PARALELA

7 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [10 |196#] VÁRIAS EDITORAS

8 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 23#] GALERA RECORD

9 **O LADO FEIO DO AMOR**
Colleen Hoover [2 | 12#] GALERA RECORD

10 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [9 | 151#] FARO EDITORIAL

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [3 | 122#] ROCCO

2 **PASSAPORTE 2030**
Guilherme Fiuza [0 | 3#] AVIS RARA

3 **LUIZA HELENA – MULHER DO BRASIL**
Pedro Bial [1 | 3#] GENTE

4 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [4 | 12] GLOBO LIVROS

5 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [6 | 288#] VÁRIAS EDITORAS

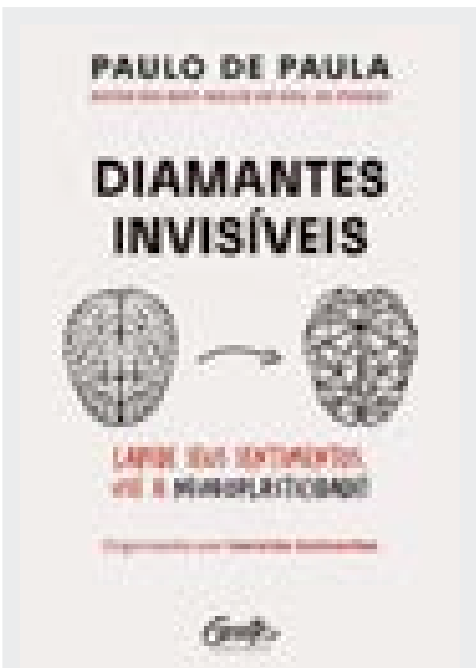
6 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [2 | 174#] OBJETIVA

7 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [9 | 7#] BESTSELLER

8 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [7 | 288#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

9 **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE**
Abel Ferreira [5 | 21#] GAROA LIVROS

10 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [10 | 83#] DARKSIDE

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 DIAMANTES INVISÍVEIS
Paulo de Paula [0 | 1] GENTE

2 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA
George S. Clason [2 | 92#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA
T. Harv Eker [4 | 383#] SEXTANTE

4 MAIS ESPERTO QUE O DIABO
Napoleon Hill [3 | 173#] CITADEL

5 PAI RICO, PAI POBRE
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [7 | 93#] ALTA BOOKS

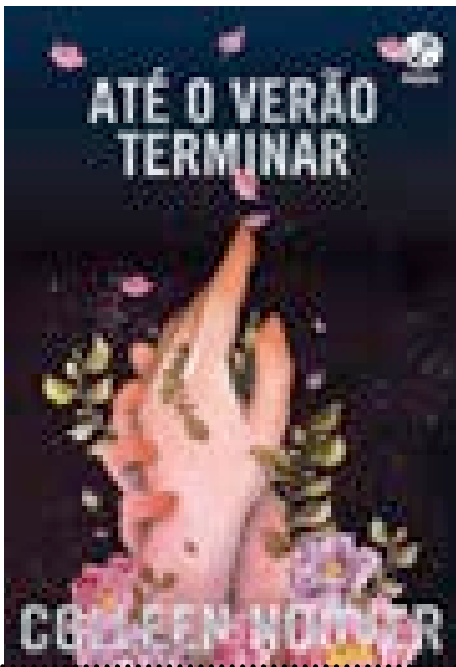
6 QUEM PENSA ENRIQUECE
Napoleon Hill [6 | 98#] CITADEL

7 O PODER DA CURA
Reginaldo Manzotti [1 | 10#] PETRA

8 COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS Dale Carnegie [8 | 58#] SEXTANTE

9 ESPECIALISTA EM PESSOAS
Tiago Brunet [0 | 23#] ACADEMIA

10 MINDSET
Carol S. Dweck [5 | 126#] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 30#] GALERA RECORD

2 **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [7 | 59 #] INTRÍNSECA

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [9 | 356#] ROCCO

4 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [8 | 347#] VÁRIAS EDITORAS

5 **EU E ESSE MEU CORAÇÃO**
C.C. Hunter [0 | 2#] JANGADA

6 **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [0 | 125#] ROCCO

7 **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [3 | 75#] SEGUINTE

8 **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 42#] INTRÍNSECA

9 **TODO ESSE TEMPO**
Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [6 | 7#] ALT

10 **MIL BEIJOS DE GAROTO**
Tillie Cole [10 | 37#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Belém**: Leitura, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Cultura, Leitura, **Campinas**: Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem – E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

A VOZ DA MAIORIA

SAIU DE CASA cedo, passou no fórum e deixou a petição baseada numa inovadora lei estadual. O juiz aceitou e Celina Guimarães Rosa, 29 anos, professora em Mossoró, Rio Grande do Norte, tornou-se a primeira eleitora brasileira.

Quatro meses depois, Alzira Teixeira Soriano, 32 anos, elegia-se prefeita de Lajes, velha paragem de tropeiros entediados com a monotonia daquele trecho semiárido da Depressão Sertaneja, distante 130 quilômetros de Natal.

Celina e Alzira são referências do "voto de saias", resultado do ativismo da bióloga Bertha Lutz na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que incitava "o rompimento dos tabus e preconceitos relativos à libertação da mulher" no Brasil de 1928.

Quase um século depois, as mulheres exibem força inédita na eleição. Quatro disputam a Presidência da República e cinco a Vice-Presidência. Ocupam 17% das candidaturas aos governos estaduais, 23% ao Senado, 34% à Câmara e 33% às Assembleias Legislativas. Houve avanço significativo, mas a participação das mulheres na representação política continua muito abaixo da dimensão do eleitorado feminino.

Donas de 53% dos votos disponíveis, elas receberam ape-

nas um terço das candidaturas. Aos homens foram reservadas duas de cada três vagas. E assim garantiu-se a continuidade da hegemonia da voz masculina nos partidos, nos governos e nas Casas Legislativas até a próxima eleição.

Não foi acaso. Homens controlam toda a burocracia partidária e agiram dessa forma para concentrar mais dinheiro do fundo eleitoral nas candidaturas a presidente, governador e senador, onde a presença masculina beira os 80%. Fez-se um "ajuste" de contas, com dribles nas regras de financiamento das vagas obrigatórias (30%) para mulheres na concorrência à Câmara dos Deputados e às Assembleias Legislativas.

O sistema de incentivos estabelecido na legislação para atrair mais candidatas se provou funcional. Mas, também, limitado. "As cotas deveriam ser um piso nas chapas e, na prática, tornaram-se um teto" — constatou a pesquisadora Débora Thomé, coautora do excelente livro *Mulheres e Poder*.

É irônico. No século passado, quando Bertha Lutz viajava pelo país recrutando pioneiras, oito de cada dez mulheres brasileiras eram analfabetas. Agora, elas têm mais anos de escolaridade que a população masculina, somam metade das crianças na pré-escola, 53% do ensino médio, 57% do ensino superior e 56% dos cursos de mestrado e doutorado. Mesmo assim, eles continuam absolutos no comando político.

A igualdade de gênero permanece à margem da agenda de prioridades nacionais. A força da "ordem" masculina fica eloquente na ausência de programas específicos, e eficientes, para a saúde feminina, assim como na contínua obstru-

“Na eleição, elas contestam o comando e os vícios masculinos”

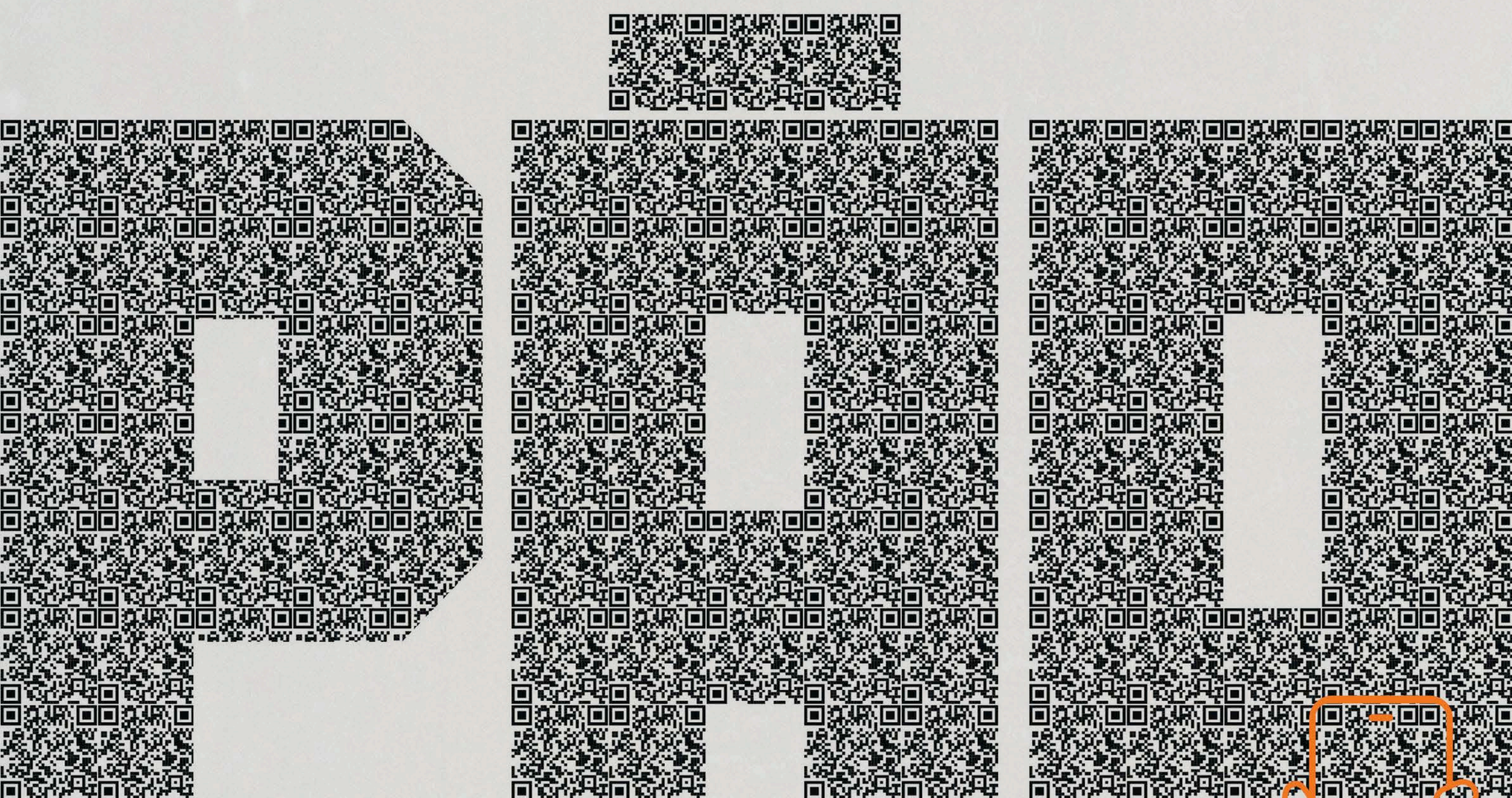
ção dentro do Congresso de projetos para a partilha igualitária da estrutura de comando dos partidos sustentada com dinheiro público.

Convenções do patriarcado transparecem, por exemplo, nas dificuldades cotidianas de Lula, Jair Bolsonaro e Ciro Gomes, donos de 80% da preferência na disputa presidencial, em fazer campanha num país onde mulheres são maioria e se mostram mais veementes na reivindicação de paridade de direitos, medida de qualidade da democracia. Eles atravessaram a vida na política falando, basicamente, para homens. Na última quinzena foram surpreendidos pela veemência feminina em entrevistas e debates.

Bolsonaro se repete no destrato às mulheres. No debate presidencial atacou uma jornalista e provocou Ciro Gomes sobre um episódio de machismo, que retrucou acusando-o de corromper mulheres e filhos. Lula se desviou de “compromissos” com questões relevantes na igualdade de gênero. Perderam a bússola diante de cobranças das candidatas Simone Tebet e Soraya Thronicke. Desde então, o trio de candidatos tateia a comunicação com o eleitorado feminino.

A pandemia foi decisiva ao comportamento mais crítico das mulheres. A grande maioria é pobre, chefia família e ainda não conseguiu recuperar ocupação e renda, geralmente em escala inferior ao dos homens. As pesquisas realçam o julgamento comum e negativo, em diferentes estratos sociais, do descontrole governamental na crise pandêmica. Está na raiz da rejeição recorde a Bolsonaro e, em contraste, da vantagem daquele que é reconhecido como o seu principal adversário eleitoral, Lula.

É salutar essa percepção feminina de que alguma coisa está fora da ordem democrática. Deveria nortear o próximo governo. ■

APONTE O CELULAR
PARA NÃO FALTAR

OU ACESSE:
G10FAVELAS.COM.BR